

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

FERNANDA CALLEFI PANICHELLA

A CRIAÇÃO VOCABULAR EM *BLOGS*: MOTIVAÇÕES E ANÁLISES

MARINGÁ - PR

2014

FERNANDA CALLEFI PANICHELLA

A CRIAÇÃO VOCABULAR EM *BLOGS*: MOTIVAÇÕES E ANÁLISES

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, com requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Messias Alves da Silva.

MARINGÁ - PR

2014

FERNANDA CALLEFI PANICHELLA

**A CRIAÇÃO VOCABULAR EM *BLOGS*: MOTIVAÇÕES E
ANÁLISES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado e Doutorado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração Estudos Linguísticos.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Manoel Messias Alves da Silva
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
- Presidente -

Profa. Dra. Ana Cristina Jaeger Hintze
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Prof. Dr. Bruno Oliveira Maroneze
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

AGRADECIMENTOS

A Deus. Sem ele e sua imensa misericórdia não seria possível chegar até aqui.

Aos meus pais, José Álvaro Callefi e Sirley Ugnani Callefi, pelo incentivo e apoio durante o curso e pelo acompanhamento e ajuda na elaboração deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Manoel Messias Alves da Silva, orientador desta pesquisa, pelo estímulo no desenvolvimento do tema, pela colaboração, pelo exemplo de profissionalismo e dedicação.

Ao meu esposo Ricardo, pelo incentivo e compreensão nas horas mais difíceis.

Aos meus colegas do Programa de Pós-Graduação em Letras, pelos proveitosos debates em torno da importância da língua.

À Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da UEM pelo apoio financeiro.

À Universidade Estadual de Maringá, meu maior orgulho.

A todos aqueles que, direta e indiretamente, contribuíram para a elaboração deste trabalho.

Não se pode essencialmente compreender os efeitos simbólicos da linguagem sem levar em conta o fato, mil vezes atestado, de que a linguagem é o primeiro mecanismo formal cujas capacidades geradoras são ilimitadas. Não há nada que não se possa dizer o nada. Pode-se enunciar tudo na língua, isto é, nos limites da gramaticalidade.

Pierre Bourdieu

RESUMO

PANICHELLA, F. C. **A criação vocabular em *blogs*: motivações e análises**. 2014. 114 f. Orientador: Prof. Dr. Manoel Messias Alves da Silva. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

Esta Dissertação tem como objetivo principal analisar a ocorrência de neologismos em três *blogs* ou diários da Região Sul do Brasil – correspondendo aos Estados do Paraná (PR), Santa Catarina (SC) e Rio Grande do Sul (RS) – com sistematização nas fichas neológicas. Também foram demonstrados os assuntos que mais propiciam a produção de neologismos, a classe de palavras mais predominante para a formação dos neologismos e o tipo de neologia mais encontrado. Foram examinadas as formações denominadas de “e-comunicação” com o intuito de abordar essas criações para a fala, estudar as formações de tais unidades lexicais, já que elas não insinuam apenas a produção de um novo recorte antropocultural e de unidade linguística que lhes corresponde, mas também a resposta àquelas necessidades socioculturais. Utilizou-se como ferramenta para a manipulação do *corpus* o programa *Microsoft Word*, em que foi possível armazenar o *corpus* dos três *blogs* no período compreendido do dia 13/2/2012 até o dia 13/2/2013, como também, com auxílio do programa, foi verificado o número de ocorrências nas mensagens dos *blogueiros* e nos *posts*, por meio da ferramenta localizar, que identificou os neologismos solicitados e, assim, foi possível detectar quantas vezes determinado neologismo apareceu em cada *blog*. O estudo demonstra 37 neologismos utilizados pelos *blogueiros* que foram analisados nas fichas neológicas, dos quais 29 ocorrências pertencem ao *blog* que representa o Estado do PR, sete neologismos foram produzidos no *blog* que representa SC e um foi encontrado no *blog* que representa o Estado do RS. Após este procedimento, foi analisado o número de ocorrências desses neologismos contando o número de ocorrência dos *blogueiros* e o número de ocorrências dos *posts* dos leitores, totalizando 120 neologismos. Destes, 77% foram encontrados no *blog* que representa o Estado do PR, 22% no *blog* que representa SC e apenas 1% no *blog* que representa o RS. A política e o futebol foram os assuntos que mais motivaram a criação dos neologismos. Também foi possível constatar que os neologismos são utilizados tanto para denunciar, criticar, satirizar ou mesmo para denominar algo. Além disso, a classe de palavras mais recorrente para a formação dos neologismos foi a dos substantivos. Por fim, a neologia que predominou foi a estilística devido ao gênero *blog*, que exige mensagens cada vez mais criativas, para dessa forma atrair cada vez mais a atenção dos leitores.

Palavras-chave: *Blog*; Brasil; Neologismo; Região Sul.

ABSTRACT

This Dissertation has as main objective the analyze the occurrence of neologisms in three *blogs* of the southern region in Brazil – corresponding to the states of Paraná (PR), Santa Catarina (SC) and Rio Grande do Sul (RS) – with systematic research on the neological research tables. We also showed the issues that are most likely to product neologisms, the most prevalent class of words for the formation of neologisms and the type of neology most encountered. The so called "e- communication" formations will be examined in order to approach these creations for speech, studying formations such as lexicons, since they do not imply only the production of a new antropocultural perspective and correspondent language unity, but also to an answer to those sociocultural needs. The program *Microsoft Word* is used as a tool for the corpus manipulation, it was possible to store the *corpus* from the three *blogs* in the period of the day 13/02/2012 until 13/02/2013, but also, with the aid of the program, the number of occurrences in posts of bloggers was found through the find tool, which identified the requested neologisms and thus it was possible to detect how many times particular neologism appeared on each *blog*. Our study shows 37 neologisms used by bloggers that were analyzed in neological tables, of which 29 occurrences belong to the *blog* that represents the state of PR, 7 of them were neologisms produced in *blog* representing SC and 1 was found in the *blog* representing the State of RS. After this procedure, we analyzed the number of occurrences of these neologisms counting the number of occurrence of bloggers and the number of occurrences of posts from readers, resulting in 120 neologisms. Among them, 77% were found in the *blog* that represents the state of PR, 22% from the SC *blog* and only 1% in the *blog* that represents the RS. Politics and football were the topics that most favored the use of neologisms. It also appeared that neologisms are used both to denounce, criticize, satirize or even to name something. In addition, the nouns was the most recurrent class of words to the formation of neologisms. Finally, the prevailing neology was the stylistic due to the *blog* genre that requires increasingly creative messages to, thereby, attract readers.

Keywords: *Blog*; Brazil; Neologism; South Region

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
I. INTRODUÇÃO	14
I.1. JUSTIFICATIVAS PARA A ESCOLHA DO TEMA.....	15
I.2. OBJETIVOS.....	16
I.2.1. Objetivo geral.....	16
I.2.2. Objetivos específicos.....	17
II. ASPECTOS TEÓRICOS DA CRIAÇÃO LEXICAL	18
II.1. PERCURSO HISTÓRICO DA LEXICOLOGIA E DA LEXICOGRAFIA.....	18
II.1.1. Lexicologia e Lexicografia: campos de atuação e objetos de estudo.....	21
II.1.2. Histórico da formação do léxico no Brasil.....	24
II.1.3. Reação purista contra a criação de novas palavras.....	29
II.1.4. Possíveis influências históricas na formação do léxico da Região Sul do Brasil.....	31
II.1.5. Os estudos lexicológicos: a Lexicologia e sua importância no mundo atual.....	35
III. DEFINIÇÕES DE LÉXICO	41
III.1. MARCAS DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL NO LÉXICO.....	45
IV. PRIMEIRAS ATESTAÇÕES: NEOLOGIA E NEOLOGISMOS	47
IV.1. NEOLOGIA E NEOLOGISMO DE ACORDO COM OS DICIONÁRIOS DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	47
IV.2. TIPOS DE NEOLOGIA.....	48
IV.3. UNIDADE LEXICAL: ATO E FATO SOCIAL E LINGUÍSTICO.....	49
IV.4. A EVOLUÇÃO ININTERRUPTA DA LÍNGUA: NEOLOGIA E NEOLOGISMO.....	51
IV.4.1. Neologismo fonológico.....	54
IV.4.2. Neologismo formado por estrangeirismo.....	54
IV.4.3. Neologismo lexical ou formal.....	54

IV.4.4. Neologismo semântico.....	55
IV.5. A SINONÍMIA.....	57
IV.5.1. A sinonímia e seus diferentes pontos de vista.....	57
IV 5.2. A sinonímia na perspectiva dos estudos semânticos e lexicográficos.....	58
V. O AMBIENTE VIRTUAL.....	67
V.1. GÊNEROS TEXTUAIS DA INTERNET.....	67
V.1.1. O gênero <i>blog</i>	68
VI. METODOLOGIA.....	75
VI.1. CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	75
VI 1.1. Processo de análise.....	75
VI.1.2. Modelo da ficha de pesquisa neológica.....	76
VI.2. <i>CORPUS</i> DE EXCLUSÃO.....	79
VII. ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>.....	80
VII. 1. ANÁLISE QUALITATIVA.....	80
VII. 2. ANÁLISE QUANTITATIVA.....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	110

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Número de ocorrências das ULNs de acordo com os Estados.....	93
Quadro 2: Número de ocorrências das ULNs de acordo com o assunto.....	95
Quadro 3: As ULNs analisadas com suas possíveis condições de produção.....	98
Quadro 4: Classe de palavras e observações linguísticas.....	101
Quadro 5: Tipo de neologia das ULNs analisadas nas fichas neológicas.....	102

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Porcentagem de recorrência das ULNs nos três <i>blogs</i>	95
Gráfico 2: Porcentagem da recorrência das ULNs de acordo com os assuntos em que foram empregadas.....	97
Gráfico 3: Porcentagem das classes de palavras encontradas na análise.....	100
Gráfico 4: Porcentagem de palavras encontradas nos <i>blogs</i> no período de análise.....	104

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representação da sinonímia de acordo com Lyons (1970, p. 348).....	59
Figura 2: Representação da sinonímia segundo Barbosa (1999).....	64
Figura 3: Representação de parassinonímia segundo Barbosa (1999).....	65

LISTA DE SIGLAS

ANPOLL: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPq: Conselho Nacional de desenvolvimento Científico e Tecnológico

DL: Descrição Linguística

GTLEX: Grupo de Trabalho em Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da Anpoll

ISO: International Standardization of Organization – Organização Internacional de Normalização

PB: Português Brasileiro

PE: Pernambuco

PLE: Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado e Doutorado)

PR: Paraná

RS: Rio Grande do Sul

RJ: Rio de Janeiro

SC: Santa Catarina

SP: São Paulo

UEM: Universidade Estadual de Maringá

ULN: Unidade Lexical Neológica

SIGLAS UTILIZADAS NAS FICHAS DE PESQUISA NEOLÓGICA

adj — Adjetivo

art — Artigo

adv — Advérbio

n — Numeral

prep — Preposição

sm — Substantivo masculino

sf — Substantivo feminino

v — Verbo

APRESENTAÇÃO

O léxico de qualquer língua está em constante expansão. A todo tempo, novas palavras são incorporadas para designar novos materiais ou ideias. Como é o nível da língua mais suscetível a influências externas, pistas de mudanças pelas quais a sociedade passa são encontradas na língua falada por seus membros. Nessa perspectiva, é possível constatar que o neologismo não é um modismo, mas sim faz parte da dinâmica de uma língua e está intrinsecamente inventariada nos aspectos socioculturais de uma comunidade.

O principal ponto de reflexão foi a afirmação de que o estudo da neologia lexical de uma língua permite analisar as modificações da sociedade que dela se utiliza, pois as transformações sociais e culturais refletem-se nitidamente no acervo léxico dessa comunidade linguística. Por isso, o estudo sistemático da neologia no Português Brasileiro (PB) é, sob a perspectiva linguística, a análise dos processos de formação de novas Unidades Lexicais Neológicas (ULNs); do ponto de vista extralinguístico, elas constituem o estudo das mudanças da sociedade brasileira.

Com estas preocupações iniciais, este trabalho foi concebido. Para tanto, em sua Introdução, encontram-se as justificativas para a escolha do tema e os objetivos desta pesquisa.

Logo após, encontra-se a Fundamentação Teórica dividida em aspectos temáticos: aspectos teóricos da criação lexical juntamente com a criação neológica, a sinonímia e o ambiente virtual, com seus respectivos subitens.

Na Metodologia, é possível encontrar a constituição do *corpus*, processo de análise, um modelo da ficha de pesquisa neológica, que será utilizada para a análise qualitativa, e o *corpus* de exclusão.

Em seguida, apresenta-se a análise qualitativa com as fichas de pesquisa neológica, que demonstram a análise de cada ULN encontrada na mensagem dos *blogueiros*. Já na análise quantitativa, será mostrado o número de ULNs encontradas em cada *blog* e a recorrência de tais ULNs, considerando as mensagens dos *blogueiros* e o *post* dos leitores. Também se verificam os assuntos que propiciaram o maior número de ULNs, a neologia mais frequente em suas formações e a classe de palavra mais recorrente para a formação dessas ULNs.

Já nas Considerações Finais, procede-se à sistematização dos resultados que foi buscado no trabalho.

Por fim, faz-se necessário destacar as principais contribuições utilizadas nesta produção.

Na área temática, há o destaque para Silva (1949), Lyons (1970), Alves (1990), Barbosa (1993), Vilela (1997), Oliveira (1998), Marcuschi (2000), Basílio (2004), Barros (2004), Rosa (2005), Henriques (2007), Correia *et. al.* (2012), dentre outros, devidamente identificados, tanto nas Referências Bibliográficas que finalizam este trabalho, quando no *corpus* escolhido para fundamentar a produção das análises qualitativa e quantitativa.

I. INTRODUÇÃO

Este trabalho trata de questões de neologia recorrentes em *blogs*; principalmente, àqueles destinados às grandes áreas urbanas, e a relação de dependência que este tipo de neologismo cria com o contexto em que foi utilizado e também com o conhecimento de mundo compartilhado pelos falantes. Pretende-se com esse estudo questionar a produtividade deste tipo de neologismo na língua como também observar a formação dessas palavras, a classe de palavras mais predominante para a formação desses ULNs, os assuntos que propiciam o surgimento de novas palavras e qual é o possível tipo de neologia mais recorrente de acordo com as palavras analisadas. Dessa forma, nesta pesquisa, tiveram prioridade os aspectos referentes aos processos de estruturação vocabular e os processos de criação neológica em *blogs*.

O advento da Internet tem contribuído com a configuração dos recursos expressivos desenvolvidos pela escrita, resultando na construção de uma linguagem escrita emergente, que faz parte do nosso cotidiano.

Transcriar um pensamento é aproximar identidades e diferenças naquilo que se ambiciona exprimir, produzindo novos sentidos e novas estruturas que conduzem à descoberta de novas realidades, ampliando o sentido da ideia original e, simultaneamente, completando-a criativamente. O usuário da língua, em vários momentos, acaba se deparando com novas experiências que demandam a adoção de ULNs para dar conta desse universo criativo.

A língua está em constante transformação, o que revela o seu dinamismo, permitindo que os falantes utilizem ULNs não apenas como forma de representação do mundo, como também como uma forma de estabelecer contato, fortalecendo as relações interpessoais. Desse modo, as línguas humanas não constituem realidades estáticas e fechadas, mas mudam no tempo e no espaço, adaptando-se às necessidades culturais, científicas e de comunicação dos falantes.

I.1. JUSTIFICATIVAS PARA A ESCOLHA DO TEMA

Justifica-se o estudo das ULNs, pois auxilia a compreender o processo de renovação vocabular frente aos contatos com novos espaços e tecnologia. Depois de observar as modificações que a linguagem “internética” vem causando no léxico, é importante reconhecer quais ULNs são mais utilizadas pelos internautas, quais as mais produtivas em âmbito de economia discursiva, isto é, qual tipo de neologismo transmite as informações de modo produtivo e como eles estão sendo aplicados a esse novo modo de escrita.

É previsto que o acervo lexical de uma língua está sempre se renovando. Para a língua portuguesa, uma das maiores contribuições atualmente está por conta da influência da língua inglesa. Um dos motivos é o grande uso de equipamentos de informática, assim como o uso de *softwares* e *hardwares*, cujo uso requer palavras e expressões que estão a cada dia mais presentes no uso da língua portuguesa, aportando, inclusive, uma espécie de destermnologização dessas unidades que, ao nascerem, poderiam ser classificadas como especializadas. Além de tais contribuições, ocorre diariamente e de maneira muito discreta, sem a percepção consciente do usuário da língua, uma renovação vocabular. Isso ocorre, pois algumas palavras caem em desuso, isto é, tornam-se arcaicas, dando espaço para novas palavras, iniciando um processo de criação lexical, o qual recebe o nome de neologia, em que o elemento resultante, a nova palavra, recebe o nome de neologismo.

Reconhece-se que os recursos virtuais são extremamente versáteis e hoje competem, em importância, entre as comunidades comunicativas, ao lado do papel e do som. No caso da Internet, os gêneros pertencentes a esse meio costumam agregar muitas informações simultâneas, com o intuito de assegurar a atenção de um leitor/internauta cada vez mais atarefado na frente do computador. Essa realidade servirá de “motivação” para a criação de ULNs para atender às necessidades fáticas, poéticas, referenciais, condutivas, metalinguísticas e, especialmente, expressivas, em que envolvem enunciador e enunciatário, os participantes da enunciação de codificação e decodificação, conforme Jakobson (1969).

Também se pode dizer que as construções de neologia semântica, por exemplo, contribuem para a economia da língua. Mediante o uso de metáforas ou metonímias, como será constatado em diversas análises, recursos altamente disponíveis na língua, os usuários estão aptos a falar sobre entidades mais vagas ou sobre as quais não possuem profundo conhecimento. Não há uma relação única entre um item lexical e uma unidade de

referência, um mesmo item pode se relacionar a diversos conceitos ou referentes. Uma mesma palavra pode denotar unidades completamente diferentes. A eficiência da língua está justamente nessa possibilidade de atribuir diversos sentidos a uma mesma palavra. Caso contrário, seria necessário memorizar diferentes Unidades Lexicais (ULs) para cada ideia a que fosse necessária uma referência. A economia em si se encontra na facilidade de compreensão das novas acepções dadas a uma UL: o falante é capaz de compreender novos sentidos por meio do contexto (intra ou extralinguístico) e é capaz de denominar entidades que não conhece usando palavras que denominem outra entidade e ser entendido.

No Brasil há muitos dicionários de língua geral, como o “Dicionário Caldas Aulete digital” (2010), “VOLP” (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa [2009]), “Novo Aurélio do século XXI: e o dicionário de língua portuguesa” (2010), entre outros. Mas foi selecionado como *corpus* de exclusão, dentre muitas opções de renome, o “Dicionário Houaiss” versão 2.0, devido aos critérios de produção do dicionário que atende a diversas normas especializadas. Além disso, está adequado à proposta do trabalho, pois apresenta-se na versão digital, fato que facilita na busca das acepções. Além disso, oferece algumas ferramentas mais sofisticadas que proporcionam maior precisão ao trabalho.

Após as justificativas, a seguir apresentam-se os objetivos do trabalho.

I.2. OBJETIVOS

Tecnicamente, foram definidos um objetivo geral e três objetivos específicos para a pesquisa em questão:

I.2.1. Objetivo geral

Investigar a criação de ULNs em três *blogs* da Região Sul do Brasil, correspondendo aos Estados do Paraná (PR), Santa Catarina (SC) e Rio Grande do Sul (RS).

I.2.2. Objetivos específicos

- Identificar as ULNs e a sua frequência de uso nos *blogs* analisados.
- Analisar as classes de palavras mais recorrentes.
- Verificar os assuntos, nos *blogs* analisados, que mais propiciaram o uso das ULNs.

II. ASPECTOS TEÓRICOS DA CRIAÇÃO LEXICAL

A língua é ao mesmo tempo inovação e conservação, sendo o léxico a parte que mais propicia inovações, porque tem um inventário aberto. Assim, há possibilidade de criar novas palavras ou mesmo dar significados diferentes a palavras já existentes, como é o caso de alguns neologismos analisados. Para melhor compreender esse fato, a proposta aqui é realizar um apanhado histórico da questão.

O léxico, por ser um inventário aberto e representar a disponibilidade e possibilidades de criação do sistema, é o principal responsável pela mudança ou dinâmica da língua. A cada avanço tecnológico ou mudança na visão de mundo é imprescindível a criação de novas Unidades Lexicais Neológicas (ULNs), o que justifica a dinâmica da língua acompanhar a dinâmica do mundo.

A língua de um povo é um de seus mais fortes retratos culturais. Essa língua é organizada por ULNs que se constituem em frases para formar o discurso. Partindo de tal premissa, estudar o léxico de uma língua é abrir possibilidades de conhecer a história social do povo que a utiliza. A Lexicologia, como Ciência do Léxico, estuda as suas diversas relações com os outros sistemas da língua e, especialmente, as relações internas do próprio léxico.

Para compreender a dinâmica da criação das ULNs, o objetivo nessa Dissertação foi produzir uma abordagem dos processos neológicos de maior frequência, demonstrando uma análise dessas ULNs por meio das fichas neológicas. Buscou-se ainda apresentar o panorama da dinâmica da língua na construção de novas palavras, como forma de ampliação do léxico e da sua própria criação. Por fim, buscou-se ainda quais seriam os assuntos que propiciaram o surgimento das ULNs, de acordo com os *blogs* analisados, o tipo de neologia que mais se destacou e a classe de palavras que é mais recorrentes no surgimento de novas palavras.

II.1. PERCURSO HISTÓRICO DA LEXICOLOGIA E DA LEXICOGRAFIA

A Lexicologia é uma ciência atual. No entanto, os estudos que abordam as palavras remontam à Antiguidade Clássica. Os estudos lexicais foram deixados para segundo plano

para dar lugar às preocupações acerca dos estudos fonéticos, morfológicos e sintáticos. Quase nada se fazia com as palavras de uma língua além de organizá-las alfabeticamente e buscar suas definições a partir de sua literatura. Em finais do século XIX, com a marca triunfal da geografia linguística e consequente florescimento da onomasiologia, o interesse linguístico passa da investigação fonética para a dos problemas lexicais, significando um sistema de referências extralinguísticas.

De acordo com Silva (2003) o saber lexical remonta há três milênios a.C., quando surgem as primeiras listas de palavras na Babilônia. Entretanto, a gênese de uma história da Lexicografia portuguesa remete o leitor ao século XI com a comprovação de documentos históricos de Portugal. Ela passa a se estruturar como disciplina da Linguística desde a primeira metade do século XVI em diversos centros humanísticos europeus. Inicialmente foram produzidos dicionários bilíngues latino-português e português-latino, que foram publicados até o século XVIII.

A emergência da escrita entre os vernáculos europeus, desde a Idade Média, paralelamente à escolarização do latim, deu origem à dicionarização das línguas vulgares. Primeiramente, deu-se lugar para uma espécie de Lexicografia implícita que tecia os próprios textos e facilitava a compreensão do vocabulário da escrita, sendo mais vasto e menos cotidiano do que a da língua oral.

Na segunda metade do século XVIII, começaram a aparecer os primeiros dicionários modernos monolíngues franceses, italianos, portugueses, etc. Em um ambiente de efervescência lexicográfica, foram publicados diversos dicionários, dentre eles vale ressaltar o *Dicionário da Língua Portuguesa* de Moraes e Silva, que é um nome predominante e tutelar na história da Lexicografia portuguesa. Tal obra acompanhou a língua em Portugal e no Brasil no decorrer de dois séculos, como a mais respeitável referência para o uso lexical, conforme Silva (2003).

Segundo o autor, fato mais relevante nos séculos XIX e XX foi a divulgação do dicionário de língua e a sua adequação ao uso cotidiano e escolar. O dicionário tornou-se um texto fortemente padronizador da língua e como chave de acesso à significação de um vocabulário menos apoiado pelo latim, como também, cada vez menos imposto pela memória.

Como já foi dito, a prática lexicográfica é bastante antiga. Os primeiros testemunhos foram de glossários e nomenclaturas. Entretanto, os primeiros dicionários que visavam a uma relativa exaustividade são posteriores à invenção da imprensa. Na França,

os séculos XVI e XVII são testemunhos de uma intensa atividade lexicográfica, cujo exemplo pode ser o dicionário dos “Estienne”.

O dicionário de língua geral se refere à necessidade de fixação de uma norma léxica sentida pelas pessoas cultas do século XVII. Essa necessidade foi de certa forma atendida pelo *Dicionário da Academia Francesa*, como também diversas tentativas foram feitas em resposta a essa preocupação.

Atualmente no Brasil, a sociedade não possui um dicionário geral da língua portuguesa elaborado por meio de critérios lexicográficos científicos baseados em maciça teoria lexical. Mas, desde a década de 80 do século XX e, sobretudo a década de 90, os estudos e pesquisas sobre o léxico deixaram de ser apenas pontuais e esporádicos, e passou a ganhar dimensões amplas e nacionais. Vale destacar o *Dicionário de usos do Português* que se aproxima muito de um “ideal”, por ser elaborado com o uso de um *corpus* coletado criteriosamente. Atualmente, na União Europeia, grandes projetos estão em curso tendo por base a constituição de *corpus* digitais de diversas línguas europeias, com o intuito de atender a diversos objetivos, como produção de dicionário, tradução interlingual pelo concurso do computador e telecomunicações.

De acordo com Silva (2003, p. 306), os dicionários são acumuladores de informação e agentes passivos da comunicação verbal e, nesta perspectiva, são cada vez mais indispensáveis. A ampliação dos espaços de interação nas comunidades humanas e as dominantes científica e tecnológica no mundo moderno insinua as línguas em processos de especialização, de classificação e designação, proporcionando quantidades consideráveis de nomenclaturas, terminologias e vários outros *corpus* lexicais. Neste âmbito, a Lexicografia em língua portuguesa enfrenta uma perplexidade igual à que preocupa todas as grandes línguas.

O dicionário é sempre produto de uma investigação lexicográfica. Ele é um objeto cultural que deve ter a finalidade didática, mostrando o léxico de uma ou mais línguas. Possui diferentes tipos de informações culturais sobre as palavras e contém um campo semântico muito abastado. Mas qual seria a ciência que se preocupa com estes aspectos da linguagem? É o que se verá na sequência.

II.1.1. Lexicologia e Lexicografia: campos de atuação e objetos de estudo

De acordo com Barbosa (1990, p. 153), a Lexicologia é o estudo científico do léxico. Cabem-lhe diversas tarefas, porque a ULN é um nível de articulação morfo-sintático-semântico extremamente complexo. Algumas de suas tarefas seriam: definir conjuntos e subconjuntos lexicais, ou seja, conjunto de vocabulário, universo lexical, léxico efetivo e virtual, vocabulário ativo e passivo; examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural, a transposição de uma realidade “infinita” e contínua a um número limitado de lexias, o recorte do “real” operado pelo léxico de diferentes línguas; abordar a palavra como instrumento de construção e detecção de uma “visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistema de valores; analisar a existência de um contexto em cada palavra e a determinação e a atuação de cada palavra em cada um dos seus respectivos contextos possíveis; analisar e descrever as relações entre a expressão e o conteúdo das palavras e os fenômenos daí recorrentes; estudar um conjunto de palavras de um determinado sistema, ou de um determinado grupo de indivíduos, como universo léxico ou como vocabulário; analisar o léxico efetivo (ativo ou passivo) e fazer estimativas sobre o léxico virtual, em uma perspectiva diatópica¹, diacrônica², diastrática³ e diafásica⁴; procurar sistematizar os processos fundamentais de criação lexical (neologia: fonológica, semântica, sintagmática e alogenética), as relações da neologia com o contexto de enunciação, os mecanismos de autoalimentação e autorregulação do léxico; formalizar a dinâmica do léxico e do processo neológico, observando as fases de criação da palavra, sua aceitabilidade no meio social, sua desneologização e possível recategorização, etc.

Segundo Barbosa (1990, p. 154), a Lexicografia é a técnica dos dicionários. Já a Lexicologia é o estudo científico do léxico. Os discursos lexicográficos são registros de palavras e objeto de estudo da Lexicografia, na qualidade de investigação fundamental. A Lexicografia é objeto da Metalexigrafia, que se define como epistemologia da ciência lexicográfica.

A obra lexicográfica tem caráter metasemiótico multifacetado, na proporção em que se articula a diversos níveis de estruturação e análise linguísticas. O primeiro, o das línguas naturais, configuradas como “discurso semiótico”, como semiótica-objeto. O

¹ Perspectiva geográfica.

² Perspectiva histórica.

³ Perspectiva social.

⁴ Perspectiva estilística.

segundo, o do “fazer lexicográfico”, isto é, Lexicografia como ciência aplicada e/ou tecnologia, que gera um discurso metassemiótico. O terceiro, da ciência lexicográfica, produz um discurso meta-metassemiótico. Por fim, o quarto correspondente da análise e descrição da ciência lexicográfica, objeto de estudo da Metalexigrafia, que engendra um discurso meta-meta-metassemiótico, conforme Barbosa (1990, p. 154).

Há entre a teoria do dicionário, o seu objeto de estudo – a obra lexicográfica como discurso concretizado sobre a língua natural – a epistemologia da ciência lexicográfica, ou seja, a Metalexigrafia, que está relacionada com uma série de relações de dependência significativa, sintaticosseântica e lexicosseântica.

Em suma, a Lexicologia é o estudo do universo de todas as palavras, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança. A Lexicografia, por seu turno, estuda os vocabulários de normas linguísticas, dando-lhes tratamento específico.

Segundo Borba (2003, p. 15) há dois aspectos para a Lexicografia: 1) técnica de montagem de dicionários, ocupando-se de critérios previamente estabelecidos; 2) teoria, procurando estabelecer o conjunto de princípios que permitem descrever o léxico (produção de uma metalinguagem). Para Borba (2003), o dicionário deverá tornar-se instrumento pedagógico de primeira linha e não apenas um simples repositório ou acervo de palavras. O autor sugere procedimentos fundamentados na linguística descritiva, começando por “verificar quais são as grandes linhas de circulação vocabular em todos ou num registro determinado das duas modalidades básicas de manifestação da língua: o oral e o escrito”. Finaliza asseverando que, a princípio, pode parecer que haja uma dispersão ou difusão arbitrária, mas num segundo momento emerge a percepção da estreita relação texto/contexto associada à variação de acepções.

Borba (2003, p. 15) afirma que na fase observacional da elaboração de seu dicionário averiguou que a variação do léxico está relacionada, sobretudo, com a variação temática, o que pode ser considerada uma pista para descobrir-se a motivação que direciona a expansão/retração semântica, e que, como a estruturação sintática não está conectada ao tema, isto é, ao conteúdo da comunicação. Presume-se que a investigação das causas da variação semântica deva iniciar pela observação da organização sintática.

As unidades que o lexicógrafo seleciona e as informações gramaticais e semânticas que sobre elas são fornecidas dizem respeito a um *corpus*, que funciona como discurso individual, como um ato de fala produzido em um determinado tempo e lugar.

Ao nível do sistema corresponde a unidade-padrão lexical chamada de lexema, o dicionário de língua tende a reunir um universo de lexemas, apresentando para cada um deles os vocabulários que representam suas diferentes acepções.

Para Barbosa (1993, p. 7), o lexema, no tocante à estruturação semanticossintática, ao nível do sistema, possui maior número de semas lexicais e gramaticais em seu semema. Essa polissemia possibilita sua atualização em diversos contextos; os vocabulários de uma determinada norma sofrem restrições semântico-sintáticas, correspondentes às constantes criações e coerções de um universo de discurso (sememas). A palavra-ocorrência sofre ainda maiores restrições – significações específicas do texto – porém, simultaneamente, recebe acréscimos da combinatória dos semas contextuais, no percurso sintagmático – epissemema. Assim, à medida que o semema da língua se restringe, “n” processo de atualização, amplia o grau de previsibilidade semanticossintático. Barbosa (1993, p. 7) afirma que todas as noções vistas anteriormente não são absolutas, e sim relativas a pelo menos três aspectos: a) variações diacrônicas, diatópicas, diastráticas e diafásicas; b) níveis de atualização da língua; c) coerções que os universos do discurso exercem sobre o delineamento das unidades lexicais.

Barbosa (1993, p. 7) cita o exemplo do lexema voar, que em PB possui semema polissêmico, ao nível de sistema, podendo atribuir-se três significados, como o “voar” do pássaro, o “voar” como sonhar e o “voar” da máquina, que correspondem, desta forma, a três vocábulos. No entanto, tal unidade lexical considerada no discurso da aviação deve ser avaliado como um vocábulo monossêmico, ou seja, termo que constitui uma marca daquele discurso, assim somente caberia o “voar” da máquina. Esse vocábulo sofre restrições semânticas em diversos contextos intrauniverso de discurso e enriquece-se com semas contextuais provenientes da combinatória de sintagmas como “voo” cego.

Enquanto unidade-padrão do dicionário de língua, o lexema tem um significado amplo, estruturado como um sobressememema polissêmico, que possui semema relativo a diferentes *topoi*, *chronoi*, *strata* e *phásei*, ou melhor, resulta da recuperação de diversas normas semânticas, das variações diacrônicas, diatópicas, diastráticas e diafásicas; compreende diversos vocabulários, a diferentes acepções, que mantêm uma intersecção, explicando melhor, refere-se a um conjunto semântico definido como núcleo sêmico. Assim, trata-se de unidade de sistema.

Já o vocábulo como unidade-padrão de um vocabulário técnico-científico tem um significado estrito e concretizador de um Universo de Discurso, estruturado como semema

que tende à monossímia que possui sememas que podem relacionar-se a diversos *topoi*, *chronoi*, *strata*, porém são específicos de uma *phasis*. Resulta da recuperação de ocorrências relacionada a uma norma discursiva, para cuja configuração contribui. Trata-se de um modelo de realização ou mesmo uma classe de equivalência de “n” palavras concretamente realizadas em textos-ocorrências integrantes do Universo de Discurso em causa. Refere-se a uma unidade de norma.

Por fim, a palavra enquanto unidade padrão do glossário contém significado específico, estruturado como epissemema (daquela ocorrência, naquela combinatória), relacionado a um *chronos*, a um *topos*, a um *stratum* e a uma *phasis*. Trata-se de uma unidade de discurso manifestado.

O dicionário de língua tende a armazenar, recuperar e compilar lexemas efetivos, de frequência regular, integrantes de diferentes normas. O *thesaurus linguae* propõe-se a compilar lexemas de alta, média, baixa e ínfima frequência de todas as variações. O vocabulário técnico-científico deve recuperar, armazenar vocábulos de um Universo de Discurso, enquanto elementos configuradores de uma norma discursiva, isto é, vocábulos de alta frequência e distribuição regular entre os falantes-ouvintes, comuns a diferentes *topoi*, a diversos *strata*, a *phasei*, ou restrito a um *topos*, ou a um *stratum* ou a um *phasis*, intersecção de subconjuntos de um universo léxico. O glossário, por sua vez, deve recuperar, armazenar e compilar palavras-ocorrências de um *chronos*, de um *topos*, de uma *phasis*, ou extraída de um discurso efetivamente realizado.

Diante disso, uma relação de dependência se estabelece entre as unidades lexicais, quanto ao seu estatuto semântico-sintático, e os objetos formais distintos em que se transformam no âmbito de uma tipologia das obras lexicográficas. No entanto, a pesquisa pode contribuir para o entendimento de como isso se deu em PB, a partir de um esboço sobre a constituição de seu léxico. Isso será importante, posteriormente, para entender como as contribuições contemporâneas de criação de ULNs são construídas com base nesse histórico.

II.1.2. Histórico da formação do léxico no Brasil

No período da colonização brasileira, processa-se a aculturação dos nativos por meio do idioma português, dessa forma os jesuítas ensinavam os índios a falar a língua

portuguesa. Nesses primeiros séculos, a língua portuguesa encontrou no Brasil um concorrente, no caso, o tupi. Essa *língua geral* era imprescindível para a comunicação dos indígenas. Além de serem numerosos também conheciam o país, levando vantagem sobre o colonizador português.

Segundo Silva Neto (1976, p. 50), a *língua geral* falada no Brasil, “era simples e de reduzido material morfológico; não possuía declinação nem conjugação”. Um outro autor, Sampaio (1987), aborda essa questão de forma mais sucinta:

Até o século XVIII, a proporção entre as duas línguas faladas na colônia era mais ou menos de três para um, do tupi para o português. Em algumas capitanias de S. Paulo, RS, Amazonas e Pará, onde a catequese mais influenciou, o tupi permaneceu por mais tempo ainda. (SAMPAIO, 1987, p. 69)

Nesse período, a língua que se falava era a dos índios e a língua portuguesa eles iriam aprender na escola. São Paulo foi um dos lugares onde perdurou a *língua geral* por mais tempo, como também foi onde houve mais entrosamento entre os colonos portugueses e os índios. No entanto, não era apenas em SP que se falava a *língua geral*, como também no Maranhão e no Espírito Santo e até o final do século XVIII.

Segundo o autor decadência da *língua geral* começa a ampliar-se por conta da imigração maciça dos portugueses ao Brasil, aliciados pela descoberta das minas gerais. A Coroa portuguesa passou a estabelecer normas para a imigração, pois estava preocupada com o grande êxodo populacional. Além disso, também ocorreu a imigração interna no Brasil por causa da corrida do ouro em demanda às Minas Gerais, a Goiás e a Mato Grosso.

Nesse período, não havia uma educação institucionalizada, partia-se de práticas pedagógicas restritas à alfabetização, que tinham o objetivo de manter os discursos hegemônicos da metrópole e da igreja. Esse sistema objetivava a formação de elites subordinadas à metrópole.

As práticas pedagógicas moldavam-se no ensino de latim, para a minoria que tinha acesso à escolarização mais prolongada. Tais práticas tinham o intuito da construção de uma civilização de aparências com base em uma educação reprodutivista, estatal e colonial.

No período colonial a interação entre colonizadores e colonizados resultou na constituição da *língua geral*, usada pelos portugueses, em um primeiro momento, com

intenção de ter o conhecimento necessário para a dominação da nova terra. Essa língua continuou a ser utilizada pela população não escolarizada. No entanto, a partir do século XVIII, essa situação do bilinguismo passou a não interessar aos propósitos coloniais de Portugal, que precisava manter a colônia e, por isso, a unificação e a padronização linguística constituíram-se em fatores de relevância.

A Coroa Portuguesa passou a ficar preocupada com o vazio demográfico, então inicia a política de ocupação e colonização. Assim, o Marquês de Pombal promoveu o povoamento do Brasil e uma urbanização sem igual no período colonial. A Coroa revitalizava o programa de imigração que promovera com os açorianos no Maranhão e no Sul do Brasil. Com efeito, o recenseamento de 1776 registrou 319.769 habitantes em Minas Gerais, conforme Silva (1994, p. 547).

A partir da Reforma Pombalina, o ensino até então dominado pelos jesuítas não se limitava às práticas de ler e contar, ou escolas elementares dirigidas à população indígena.

A Coroa Portuguesa passou a proibir o uso da *língua geral*, logo começou a intensificar o desaparecimento do tupi. Em 1717, 1722 e 1727, a Coroa, conforme Silva Neto (1976, p. 59), ordenou que os missionários ensinassem português aos índios. O uso da *língua geral* foi proibida pelo Marquês de Pombal com a determinação de que falasse apenas a língua portuguesa na colônia. É importante salientar que era a língua da escola, da administração e da comunicação com o resto do mundo, porque foram os portugueses a ponte entre o Brasil e o resto do mundo. Contudo, os idiomas indígenas deixaram profundas marcas no português, principalmente, no léxico.

Com a corte no RJ, foram instaladas as primeiras instituições de ensino superior no Brasil. Eram faculdades voltadas para a formação da burguesia estatal que emergia. Essas instituições de ensino privilegiavam as camadas superiores da sociedade, em contrapartida as classes populares que precisavam do ensino primário para aprender a ler e escrever a língua portuguesa continuaram negligenciadas.

Segundo Oliveira (2002, p. 112), o contato entre os europeus e os índios motivou as primeiras produções lexicográficas no Brasil. Em um meio multilíngue acontece um processo de “exo-gramaticalização⁵”, com as línguas indígenas sendo dicionarizada por falantes europeus. A partir das medidas pombalinas, a política monolíngue se estabelece e tem-se a introdução do primeiro dicionário do português, seguida da “endo-

⁵ Os europeus passam a compreender a língua indígena.

gramaticalização⁶” brasileira. Nesse processo, as diferenças linguísticas passam a ser tratadas como diferenças internas: regionalização, “influência” de outras línguas no português brasileiro, reconhecimento dos brasileirismos.

Desde o período colonial, os dicionários aparecem em núcleos formadores de cidade. Como o caso de Piratininga – atual SP – onde os jesuítas implantaram suas escolas; como também em Salvador, que com a chegada dos escravos a população aumenta. Nos séculos XVIII e XIX, com o crescim

ento urbano, aumentam-se fatores decorrentes de tal fato, como a ampliação da cultura letrada, a escolarização, as instituições administrativas e do público leitor. O olhar urbano, em oposição ao rural, pode ser notado desde o dicionário de Coruja⁷. Este dicionário constrói uma imagem da cidade enquanto lugar de civilização e escolarização, em oposição ao campo, em que foram encontrados moradores e trabalhadores.

Os governos coloniais, com a política linguística da colonização, impulsionam a produção dos dicionários bilíngues, que serviam de instrumento de catequese e colonização. No século XIX, com o Estado Monárquico, o objetivo de atribuir uma identidade e uma história aos habitantes do Brasil faz surgir o dicionário do “tupi antigo”. Na segunda metade do século XIX, as ULNs passaram a ser o ponto principal das polêmicas. Os intelectuais desse período defendiam o uso de ULNs brasileiras, lexias essas que se situavam no nível do signo, melhor dizendo, palavras designativas de referentes e conceitos brasileiros.

Vale lembrar que os dialetos negro-africanos também constituem um elemento de comparação indispensável para perceber o papel do negro na fonética brasileira. Logo, além da língua indígena o léxico brasileiro também teve a influência da língua negro-africana.

De acordo com Mendonça (2012, p. 78) é lastimável que em alguns mesmo que fenômenos caracteristicamente negros da nossa fonética sejam aproximados do tupi, com menoscabo da verdade histórica. O autor exemplifica a inexistência do Z em tupi foi suficiente para que a ele se imputasse a transformação do fonema linguopalatal lh na semivogal y: mulher => muyé. Por consequência deste fato, resulta, muitas vezes, da

⁶ Tendo em vista os falares dos habitantes do Brasil

⁷ Coleção de vocábulos e frases usadas na província de São Pedro do RS. (Coruja, Antonio. *Compêndio de Gramática da Língua Nacional*, Rio de Janeiro, Tipografia Esperança, 1875)

proeminência indevida que se conferiu ao índio com prejuízo do negro na formação da nacionalidade brasileira.

No século XIX o índio já estava desaparecendo praticamente no cenário do país. É então que atua indelevelmente o fator africano. Esta transformação étnica reflete-se na esfera linguística, e a língua acompanha a raça na sua evolução. No Brasil, deve ter havido dialetos crioulos em diversos lugares, mas a existência foi muito instável e cedo desapareceram.

De acordo com Mendonça (2012, p. 80) o negro influenciou sensivelmente a nossa língua popular. Ao lado da contribuição genérica e imprecisa que deu o africano para o alongamento das pretônicas e a elocução clara e arrastada, deixou sinais bem seus nos dialetos. Atualmente já são realizados diversos estudos quanto a este fato, pois perceberam que a língua negro-africana teve forte influência na constituição do léxico brasileiro.

No século XIX, houve um debate sobre a identidade do PB. Os escritores românticos, especialmente José de Alencar, reivindicavam para os brasileiros autonomia linguística, cultural e literária. Alencar refere-se a um português alterado e transformado. Os românticos estavam movidos por um profundo nacionalismo, conseqüentemente empenharam-se na defesa dessa autonomia. É importante lembrar que de certa forma, neste período, principalmente na literatura, havia certa exaltação ao índio.

A literatura veiculada na variedade brasileira da língua portuguesa foi retomada pelos Modernistas, em 1922, que defendiam a necessidade de romper com os modelos tradicionais portugueses e privilegiar o falar brasileiro. Embora o modernismo não tenha protagonizado uma revolução na linguagem, contribuiu para aproximar nossa língua escrita do falar cotidiano do Brasil.

Apenas nas últimas décadas do século XIX, a disciplina de Língua Portuguesa passou a integrar os currículos escolares brasileiros.

Com o advento da República e com a nascente industrialização, houve a necessidade de rever o acesso ao ensino para atender às necessidades da industrialização. Então, nesse momento em que a escola se abria a camadas bem maiores da população, o ensino de português tratava de promover uma determinada classe de uma língua que era considerada “boa língua”, assim houve a tentativa de uma linguagem hierarquizada e seletiva.

No século XIX, a identidade nacional está associada à produção de dicionários, quando se buscava uma identidade para o povo brasileiro, não apenas pela influência

indígena, porém por diferentes fatores sociais. As consequências de tal fato são verificáveis nas nomenclaturas desses dicionários, com a inclusão de diversas ULs relativas à conjuntura brasileira: designativos de raça e grupo social, termos culturais, ULs do cotidiano das cidades. Assim, pode-se afirmar que isso levou à introdução, nos dicionários de língua portuguesa feitos no Brasil, de elementos culturais desse contexto. Com a República, os dicionários tomam por objeto a fala do “povo brasileiro”.

Com as transformações da República, nos dicionários brasileiros de língua portuguesa, foram introduzidos amplamente elementos socioculturais relativos ao Brasil, nas considerações de Oliveira (2002, p. 109). Foi o período de uma urbanização sem precedentes, do qual aconteceu um aumento da rede escolar, início das universidades, o surgimento de editoras e, com efeito, aumentou o público letrado. Esse fator pode ser uma das causas do aparecimento dos primeiros dicionários brasileiros de língua portuguesa, pois houve produção de dicionários em áreas urbanas como São Paulo e Rio de Janeiro.

O ensino de língua portuguesa manteve seu caráter elitista até meados do século XX quando se iniciou no Brasil, a partir de 1960, um processo de expansão do ensino primário público, o qual incluiu ampliação de vagas. No contexto de expansão da escolarização, o ensino de Língua Portuguesa não poderia dispensar propostas pedagógicas que levassem em conta as necessidades trazidas por esses alunos para o espaço escolar, dentre elas pode-se citar a presença de diferentes registros linguísticos e padrões culturais diferentes dos então admitidos na escola.

Neste contexto apresentado, pode-se indagar até quando poderia ir essa busca incessante por este falar nacional, o que desencadeou essa produção de novas ULNs tratadas neste trabalho. Mas o processo não foi fácil, como se verá na sequência.

II.1.3. Reação purista contra a criação de novas palavras

A história da língua portuguesa tem demonstrado que a reação contra o emprego das ULNs tem sido conduzida particularmente pelos empréstimos, isto é, as unidades importadas de outros sistemas linguísticos. Foi possível demonstrar isso alhures, quando foi apresentada a história desse idioma no Brasil. Deve-se lembrar, também, que os empréstimos franceses foram culturalmente muito importantes no século XVIII, como

reflexo da influência que a França exercia sobre os costumes brasileiros, mais especificamente no RJ, conforme discorre Camara Jr. (1975, p. 198-201).

Na década de 90 do século XX, José Pedro Machado escreve nas Notas soltas que introduz a obra *Estrangeirismo na língua portuguesa* (1994, p. 9), que se deve combater os estrangeirismos desnecessários, expondo que “quando houver no nosso léxico elemento capaz de com exatidão designar a mesma ideia, sem o perigo de se confundir com outro vocábulo local”. Também é importante salientar o Projeto de Lei 1.676, de 1999, do Deputado Federal Aldo Rabelo, que no momento está em tramitação, ressaltando que “dispõe sobre a promoção, a defesa e o uso da língua portuguesa e dá outras providências.”

Julio Ribeiro, por sua vez, em sua *Gramática portuguesa* (1911), desaprova o emprego das unidades lexicais neológicas:

A mania do neologismo é das mais detestáveis. O neologismo só se justifica pela necessidade de uma dominação nova, para uma descoberta que também é nova, para um novo instrumento, ou então quando vem apadrinhado por um nome respeitado na língua. Os neologismos não passam de deturpadores da língua. (RIBEIRO, 1911, p. 353)

Atualmente, já é discutido e também se torna evidente que as ULNs não são “deturpadoras da língua”, mas sim inevitáveis. Logo, esses autores que são contra os estrangeirismos ou qualquer outra formação das ULNs acabam tendo uma visão míope da língua, pois o falante tem a necessidade de criar novas palavras para nomear algo, expressar seus sentimentos e emoções; ou mesmo partir da economia da língua utilizando uma palavra já dicionarizada, porém com sentido diferenciado daquele que consta no dicionário, como é o caso das ULNs semânticas, fato este que será verificado e exemplificado mais adiante.

Embora haja manifestações puristas, pode-se dizer que, no decorrer do século XX, a reação contra o emprego das ULNs vai se tornando menos aguçada que em períodos anteriores. Hoje, já há diversos profissionais da língua que percebem a importância dessas novas palavras. Entretanto, como já foi citado, há ainda forças conservadoras que, talvez, pensem que se vive em uma nação fechada. Dessa forma, não se pode aderir à cultura, a pensamentos e nem mesmo ao vocabulário de outra nação.

Não se pode considerar a neologia lexical apenas um mal inevitável. É a primeira condição da qual o idioma pode permanecer um instrumento de comunicação nacional, mesmo internacional, e não ser exclusivamente uma língua viva. Vale lembrar que uma

língua que não reconhecesse alguma forma de neologia seria considerada uma língua morta. Nesse âmbito, a criação neológica é parte da história das línguas e constitui uma evidência inequívoca de vitalidade, essencial para suprir as necessidades e as condições de comunicação.

Por outro lado, dada a dimensão territorial do Brasil, faz-se mister refletir se haveria ou não condições díspares de criação neológica entre as diferentes regiões do Brasil, ou seja, será que o Sul, por ter um histórico de tentativas de independência do restante do País possuiria uma maior ou menor tendência que as outras regiões? É o que se tentará demonstrar na sequência.

II.1.4. Possíveis influências históricas na formação do léxico da Região Sul do Brasil

Devido ao fato desse trabalho ter selecionado três *blogs* da Região Sul do Brasil, formada pelos Estados do Paraná (PR), de Santa Catarina (SC) e do Rio Grande do Sul (RS), é imprescindível relembrar alguns fatos históricos que estão relacionados à formação do léxico dessa região, pois algumas das ULNs criadas atualmente podem ser entendidas de acordo com esses acontecimentos.

De acordo com Luersen (2007), Os primeiros habitantes da Região Sul do Brasil foram os povos indígenas naturais da terra, principalmente os charrua e os povos gê, como os kaingang. Depois vieram os guarani (mbyá) e os carijó. Posteriormente, vieram os padres jesuítas espanhóis para catequizar os índios e dominar a terra. Esses religiosos fundaram aldeias denominadas missões ou reduções.

Os bandeirantes paulistas atacaram as missões para aprisionar os índios. Com isso, os padres jesuítas e os índios abandonaram o lugar e o gado ficou solto pelos campos. Muitos paulistas foram aos poucos se fixando no litoral de SC. Eles fundaram as primeiras vilas no litoral. Os paulistas interessaram-se também pelo comércio do gado.

Segundo Mendonça (2012, p. 79) os bandeirantes foram outros propagandistas insuperáveis do tupi, pois lhe marcaram um lugar invejável na toponímia brasileira. Seria estulto, assim, menosprezar uma influência secular.

Os tropeiros, ou seja, os comerciantes de gado, reuniam o gado espalhado pelos campos e levavam os animais para vender nas feiras de gado, em Sorocaba. No caminho por onde as tropas passavam, sugeriram povoados. Os tropeiros também organizaram as

primeiras fazendas de criação de gado. Para defender as estâncias que tinham sido criadas, o governo português mandou construir fortes militares na região. Em volta dos fortes surgiram povoados. Durante vários anos, os portugueses e os espanhóis lutaram pela posse das terras do Sul. As brigas continuaram e apenas foram resolvidas com a assinatura de tratados. Esses tratados determinaram os limites das terras localizadas no Sul do Brasil.

Segundo Luersen (2007) a população da Região Sul se ampliou com a chegada dos primeiros imigrantes europeus. Os primeiros imigrantes foram os açorianos. Depois vieram principalmente os alemães (1824, em São Leopoldo/RS), e os italianos (1870). Outros grupos (árabes, poloneses e japoneses) também procuraram a região para morar. Os imigrantes fundaram colônias que se tornaram cidades importantes.

As terras do norte e oeste do PR e do oeste de SC foram as últimas regiões a serem povoadas. O norte do PR foi povoado com a criação de colônias agrícolas financiadas por uma companhia inglesa. Pessoas de outros Estados do Brasil e de mais de quarenta países vieram para a região trabalhar, como colonos no plantio de café e de cereais. No oeste catarinense, desenvolveram-se a pecuária, a exploração da erva-mate e da madeira.

A imigração de populações germânicas da Europa Central ao Sul do Brasil teve início oficialmente em 1824, quando aportaram as primeiras famílias alemãs no RS, de onde, por meio de diversas migrações, estenderam a colonização para áreas do centro-oeste de SC⁸ e sudoeste do PR. A maioria das regiões sul-brasileiras colonizadas por esses imigrantes corresponde não a centros urbanos previamente estabelecidos, porém a áreas que ainda estavam desabitadas. Com o passar do tempo, elas foram sendo subsequentemente urbanizadas.

Até o fim do século XVIII, o RS era uma região virgem habitada por povos indígenas. Os únicos focos importantes de civilização e cultura europeia em todo o território até esta altura eram um brilhante grupo de reduções jesuítas fundado no noroeste, destacando-se entre elas os Sete Povos das Missões. Entretanto, sendo de criação espanhola, até há pouco tempo as Missões eram vistas como sendo um capítulo à parte da história do Estado, tanto mais por não terem deixado descendência cultural direta significativa.

Na primeira metade do século XIX, após muitos conflitos e tratados, obtendo Portugal a posse definitiva das terras que hoje compõem o Estado, expulsos os espanhóis, desmanteladas as reduções e massacrados ou dispersos os índios, se estabeleceu-se uma

⁸ Em Pamerode tem diversos imigrantes alemães, dessa forma, há manutenção linguística alemã.

sociedade de matriz claramente portuguesa iniciando um florescimento cultural nos maiores centros do litoral — Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande. Esse crescimento contou com a contribuição de muitos imigrantes alemães, que desbravaram novas áreas e criaram culturas regionais significativas e economias prósperas, bem como com a força de muitos braços escravos.

De acordo com Altenhofen (1996, 2004) e Roche (1969), essas áreas coincidiram com áreas de mata subtropical que se pretendia colonizar para garantir a fronteira nas mãos do Governo Imperial português. Tal fato decorreu um isolamento geográfico e social que ainda perduraria por muitos anos, em algumas localidades. Tal isolamento foi responsável pela manutenção das línguas autóctons e, com efeito, contribuiu para a manutenção de situações de multilinguismo.

No Sul do Brasil, há basicamente duas grandes ilhas linguísticas em que o vestfaliano ainda é falado. A primeira situa-se no Vale do Taquari (Teutônia, Imigrante e Westfália), onde se estabeleceram os imigrantes de confissão protestante. Nela ainda há um grau de manutenção linguística maior. A população dessas localidades descende de imigrantes vestfalianos católicos que vieram para o Brasil em 1860. O município, emancipado de Teutônia e Imigrante em 1996 conta com uma população de 2.716 habitantes e uma extensão territorial de 64 km², distante 120 km da capital, Porto Alegre.

Segundo Días (1996) e Luersen (2007), o principal acesso à cidade é pela RS 453 (Rota do Sol), construída na década de 80 do século XX, a qual promoveu uma facilitação ao acesso, principalmente à Linha Berlim, que se mantinha isolada geograficamente desde sua colonização, o que provavelmente contribuiu para a preservação do vestfaliano.

Com quase 65% da população residindo no meio rural, a base principal da economia de Westfália é a produção primária, na qual se destacam a produção leiteira, a suinocultura, a avicultura de corte e a avicultura de postura. Ao lado da agropecuária, também a indústria, representada por um frigorífico de aves, metalúrgicas, fábrica de móveis e serraria tem significativa importância para o município.

Após mencionar um breve histórico de SC e RS será apontado alguns acontecimentos que puderam influenciar no léxico do Estado do PR.

No Estado do PR, quando os colonizadores europeus chegaram em busca de madeira de lei, encontraram-se com diversas tribos indígenas. Com o passar do tempo, estes colonizadores ocuparam pouco a pouco as terras que pertenciam aos índios, mas a colonização aconteceu somente em 1660.

Devido ao Tratado de Tordesilhas, o PR pertencia aos espanhóis que ocupavam trechos do interior da região. A primeira vila a ser fundada pelos colonos espanhóis foi a Vila de Paranaguá. Os portugueses também se expandiam, porém, ao contrário dos seus vizinhos, ocupavam terras a partir do litoral, pressionando os espanhóis que, acudados, se viram obrigados a mudar a sua rota de expansão em direção ao Paraguai.

Com as Capitânicas Hereditárias, a região foi dividida em quinze lotes. A região do Estado do PR pertencia à Capitania de São Vicente, de Martin Afonso de Souza.

Os portugueses e paulistas iam para a região atrás de ouro e também para escravizar os índios que se encontravam por ali.

Os bandeirantes acabaram com as Reduções Jesuítas e escravizaram os índios para serem vendidos para outras capitânicas. Contudo, o interesse pelo ouro na região do PR diminuiu devido ao crescimento da exploração do ouro em Minas Gerais. As famílias ricas que habitavam a região iniciaram um novo meio de conseguir gerar lucro e passaram a investir em criação de gado nas fazendas. A economia ficou baseada na pecuária. Como as grandes criações de gado estavam localizadas no Sul do País, foi aberto um caminho, chamado de Caminho de Viamão, que ligava a Vila de Sorocaba (SP) até Viamão (RS), com a finalidade de transportar o gado.

A Revolução Farroupilha, que aconteceu de 1835 a 1845, no RS, afetou também o PR. O objetivo era separar o Sul do resto do País. Entretanto, o principal movimento foi a Revolução Liberal que estourou em SP, em 1842. As comarcas que hoje pertencem ao PR garantiram que não iam apoiar os revolucionários gaúchos, que ficariam neutros em troca da sua emancipação. No dia 29 de agosto de 1853, foi criado o PR. Entretanto, foi nomeado um Estado somente em 1859. Curitiba, que havia sido fundada no início da colonização, passou a ser capital em 1854. Em 1870, foram trazidos os primeiros imigrantes para a região. Os alemães, italianos e poloneses passaram a povoar o Estado, dedicando-se às atividades agrícolas e artesanais. Em 1880, houve a abertura de estradas e rodovias, acelerando a ocupação. Nessa mesma época, a erva-mate passou a ser o principal produto produzido na região. A produção de café e a exploração de madeira também tiveram um papel importante no crescimento da economia.

É importante salientar que não há tantos registros históricos sobre a emancipação da língua portuguesa na Região Sul do Brasil, constituídas dos Estados do PR, RS e SC. O objetivo aqui, portanto, foi demonstrar alguns acontecimentos que, talvez, pudessem influenciar o léxico atual dessas regiões.

Sob o ponto de vista dos objetivos geral e específicos já elencados, este pequeno relato pode demonstrar que a tendência política do Sul do Brasil sempre foi a de se diferenciar das outras regiões, principalmente em seus aspectos linguísticos, haja vista que a principal característica para a formação de sua cultura, e conseqüente influência na formação de seu léxico, foi a contribuição de povos europeus, se compararmos com a influência africana e indígena de outras regiões na formação do léxico nacional. Mas como isso pode ser entendido para atingir os objetivos desse trabalho? Para tanto, é necessário retomar mais profundamente alguns aspectos de uma das Ciências do Léxico.

II.1.5. Os estudos lexicológicos: a Lexicologia e sua importância no mundo atual

Como já foi apresentado, e com base no histórico precedente, compreende-se o léxico como a totalidade das palavras de uma língua ou como o saber interiorizado, por parte dos falantes de uma comunidade linguística, acerca das propriedades lexicais das palavras (propriedades fonético-fonológico-gráficas, propriedades sintáticas e também semânticas). Nesse contexto, entende-se que a função da Lexicologia é apresentar as informações acerca das unidades lexicais (ULs) necessárias à produção do discurso e caracterizar a estrutura interna do léxico, tanto no aspecto conteúdo, como no aspecto formal. A unidade básica da Lexicologia é a UL, delimitada pela sua autonomia oracional, permutabilidade externa e existência da capacidade para desempenhar uma função sintática. Assim, pode-se justificar o porquê de esta teoria ser a mais apropriada para o estudo das ULNs.

De acordo com Correia *et al.* (2012, p. 21), o conhecimento lexical é construído essencialmente por dois tipos de informação. A primeira seria a informação regular, construída por regras morfológicas e semânticas que lhe possibilitam, por um lado, apreender e produzir estruturas morfológicas nunca usadas ou ouvidas, por outro, identificar e atribuir novos significados a palavras já existentes sem aqueles dispostos nos dicionários. Por sua vez, a segunda trata da informação idiossincrática, ou seja, aquela armazenada na memória lexical, construída por unidades lexicais que o sujeito adquire ao longo da vida e que dependem de suas próprias características individuais, como idade, sexo, nível educacional, região de onde é oriundo, etc.

A língua portuguesa conta com empréstimos que são necessários para a renovação e ampliação do seu acervo lexical. Além disso, eles participam no desenvolvimento histórico da língua formal. Se ocorrer do empréstimo ser bloqueado, ocorrerá uma adaptação, com o tempo, gráfica e também fônica, à língua importadora. Como exemplo de empréstimos modernos, há *outsider*, *leasing*, *jeans*, *croissanteria*, *teenager*, entre outros. Os chamados latinismos são particularmente importantes, pois a partir disso deu-se a relatinização do português, provocando a formação de formas duplas com conteúdos mais ou menos específicos, tais como *delgado/delicado*, *catar/captar*, *meigo/mágico*, entre outros.

Segundo Vilela (1997, p. 33), campo lexical é o paradigma constituído pela repartição de um contínuo de conteúdo (lexical) por diferentes unidades da língua (lexemas), unidades que se opõem entre si por traços mínimos de conteúdo (semas). É identificado pela existência de oposições e delimitado por meio de traços distintivos do próprio sema. Classe lexical, por sua vez, é o conjunto constituído pelos lexemas que, independentemente da estrutura do campo lexical, se encontra organizado por um traço comum de conteúdo. Manifesta-se pela sua distribuição gramatical ou lexical. Nesse contexto, a sistematicidade da língua verifica-se no tipo de oposições entre os lexemas de um campo lexical, sendo o léxico da língua estruturado segundo os seguintes princípios: a) maturidade – homem/rapaz/criança; b) instrumento – como cabecear ou derivados do nome do instrumento: serra/serrar; c) gênero – duque/duquesa; d) idade – juvenil/infantil; e) apreciação térmica – quente/morno.

No léxico é que se rotulam as mudanças encadeadoras dos caminhos e dos descaminhos da humanidade, além de comporem o cenário de revelação tanto da realidade quanto dos fatos culturais que permeiam a sua história. O léxico é marcado pela mobilidade, isto é, as palavras e as expressões com elas construídas surgem, desaparecem, perdem ou ganham significações, daí o interesse por pesquisar as ocorrências de ULNs nos *blogs*.

Algumas distinções são fundamentais para os estudos lexicológicos. É o caso da distinção básica entre *lexia*, *vocábulo* e *palavra*, como já foi mencionado. Na realidade, as *lexias* são as palavras de uma língua, diferentemente do que é conhecido como *palavra*, é a unidade significativa do léxico de uma língua, melhor dizendo, é uma palavra que tem significado social. A *palavra* é uma unidade significativa, porém a sua significação não é só *lexemática*, pode também ser gramatical. Por outro lado, a *lexia* possui significação externa ou referencial.

Assim, na frase “a mesa é velha”, são identificadas quatro palavras, porém apenas duas lexias: mesa e velha. São as lexias com função apenas referencial ou lexical. Elas também são palavras, assim como o artigo “a” e “o”, o verbo de ligação é, que também possuem função também gramatical, além da função referencial. Dessa forma, são exemplos de palavras gramaticais os artigos, as preposições, as conjunções. Estudam-se na gramática e são em número limitado. As palavras lexemáticas ou referenciais ou as lexias constituem a maior parte do léxico de uma língua e são de número indeterminado. Estão organizadas nos dicionários.

O vocabulário corresponde a uma parte do léxico individual, que, por sua vez, faz parte do léxico global, tendo em vista que o vocabulário não abrange todo o léxico, é apenas uma amostra da qual faz parte lexemas virtuais. Os lexemas virtuais fazem parte do universo léxico e não foram atualizados ou mesmo criados, podendo o ser no interior da estrutura do sistema a qualquer instante. Já o vocabulário passivo é uma parte do vocabulário que é decodificável, pelo sujeito, entretanto, nunca por ele empregado.

O conjunto vocabular com o qual o indivíduo toma contato, uma realização concreta, constitui-se no vocabulário ativo do indivíduo, o qual está em relação de inclusão com o vocabulário passivo. A cada fase da vida, o indivíduo amplia seu vocabulário, e o aprendizado do léxico perdura durante toda a vida do falante.

Por fim, palavra é um termo tradicionalmente usado na língua, fazendo parte do vocabulário de todos os falantes. No entanto, subentende-se que palavra e vocabulário são conceitos distintos. No caso, vocabulário pode ser entendido como o subconjunto que se encontra em uso efetivo, por um determinado grupo de falantes, em uma determinada situação, quer dizer, vocabulário é o conjunto de palavras utilizadas por determinado grupo.

Na memória do usuário da língua existe um número variável de signos que podem ser atualizados no ato de fala. Enquanto estão na memória, contém diferentes significados, porém quando atualizados, o contexto restringirá estes significados. Assim, no nível da memória, a “palavra” funciona como unidade do sistema, quer dizer, o sistema possui elementos efetivos de alta e de baixa frequência, e elementos virtuais, no caso, as lexias, com todos os significados possíveis a lhes serem atribuídos.

Pertencem à norma os elementos de alta frequência e de distribuição regular entre os falantes, em que ocorre uma redução dos sentidos atribuídos à “palavra” no sistema, pertencendo-lhes apenas os sentidos daquela comunidade linguística.

Em relação ao estudo das variações linguísticas, no ponto de vista de diversos autores, parece que a linguagem padrão é aquela de maior prestígio social, ou seja, a que impõe como uma marca característica dos falantes com maior grau de instrução. Embora tal afirmação tenha de ser considerada, o problema de prestígio das variantes linguísticas pode ser ampliado, considerando-se não apenas a variante escolaridade, mas também os grupos sociais e as condições históricas em que se situam, bem como os gêneros textuais e as situações de comunicação em que os falantes atuam.

As variações linguísticas apresentam uma instabilidade que decorre das alterações que se processam, no tempo e no espaço, nos critérios de aceitabilidade social da linguagem, como, de resto, ocorre nos costumes de uma sociedade. Tal fato se liga ao processo de variação de prestígio das formas linguísticas, em especial, ao léxico.

A fala se incorpora à identidade do falante, trazendo-lhe maior ou menor prestígio, no contexto social em que se envolvem. Um exemplo é o uso, no discurso, de vocábulos técnicos, de conhecimento restrito, que possa sugerir que o falante esteja atualizado em relação ao assunto de que trata na interação, dando-lhe um prestígio que nem sempre corresponde à sua identidade. Ou mesmo, o emprego de palavras estrangeiras, para indicar o domínio de outras línguas, o que constitui para muitos um inegável sinal de prestígio social do falante. Neste âmbito, seria um sinal de falso patriotismo ou de ingenuidade tentar aporuguesar todos os estrangeirismos, ignorando que as traduções nem sempre correspondem ao sentido real do vocábulo traduzido.

Segundo Fiorin (2000, p. 221), o léxico de uma língua é constituído de uma totalidade das palavras que ela possui, considerada do ponto de vista das invariantes semânticas, independentemente da função gramatical que exercem na oração. Ela permite verificar o grau de desenvolvimento social de um povo, porque mostra a quantidade e o tipo de conhecimento que ele detém. É reflexo da vida sócio-econômico-cultural de um povo, e contém a materialização de sua vida cultural e espiritual. O léxico possui um fundo comum, que caracteriza uma língua e é tão resistente quanto a gramática, pois as noções que expressa, de um lado, não são afetadas por mudanças sociais e econômicas e, de outro, porque são de uso geral e coloquial. Esse fundo comum é o sustentáculo da estrutura léxica de uma língua. O resto do vocabulário pode modificar-se, porque reflete a vida de um povo. Desse modo, quando se fala em descaracterização do idioma, pode-se estar falando no fundo do léxico comum.

As palavras carregam certo prestígio social, por outro lado, o desprestígio também pode acompanhá-las, como ocorre com a linguagem de certas regiões estigmatizadas por condições econômicas desfavoráveis, conseqüentemente, o grau de escolaridade da população é relativamente baixo, o que ocorre, por exemplo, com a pronúncia nordestina no Brasil. Desse modo, a fala tanto pode conduzir à identidade real do falante, quanto à sua identidade pretendida.

A atitude linguística representa uma atitude social do falante perante uma língua, varia em conformidade com fatores econômicos e sociais. As épocas históricas que foram marcadas por regimes ditatoriais sempre foram muito propensas a uma vigilância linguística, crescendo uma atitude de valorização da variante padrão e desprestigiando-se variantes que se identificavam com os falares menos cultos. As épocas em que predominam regimes mais liberais e democráticos sempre foram mais tolerantes com os hábitos populares entre os quais a linguagem do povo. Por outro lado, nas épocas de crise econômica de revolta e insatisfação, a gíria e os vocábulos obscenos ganhavam ampla divulgação e emigravam também para textos escritos. Por isso, certos vocábulos ou expressões causam estranheza, porque seu uso, em certos gêneros textuais, não é habitual.

O léxico é a parte da língua mais sensível às transformações, em que as palavras surgem e se obsoletizam rapidamente, revelando bem esse processo, de maneira que os vocábulos que se ligam a certos grupos específicos passam a se vulgarizar, entrando para a linguagem comum. Ocorre comumente no âmbito das gírias, talvez o exemplo mais eloquente desse processo de mudança das variações lexicais, em que os vocábulos ganham ou perdem prestígio rapidamente, pois surgem em gêneros textuais bem diferentes, o que pode ser observado na linguagem dos jornais. Dentro desse gênero, ocorre a busca de uma identificação com a vida e o interesse dos leitores, permite em vários momentos históricos a criação de uma diversidade de expectativas para a linguagem, que se satisfaz pela presença de variações nunca antes esperadas.

Sabendo que os falantes atribuem valores éticos aos vocábulos e que esses se alteram em função da própria evolução de costumes, é impróprio pensar que esse vocabulário é exclusivo das classes economicamente baixas. Pode-se dizer que a sociedade moderna, com a desenfreada transformação dos costumes, em particular ao conceito de moralidade, tem sido propícia à liberação maior desse tipo vocabular, principalmente pensando neste novo paradigma, ou seja, a Era Digital, que exige cada vez mais informações precisas e rápidas, transmitidas de forma econômica, pois se tem um

internauta que quer se expressar, cada vez mais, de forma criativa, logo também passam a utilizar este tipo de formação.

Isso posto, e apesar de discutir em um subitem do capítulo a importância da Lexicologia no mundo atual, vale retomar a questão de uma forma mais aprofundada, o que será realizado no capítulo seguinte que versará sobre as definições de léxico. Dessa forma, acredita-se que seja possível avançar posteriormente para a discussão da questão da neologia e dos neologismos.

III. DEFINIÇÕES DE LÉXICO

Há diversas definições para a UL “léxico”. Dentre elas, a de Bloomfield (1933, p. 274) que considerou o léxico como “um apêndice da gramática, uma lista de irregularidades básicas”. Já Pottier (1968) define léxico como um conjunto de lexias memorizadas e virtuais. As lexias em estado de dicionário são “vocábulos” e registram-se enquanto norma de uso do indivíduo, membros de uma linguagem sócio-linguística-cultural-ideológica.

O léxico é o conjunto de unidades lexicais efetivas (realizadas) e virtuais (realizáveis). É um sistema que possui o vocabulário (norma), conjunto das unidades lexicais atualizadas em discurso. O léxico efetivo divide-se em passivo (lexias decodificáveis, porém não atualizadas pelo indivíduo) e ativo (lexias decodificáveis e codificáveis pelo indivíduo), sendo este um subconjunto daquele.

De acordo com Dubois *et al.* (1999), o termo léxico designa o conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de um locutor, de uma atividade humana, entre outros. Dessa forma, a UL léxico entra em diferentes sistemas de oposição, conforme o modo pelo qual é estimado o conceito.

O léxico considerado é de um falante, por mais considerável que seja o *corpus* constituído só pode fornecer um vocabulário e não poderia explicar o léxico do falante. O léxico abonado é o de diversos interlocutores. Este termo linguístico geralmente é utilizado para designar as unidades significativas não necessariamente gramaticais.

A passagem do vocabulário ao léxico exige que seja levada a posse, pelo falante/ouvinte, de um vocabulário passivo, quer dizer, todo falante tem uma dupla competência léxica, não redutível a uma posição entre competência e *performance*. Nesse sentido, numerosos lexemas são compreendidos sem nunca serem realizados; a consideração da situação bastará para fazer esse caso; certas palavras, corretamente registradas e decodificadas pelo falante, podem não ter probabilidade de emprego ativo para o falante.

Ainda, segundo Dubois *et al.* (1999), a consideração das dificuldades encontradas pela linguística descritiva na determinação do léxico tem levado a linguística moderna a diferentes tentativas para atribuir o lugar do léxico na gramática como também na competência linguística geral.

O campo do léxico diferentemente do campo semântico pode estabelecer-se com base em outras significações. No campo do léxico observar-se a possibilidade de um termo isolado de possuir campo derivacional que lhe seja próprio. Por exemplo, refinar possui dois campos derivacionais diferentes: tem-se (1) *refinar* (alguém) terá por nominalização *refinamento*; também se tem o sentido (2) *refinar* (petróleo, açúcar) terá por nominalização *refinação*. Os derivados *refinação* e *refinaria* corresponderão apenas ao segundo exemplo. O campo do léxico é reservado para designar o conjunto das palavras que designam os aspectos diversos de uma técnica, de uma ideia, de uma relação, entre outros. Com efeito, tem-se um campo lexical das relações de parentesco orientado por certo número de dimensões estruturais, variáveis conforme as línguas.

De acordo com Combettes (1984 *apud* TURAZZA, 2005, p. 98), a organização de uma dada língua ocorre a partir de estruturas do conhecimento humano, uma vez que é o curso das atividades de compreensão e de expressão do vocabulário que não só enriquece, como varia, torna-se preciso e se estrutura, e também se flexibiliza, adequando-se à necessidade de expressão. Dessa forma, a organização do léxico, memorizado pelos indivíduos, ocorre em decorrência do conhecimento de mundo. Nesse sentido, os postulados teóricos do autor, além de colocar uma perspectiva funcionalista da linguagem, mostra a necessidade de as pessoas de se tornarem cada vez mais expressivas no ambiente em que se encontram. É o que ocorre com os usuários dos *blogs* e do *facebook*, quando sentem a necessidade de criar certas ULNs.

Já Sprenger-Charrolles (1984 *apud* TURAZZA, 2005, p. 77) discorda da afirmação de que o léxico constitui apenas uma lista de palavras porque, para o autor, o vocabulário de um indivíduo depende de seu confronto com o mundo e de sua interação verbal com outros indivíduos. Assim, o desenvolvimento do léxico não se limita a uma organização quantitativa, pois o importante são as transformações que intervêm no plano das significações e que são adicionadas a essas palavras. Não se aprende somente palavras, mais que isso, aprende-se a dar nomes e a reconhecer objetos no mundo.

A probabilidade de atribuir outro significado a uma palavra já existente ou mesmo de criar significações para novas situações e experiências do falante distancia-se da noção de fixidez lexical, e é o que permite compreender palavras como:

Babado (molhado de baba); babado (parte de vestimenta); babado (fofoca);

Galhada (emaranhado de galhos de árvore); galhada (pessoa traída);

Twitter (chilrear, som que os pássaros emitem); *twitter* (mensagem, postagem).

Esses exemplos mostram casos de palavras com dois ou mais sentidos, que não estão unicamente associadas com a estrutura morfológica das palavras e sim às circunstâncias de um processo de comunicação. É no contexto de uso da língua que o significado dessas palavras é atualizado e “reciclado”.

O usuário da língua passa a ser capaz de reconhecer os significados de formas variantes da língua, como:

Zoião (invejoso); zoião (olho grande); zoião (ovo frito).

Tais palavras são marcadas estilisticamente, uma vez que são usadas em contextos diversificados com significados distintos, mesmo apresentando traços semânticos em comum.

Esses exemplos confirmam o conceito de léxico proposto por Sprenger-Charrolles (1984). Quer dizer, o léxico é resultado da atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos.

Rosa (2005, p. 88), por sua vez, demonstra que o léxico representa o conjunto de palavras que está disponível para a atuação das regras morfológicas. De acordo com a autora, as palavras no léxico pertencem às classes abertas, ou seja, as classes que sincronicamente podem admitir novos membros e apresentam novos significados.

Bejoint (2004, p. 183) afirma que o léxico é uma entidade complexa, com diversos subgrupos de palavras cujas fronteiras não são claras. Para o autor, a linha que separa o léxico e a gramática não é clara, porque em todas as línguas existem dados que podem ser atribuídos via regra gramatical ou regra lexical.

Biderman (2001, p. 168) mostra que no sistema abstrato que é a língua há diferenciação entre dois tipos de componentes: o léxico e a gramática. Dessa forma, as palavras são elementos da língua e não da fala. Mas, na prática, costuma-se listar o vocabulário a partir de realizações discursivas. Assim, as palavras são entidades abstratas que compõem o sistema linguístico.

Vilela (1997) define léxico como:

O léxico é, numa perspectiva cognitivo-representativa, a codificação da realidade extralinguística interiorizada no saber de uma dada comunidade

linguística. Ou, numa perspectiva comunicativa, é o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma dada comunidade linguística comunicam-se entre si. Tanto na perspectiva da cognição-representação como na perspectiva comunicativa, trata-se sempre da codificação de um saber partilhado. (VILELA, 1997, p. 31)

O autor faz distinção entre vocabulário e léxico, explicando que o vocabulário é uma subdivisão do léxico. E o léxico é o geral, o social e o essencial. Já o vocabulário é o particular, o individual e o acessório.

Já Castilho (2002), ao discutir a relação entre a gramática, léxico e discurso, afirma que a linguagem deve ser entendida como multissistêmica, ou seja, constituída por diferentes domínios, que são simultaneamente articulados pela mente humana no momento de interação verbal. Com base em Castilho, a língua é representada de forma radial, com o léxico colocado ao centro, ficando a semântica, o discurso e a gramática ao seu redor.

Basílio (2004, p. 9), por seu turno, afirma que um conjunto fechado de designações não é suficiente no processo de comunicação, porquanto os falantes de uma língua (re)produzem e (re)conhecem novos seres, objetos e relações. Portanto, apenas um sistema dinâmico é capaz de modificar e ampliar à medida que se manifesta a necessidade de novas unidades de designação e construção de enunciados, demanda esta que motiva a implementação de processos de gramaticalização e/ou revitalização da língua. Desse modo, o léxico não deve ser avaliado somente como um conjunto de palavras. Os processos de formação de palavras admitem a formação de novas unidades no léxico como um todo e também a obtenção de palavras por parte de cada usuário da língua.

Os autores citados definem o léxico como um sistema aberto, composto por lexemas. Mas, alguns autores não fazem menção às categorias híbridas de palavras. De tal modo, a categoria de léxico e gramática deve ser analisada conforme a noção de *continuum* de classes gramaticais, para contemplar as categorias híbridas da língua.

Alves (1990, p. 5), por sua vez, aponta que o acervo lexical de todas as línguas vivas se modifica e se renova com o passar do tempo. Dessa forma, algumas palavras caem no desuso e tornam-se antigas, outras novas são criadas pelo falante de uma comunidade linguística.

Oliveira e Isquerdo (1998, p. 7) ressaltam que “o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade [...] na medida em que o léxico recorta realidades do mundo, define também fatos da cultura”. Conforme as autoras, pode-

se dizer que o léxico constitui o patrimônio vocabular de uma determinada comunidade linguística ao longo de seu processo histórico.

Segundo Meillet (1912), a língua não constitui um produto acabado a uma região e a um grupo social. No entanto, para os estudos em gramaticalização, a língua varia com o passar dos anos, significando que antigas formas da língua podem ser recrutadas para exercer novas funções, ou então novas formas linguísticas podem emergir na língua com o intuito de satisfazer as necessidades dos usuários da língua em uma dada situação comunicativa.

Como se pôde perceber, o aparato teórico acerca do léxico, nos diferentes autores, de certa forma corrobora a necessidade de se empreenderem pesquisas sobre as novas contribuições de criação de ULNs na contemporaneidade, o que se procurou realizar neste trabalho. Na sequência, será dada uma atenção especial à questão sociológica na interface com o léxico, tendo sempre em vista a importância que se pode atribuir às criações neológicas disponibilizadas na internet, especialmente em *blogs* de jornalistas, colaboradores de jornais com veiculação regional, como é o caso do *corpus* selecionado para esta pesquisa.

III.1. MARCAS DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL NO LÉXICO

Para Benveniste (1989, p. 100), a língua e a sociedade mantêm entre si uma relação semiótica de interpretante (língua) e interpretado (sociedade), em que esta é contida por aquela. O nível linguístico em que a relação língua/sociedade é mais explícita, ou evidente, é no léxico. Como, porém, ressalta o autor, não é possível examinar o léxico fora de sua enunciação, ou seja, a língua tem de ser analisada em relação à sua realidade social.

No léxico é que se rotulam as mudanças encadeadoras dos caminhos e dos descaminhos da humanidade, além de comporem o cenário de revelação tanto da realidade quanto dos fatos culturais que permeiam a sua história. O léxico é marcado pela mobilidade, isto é, as palavras e as expressões com elas construídas surgem, desaparecem, perdem ou ganham significações. Este fato pode ser constatado com os neologismos analisados nas fichas de pesquisa neológica, palavras já dicionarizadas ganharam um novo sentido, novas realidades passaram a ser denominadas ou realidades já existentes passaram a ser ditas de uma forma mais descontraída, entre outros aspectos.

A necessidade de comunicar-se obriga os usuários da língua a se lançarem no uso de ULs para enunciarem seus pensamentos por meio de entidades vocabulares que, nem sempre, estiveram ou estão disponíveis para o seu uso impondo-se, desta forma, a urgência de criá-las ou evocá-las no fragor do ato expressivo. O falante é instado a ampliar o seu inventário vernacular para dar conta do seu entorno e do seu estar-no-mundo, sob pena de ser exilado dos jogos de convivência que contém, na palavra, o seu penhor e a sua fonte de produção. Tendo em vista o surgimento do *blog*, viu-se a precisão de nomear o usuário deste gênero textual virtual como *blogueiro*, por exemplo.

O léxico só pode ser adequadamente interpretado quanto analisado a partir do contexto em que foi enunciado, isto é, a partir de sua enunciação, da relação produto (enunciado) / processo (enunciação). É o que se procurará demonstrar na sequência.

IV. PRIMEIRAS ATESTAÇÕES: NEOLOGIA E NEOLOGISMOS

Giraud (1974, p. 200) demonstra que o termo alemão *Neologismus* e logo em seguida o inglês *neologism* designaram por muito tempo uma nova doutrina, inspirada em Spinoza e propagada pelos teólogos racionais⁹. Conforme essa doutrina, deve-se confiar apenas na razão e admitir nos dogmas religiosos somente aquilo que ela reconhece como lógico e adequado, segundo a nova luz.

Para Machado (1989, p. 207), em seu *Dicionário etimológico de língua portuguesa*, o termo neologismo é atestado no século XVIII, em Filinto Elísio. Segundo Cunha (1982, p. 547), o termo neologia foi datado em 1853. No século XVII, em francês, surgiu *néologisme* para designar uma afetação mundana quanto à maneira de expressão, já o termo *néologie* foi criado para designar a arte de inovar conforme o progresso das ideias, segundo esclareceu Deroy (1971, p. 5).

IV.1. NEOLOGIA E NEOLOGISMO DE ACORDO COM OS DICIONÁRIOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Morais Silva (1949, p. 246), em seu *Grande dicionário de língua portuguesa*, registra os termos neologia e neologismo. Entretanto, o autor atribui à UL uma relação sinonímica. Nesse sentido, não há uma distinção entre o processo e o produto. Nesta perspectiva teórica, a UL neologismo alude também ao “emprego das palavras desviadas do seu sentido natural ou do seu uso vulgar.”

O *Grande e novíssimo dicionário de língua portuguesa*, de Laudelino Freire (1957, p. 3.592), também não diferencia neologia de neologismo. Assim, essas ULs são definidas como “palavra ou frase nova, ou palavra antiga com sentido novo.” A diferença entre as

⁹ O racionalismo é baseado nos princípios da busca da certeza e da demonstração, sustentados por um conhecimento *a priori*. Explicando melhor, eram conhecimentos que não vêm da experiência e são elaborados somente pela razão. Assim, no racionalismo, fica a base do planejamento, da organização econômica e espacial da reprodução social. O postulado do interesse coletivo elimina os conflitos de interesses existentes em uma sociedade, seja em nome do princípio de funcionamento do mercado, seja como princípio orientador da ação do Estado. Abre espaço para soluções racionais a ‘problemas’ econômicos ou urbanos baseados em soluções técnicas e eficazes. Esta teoria considera a dedução como o método superior de investigação filosófica. René Descartes (1596-1650), Spinoza (1632-1677) e Leibniz (1646-1716) propiciam o início do racionalismo na filosofia moderna.

duas ULs será demonstrada na obra de Caldas Aulete (1970, p. 2.491), em que neologia é definida como “introdução de palavras novas ou de novas acepções, introdução de doutrinas novas numa ciência” e neologismo é definido como “palavra ou frase nova em uma língua, doutrina nova”. O *Novo dicionário de língua portuguesa* de Ferreira (1986, p. 1.189), como na proposta anterior, também distingue neologia: processo, de neologismo: produto.

De acordo com Correia *et al.* (2012, p. 17), a neologia é entendida com dois conceitos diferentes. No primeiro conceito, a neologia traduz a capacidade natural de renovação do léxico de uma língua pela criação e incorporação de unidades novas, isto é, as ULNs. No segundo conceito, a neologia é entendida como estudo das ULNs que vão surgindo na língua.

IV.2. TIPOS DE NEOLOGIA

Segundo Correia *et al.* (2012, p. 18), a neologia pode ser de dois tipos. O primeiro é chamado de neologia denominativa, ou seja, resultante da necessidade de nomear novas realidades que eram inexistentes. Assim não há uma determinada palavra para designar alguma situação ou experiência. Já o segundo tipo é chamado de neologia estilística, que corresponde à procura de uma maior expressividade do discurso, para traduzir ideias não originais de um modo mais criativo e descontraído, ou para demonstrar de forma inédita uma visão de mundo. Nesta perspectiva, diferente da neologia denominativa existe uma palavra para caracterizar uma determinada situação, mas o falante opta por outra, de acordo com suas finalidades.

As ULNs estilísticas existem primeiro no nível do discurso, entrando raramente no sistema da língua. Explicando melhor, são unidades que tendem a desaparecer rapidamente. São recorrentes no discurso humorístico, jornalístico, bem como na crônica policial. Entretanto, as ULNs denominativas, por serem criadas devido à necessidade específica de nomeação, são, geralmente, mais estáveis, sendo mais provável a sua entrada direta no sistema linguístico e, conseqüentemente, o seu registro no dicionário.

Além dos tipos e ULNs explanados anteriormente, podem-se demonstrar as unidades que são resultados da neologia da língua, que se trata de unidades do discurso, que por não se diferenciarem das restantes unidades lexicais da língua, não despertam

sentimentos de novidade no falante. Trata-se de formas virtuais possíveis pelo sistema linguístico. Por exemplo, adjetivos em –vel: *condicionável*, *encomendável*, *herdável*, entre outros.

As ULNs estilísticas são o exemplo mais evidente da criatividade lexical, percebida como a capacidade que o falante tem para ampliar o sistema linguístico, de modo consciente, em virtude de princípios de abstração e comparação imprevisíveis, porém motivados. A neologia denominativa, por seu turno, integra formas resultantes de produtividade linguística, ainda que nela seja possível também se deparar com formas resultantes de criatividade.

As ULNs da língua são o exemplo da criatividade lexical, vista como a capacidade inerente ao próprio sistema linguístico que permite a construção de palavras por processos interiorizados, aplicados frequentemente de forma sistemática e inconsciente, conforme Correia *et al.* (2012, p. 19).

Inicialmente, as ULNs começam a ser unidade do discurso e apenas algumas dessas ULNs passam a fazer parte do sistema linguístico, integrando-se no léxico da língua, e, assim, passaram a ser dicionarizadas.

É evidente, portanto, que a neologia estilística e denominativa estão presentes nas análises. No entanto a ocorrência das ULNs denominativas é menor quando comparada com as ULNs estilísticas, como será possível observar com as análises deste trabalho.

IV.3. UNIDADE LEXICAL: ATO E FATO SOCIAL E LINGUÍSTICO

A língua reflete a busca frenética da novidade, evoluindo rapidamente, introduzindo novas ULs. Se os vocábulos novos foram considerados pelos gramáticos como “vícios”, hoje podem consagrados com menos rigidez. São elas as ULNs, termo que significa nova palavra. Então, as ULNs estão ligadas a todas as inovações nos diferentes ramos da atividade humana.

As ULNs, além de testemunharem a criatividade e a imaginação de seus falantes, têm ligação com as modificações do mundo exterior nas mais diferentes áreas do conhecimento.

Criar uma palavra é traduzir um conceito por meio de sua representação escrita ou falada. A criação é um ato social, uma tentativa de impor uma visão de mundo a uma

comunidade. À medida que a cultura se desenvolve, o vocabulário evolui, incorpora novos termos e joga fora outros correspondentes que deixaram de existir. Muitas vezes a evolução da língua passa despercebida ao próprio falante.

Retratando a realidade vivida aparecem *mensalão*, *faxinaministral*, *arrochosalarial*, *expurgo*, entre outros. Assim sendo, pode-se perceber que, quando ocorre a utilização de uma UL nova, a compreensão da mensagem fica comprometida no primeiro momento. Após a assimilação e a compreensão, deixa de se comportar como novidade e passa a acrescentar informações novas na mensagem. Por fim, pela força de sua repetição, as pessoas passam a usá-las em seus atos de fala.

A imprensa é a via de acesso a inúmeras modificações da linguagem. No caso, muitos jornalistas introduzem neologismos em suas seções, pelo cunho de atualização que esse uso traz e pelo poder de influir junto ao público.

A língua possui diversas palavras e expressões que membros de uma comunidade necessitam, e isso dá uma liberdade de expressão ao falante, conforme a situação vivenciada. Muitas vezes, a raça, o Estado natal, o sexo ou a condição social, utilizado para designar qualidade boa ou má, revela preconceitos. Por exemplo: *programa de índio* é um programa desagradável, *vida de barão*, vida boa.

A linguagem das classes sociais favorecidas possui maior prestígio porque a maneira de falar de um superior parece ideal como símbolo de uma vida supostamente ideal.

Nem todas as novidades surgidas são aceitas, pois a adoção é uma seleção e normalmente se aceita aquilo que é funcional e certo, correspondendo a uma necessidade estética, social e funcional da sociedade. Conhecer o peso e o valor real da palavra é ter em mãos a chave da compreensão de uma sociedade.

A língua possui suas regras de economia e de construção. As regras de construção da língua portuguesa constituem o padrão morfológico a partir do qual é possível identificar determinada palavra como procedentes ao idioma português. Nessa perspectiva, todas as palavras para fazer parte do nosso vocabulário precisam se adaptar a este padrão. No entanto, a maneira mais simples e econômica de surgimento de uma palavra não é por meio de construção, mas sim, de mudança de sentido, como ficará claro com diversas ULNs semânticas que serão analisadas.

Algumas ULNs apresentam conceitos inovadores, introduzindo novos ou velhos hábitos, vistos por uma perspectiva diferenciada, como *salários achatados*, *amizades*

coloridas; surgem as locomotivas da sociedade, o *piso* e o *tetosalarial*, e os *pacotes* são medidas governamentais e não embrulhos, não obstante estejam cada vez mais embrulhados. A regra de construção está vinculada às ULNs formais, palavras que ainda não se encontram nos verbetes dos dicionários, ou ao menos não na acepção identificada em diversos contextos.

A Internet influencia e modifica a linguagem dos jovens mais do que a dos adultos. Na publicidade, o neologismo não é gratuito. Registra-se à difusão e fixação do produto. Escolhe o aspecto utilitário de informar o que interessa, despertando a vontade de aderir ao proposto. A familiaridade com os nomes pode gerar indiferença, por isso é necessário surpreender.

A UL nova surgida cai na corrente da língua e segue a sua história. No caso, a frequência de repetição pode determinar a perda do caráter neológico, e ir regredindo à medida que seu emprego aumenta. A sua aceitabilidade pelo grupo social determinará sua permanência. O vocabulário se modifica na sucessão de comunicações, quando se adere às ULs novas e elas acabam sendo transmitidas. A linguagem se transmite de modo descontínuo. A língua move-se ao longo do tempo, em uma corrente que se constrói a seu curso. Mas nem sempre esta mutabilidade é aceita, como se verá a seguir.

IV.4. A EVOLUÇÃO ININTERRUPTA DA LÍNGUA: NEOLOGIA E NEOLOGISMO

É previsto que o acervo lexical de uma língua está sempre se renovando. Para a língua portuguesa, uma das maiores contribuições atuais está por conta da influência da língua inglesa. Um dos motivos é o grande uso de equipamentos de informática, principalmente, assim como o uso de *softwares* e *hardwares*, cujo uso requer palavras e expressões que estão a cada dia mais presentes na língua portuguesa no Brasil. Além de tais contribuições, ocorre diariamente e de maneira muito discreta, sem a percepção consciente do usuário da língua, uma renovação vocabular. Isso ocorre, pois algumas palavras caem em desuso, dando espaço para novas palavras, iniciando um processo de criação lexical, o qual recebe o nome de neologia, em que o elemento resultante, a nova palavra, recebe o nome de neologismo. Inicialmente, para se entender o que seja neologismo, será ressaltado o que significa léxico. Léxico, como já foi abordado, é o conjunto das unidades lexicais significativas de uma dada língua, em um determinado

momento da sua história. Diversos linguistas relacionam o par léxico/vocabulário com as oposições preconizadas por Saussure entre *langue*/parole. As unidades virtuais do léxico, que constituem sistemas abertos (ou inventários ilimitados) são atualizadas no discurso. Nesse contexto, léxico opõe-se à gramática, dado que o léxico é um sistema aberto e a gramática um sistema fechado.

De acordo com Barbosa (1981, p. 78), a neologia constitui o processo pelo qual a mudança linguística fornece o aparecimento de formas significante e significado que ainda não tinham sido identificados na língua ou em um dado conjunto de enunciados. Tal processo é estruturado no nível de suas consequências, de resultados, originando novas palavras. A neologia exige um sistema, ou seja, um conjunto de regras que possuem uma coerção sobre a criação, a determinação, a sinalização e o emprego dessas novas ULs.

Há momentos importantes na criação das ULNs, conforme Barbosa (1981) aponta:

- a) o que diz respeito ao instante de sua criação;
 - b) o momento pós-criação, que se refere à recepção, ou o julgamento de sua aceitabilidade por parte dos destinatários, bem como a inserção no vocabulário e léxico de um grupo linguístico-cultural;
 - c) o momento em que começa a dar-se a “desneologização”.
- (BARBOSA, 1981, p. 34)

Barbosa ressalta que o primeiro momento, o da criação, está ligado ao processo de enunciação, quando o locutor, ao perceber um novo dado antropocultural e, ao estruturar um novo signo linguístico, passará a outro falante, em um ato de enunciação que ele apareça pela primeira vez. Já as ULs existentes no léxico, que poderiam servir para aquele novo modelo, não são empregadas por não exprimirem, a seu ver, todos os traços sêmicos que o locutor deseja transmitir.

No segundo momento, o da aceitabilidade, só passa a ter estatuto se o seu uso se generalizar a ponto de ser um vocábulo disponível, pelo menos, de um grupo de pessoas. Em um primeiro momento, os membros do grupo tomam conhecimento da criação do neologismo e, conseqüentemente, passam a usá-lo. Dessa forma, ele vai se difundindo. Ou pode ocorrer de acontecer uma rejeição natural ou tradicional da ULN e esta desaparecer logo depois de aparecer. Mas, se a palavra neológica passa a ser de uso frequente e de distribuição regular entre os usuários da língua de uma comunidade, a ULN deixa de ser neologismo e perde o caráter inovador.

Por fim, o terceiro momento, o da perda da consciência do fato neológico, ocorre com a repetição do neologismo, à medida que se emprega o neologismo e os

falantes/ouvintes vão tendo contato com ele gradativamente. Nesse momento, desaparece o ímpeto provocado inicialmente pela novidade lexical, até que, sem perceber, os vocábulos passam a integrar o acervo das ULs memorizadas entre os falantes.

A evolução da língua está inteiramente ligada à necessidade de expressão do falante. Isso significa dizer que se o falante cognitivamente cria uma sensação, ele terá de nomeá-la, ou utilizando um referente já existente na língua ou criando uma nova UL para representá-la. Cada nova UL criada, utilizada e institucionalizada dá suporte para a evolução do acervo daquela língua. Isso mostra que o acervo lexical de todas as línguas vivas se renova. Enquanto algumas ULNs deixam de ser utilizadas e tornam-se arcaicas, uma grande quantidade de ULNs é criada pelos falantes de uma comunidade linguística.

O estudo e descrição da língua portuguesa revelam que o léxico português tem ampliado seu acervo mediante os mecanismos oriundos do latim, por meio da derivação e da composição. Além disso, há o processo de empréstimo proveniente de contatos íntimos entre a comunidade de fala portuguesa e outros povos.

Ao criar um neologismo, o emissor tem, muitas vezes, plena consciência de que está inovando, gerando novas ULs, pelos processos de formação vernaculares ou pelo emprego de estrangeirismos. Essa sensação de neologia traduz-se graficamente por processos visuais como aspas, maiúsculas e itálicos, que visam a realçar o resultado da criatividade lexical. É por meio dos meios de comunicação de massa e de obras literárias que as ULNs recém-criadas têm oportunidade de serem conhecidas e, eventualmente, serem difundidas. Entretanto, ser conhecido pelo falante é diferente de pertencer ao acervo lexical de uma língua. Nesse caso, o que ocorre é que a comunidade linguística, pelo uso do elemento neológico ou pela sua não difusão, decide sobre a integração dessa nova formação ao idioma.

O dicionário geral ainda representa a maior obra lexicográfica existente, não apenas no Português, mas também em outros idiomas. A institucionalização significa que uma formação foi abonada e incluída no dicionário deixando de ser, portanto, neológica, se for considerado este produto dicionário como o *corpus* de exclusão. A seguir, algumas considerações acerca desses diversos processos de formação que a língua portuguesa oferece a seus falantes para a criação neológica.

IV.4.1. Neologismo fonológico

Dentro da neologia, é possível identificar a neologia fonológica, por exemplo, que supõe a criação de uma UL cujo significante seja totalmente inédito, isto é, criado sem base em nenhuma palavra já existente. Não basta que um significante esteja de acordo com o sistema de uma língua para que ele se torne um elemento integrante do léxico desse idioma. É o próprio mecanismo da comunicação que impede a vivacidade da neologia fonológica, a fim de garantir a eficácia da mensagem. Assim, a ULN tem caráter neológico à medida que é interpretada pelo receptor.

IV.4.2. Neologismo formado por estrangeirismo

Segundo Alves (1990, p. 70), palavras de diferentes idiomas são empregadas na língua portuguesa do Brasil e essa utilização é denominada estrangeirismo. O estrangeirismo é facilmente encontrado em vocabulários técnicos — esportes, economia e informática — como também em outros tipos de linguagens especiais: publicidade e colonismo social. No caso da linguagem publicitária de jornais e revistas, estrangeirismos são frequentemente citados em propagandas referentes a produtos importados: aparelhos de som, DVDs, etc. A integração do estrangeirismo depende também da incorporação ortográfica da ULN estrangeira ao sistema português. Para isso não existe uma regra, e muitos empréstimos já foram assimilados, como *abajur* e *xampu*.

IV.4.3. Neologismo lexical ou formal

De acordo com Henriques (2007, p. 138), o neologismo lexical ou formal é formado a partir de critérios variados, aceitando-se a invenção de uma ULN sem lógica linguística a não ser a junção de letras ou sons, o que corresponderia às ULNs fonológicas, de acordo com Alves (1990, p. 98). Pode-se afirmar que são ULNs que possuem inspiração em outras, podendo algumas vezes gerar outras ULNs através das mesmas razões, produzindo uma nova formação com vínculos mais fonológicos do que semânticos. Essas ULNs são classificadas em:

- Abreviação: o sintagma é reduzido de modo a tornar-se mais eficaz no processo de comunicação.
- Acronímia ou derivação de siglas: formação de unidades lexicais que compõe um sintagma.
- Aglutinação: quando ao combinar-se perdem alguns elementos mórficos.
- Derivação regressiva: verbos que se tornam substantivos abstratos (*agito – agitar*).
- Derivação prefixal: soma de uma palavra primitiva (ou seu radical) com um prefixo.
- Derivação sufixal: soma de uma palavra primitiva com o seu sufixo.
- Derivação prefixal e sufixal: um prefixo e um sufixo são acrescentados à palavra de maneira independente.
- Derivação parassintética: é necessário acrescentar um prefixo e um sufixo.
- Derivação Imprópria: mudança gramatical nas palavras sem alteração da forma.
- Justaposição: elementos de uma palavra composta que apenas se justapõe, conservando cada qual sua integridade de forma e acentuação.
- Truncação: junção com fragmentação de bases na qual uma palavra carrega a outra.
- Redução: consiste na subtração de algum morfe ou segmento terminal da palavra-base, ou ainda da abreviação de longos títulos.
- Reduplicação: consiste na repetição da vogal ou consoante, acompanhada quase sempre de alternância vocálica, para formar uma palavra imitativa.

IV.4.4. Neologismo semântico

Para Alves (1990), muitas ULNs são criadas na língua portuguesa sem que se opere nenhuma mudança formal em palavras já existentes. Qualquer transformação semântica manifestada em uma palavra ocasiona a criação de um novo elemento que, nesse caso, trata-se do neologismo semântico. Por meio dos processos estilísticos da metáfora, da metonímia e de tantos outros, vários significados podem ser atribuídos a uma base formal e transformam-na em novas ULNs. É o caso do sintagma *trem da alegria* que apresenta peculiaridades interessantes. Difundido com o significado de contratações de funcionários públicos de maneira irregular, a frequência de seu emprego tem causado a criação

análoga de unidades sintagmáticas em que a base determinada é modificada com finalidade satírica, como é o caso de *dança das cadeiras*, quando há necessidade de remanejar funcionários públicos de cargo e, assim, proporcionar emprego a outras pessoas conhecidas do político.

É impreterível ressaltar aqui as definições das figuras de linguagens mais utilizadas nos *blogs* analisados, que são a metáfora e a metonímia.

A metáfora é um termo que, no latim, "*meta*" significa "algo" e "*phora*" significa "sem sentido". Esta palavra foi trazida do grego onde *metáfora* significa "mudança" e "transposição". Nesta figura de linguagem, ocorre a comparação de palavras em que um termo substitui outro. É uma comparação abreviada em que o verbo não está expresso, porém subentendido. Por exemplo, dizer que alguém "*está forte como um touro*", certamente não quer dizer que ele se pareça fisicamente com o animal, entretanto está tão forte que faz lembrar um touro, comparando a força entre o animal e o indivíduo. A metáfora corresponde na substituição de um termo por outro por meio de uma relação de analogia. É importante ressaltar que para que a analogia possa ocorrer, devem existir elementos semânticos semelhantes entre os dois termos em questão.

A metonímia está relacionada com uma relação de continguidade/proximidade entre duas ideias ou conceitos. A nível linguístico, a metonímia tem uma função significante, em que a parte é tomada pelo todo. Por exemplo "*Ele bebeu o copo inteiro*". Dessa forma, a pessoa não bebe o copo, e sim o que estava dentro do copo.

O léxico de um idioma, entretanto, não se amplia exclusivamente por meio do acervo já existente: os contatos entre as comunidades linguísticas refletem-se lexicalmente e constituem uma forma de desenvolvimento do conjunto lexical de uma língua.

Esta alteração semântica, se difundida e aceita pela comunidade linguística, acaba por ser registrada nos dicionários. Afirma Alves (1990, p. 67):

[...] fato que constitui uma prova de sua aceitação pela comunidade linguística, conduz à inserção da nova acepção dos dicionários. Por esse processo, ao significado básico de um item lexical vão-se acrescentando os que vierem a ser criados pelo processo da neologia semântica [...] De monossêmica, a unidade léxica torna-se polissêmica. (ALVES, 1990, p. 67)

Conforme a citação é perceptível que a neologia semântica permite que uma palavra que tem apenas um sentido torna-se polissêmica, isto é, que tenham outros sentidos além daquele dicionarizado.

Hoje, já se pode pensar em um *internauta*, uma pessoa que navega pela Internet, na qual cada um iria imaginar a imagem que fosse mais adequada ao seu conhecimento de mundo, porque essa nova UL adquiriu nova carga semântica com o advento da Internet. Não só na Internet, mas no nosso dia a dia já há diversas ULs que eram monossêmicas e se tornaram polissêmicas, como é o caso da ULN “*total flex*” que não está sendo utilizada apenas para veículos que são abastecidos tanto com álcool como com gasolina, mas sim se refere às pessoas que se relacionam com ambos os sexos. Vale ressaltar que alguns autores tratam a sinédoque como um tipo de metonímia.

Neste trabalho, foram analisadas ULNs semânticas e lexicais como será visto mais adiante. No próximo capítulo, demonstram-se as diferentes visões teóricas referentes ao termo sinonímia, que poderá auxiliar no entendimento de que, apesar de uma palavra ter um sinônimo, como no caso das ULNs analisadas, dificilmente será um sinônimo perfeito daquela palavra já dicionarizada, ou seja, nem todas as situações comunicativas permitem que se use a UL dicionarizada e o neologismo como sinônimos.

IV.5. A SINONÍMIA

IV.5.1. A sinonímia e os seus diferentes pontos de vista

A sinonímia é um fenômeno linguístico exposto por diversos estudiosos há muitos séculos. Na Grécia antiga, o fenômeno era aludido pelos filósofos, como Aristóteles. Atualmente, o fenômeno acabou sendo tratado de maneira aprofundada pela Linguística, mas os filósofos continuam sentindo-se instigados pelo tema e dedicando seus estudos a ele.

De acordo com o verbete sinonímia do *Novo Aurélio Século XXI*, um dos dicionários mais populares da língua portuguesa no Brasil, ela significa:

sinonímia. [Do gr. *synonymía*, pelo lat. tard. *synonymia*; fr. *synonymie* S. f. E. Ling. 1. Qualidade ou caráter de sinônimo. 2. Relação entre palavras sinônimas. 3. Fato linguístico que se

caracteriza pela existência de palavras sinônimas. 4. Uso de sinônimos. (FERREIRA, 1999, p. 1.862)

Como a definição não apenas faz referência mas define o termo com base no conceito de sinônimo, é imprescindível também consultar esse segundo verbete. Nele, por sua vez, pode-se encontrar o seguinte:

sinônimo. [Do gr. *synónymon*, pelo lat. tard. *synonymon*.⁷ Adj. / E. Ling. Diz-se da palavra ou locução que tem a mesma ou quase a mesma significação que outra. * S. m. 2. E. Ling. Palavra ou expressão sinônima de outra [...] 3. Bot. Nome aplicado a uma espécie vegetal posteriormente ao nome válido, que é o primeiro, se este foi dado de acordo com as regras aceitas. (FERREIRA, 1999, p. 1.862)

Com base nessas definições, é perceptível que, para o lexicógrafo, o conceito de sinonímia está ligado aos estudos linguísticos e que o fenômeno revela o fato de existirem palavras ou expressões que possuem a mesma significação ou significações muito próximas.

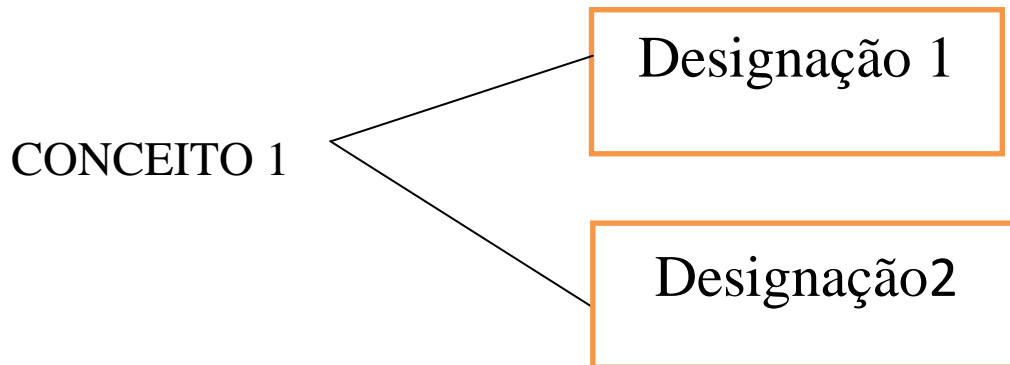
De modo geral, pode-se dizer que os verbetes do dicionário registram a ideia geral que os falantes têm, quando se fala na existência de sinônimos, quando estes são procurados em dicionários específicos de sinônimos, ou ainda, quando, por meio deles, se busca definir uma palavra desconhecida a outro falante.

Embora o dicionário registre essa ideia geral, é importante salientar com mais detalhes o que exatamente é a sinonímia para a Semântica e para a Lexicologia e demonstrar quais são os problemas teóricos e práticos envolvidos em sua identificação e em sua conceituação, além de apresentar quais são as atuais reflexões sobre o tema. Por isso, serão abordados alguns aspectos da Semântica e da Lexicologia no item a seguir.

IV.5.2. A sinonímia na perspectiva dos estudos semânticos e lexicológicos

De acordo com Barros (2004, p. 221), há sinonímia quando um mesmo conceito é designado por significantes diferentes. Para Lyons (1970, p. 348), a sinonímia pode ser definida como “uma relação de equivalência de sentido matemático do termo”. Essa relação pode ser observada na seguinte Figura.

Figura 1: Representação da sinonímia de acordo com Lyons (1970, p. 348).



Fonte: Lyons (1970, p. 348).

Na verdade, este tipo de relação é raro, já que as ULs não são permutáveis em todos os contextos, não possuem a mesma distribuição, nem os mesmos sentidos cognitivos e afetivos.

Conforme Lyons (1970, p. 135), o espaço privilegiado para a criação de sinonímia depende do contexto no mais elevado grau como nenhuma outra relação de sentidos. Este autor cita o seguinte exemplo: “Vou *pegar* uma baguete na padaria”, em que *pegar*, dentro de um contexto específico, é sinônimo de comprar, visto que pressuposições culturais indicam que só comprando a baguete pode-se adquiri-la. Em outro contexto, possivelmente, *pegar* e *comprar* não seriam sinônimos. Nessa perspectiva, o mais indicado é falar em valor sinonímico, e não em sinonímia absoluta.

Segundo Galisson (1979, p. 171-216), o caráter relativo da sinonímia e as raras situações em que os critérios de permutabilidade e identidade dos referentes cognitivos e afetivos são totalmente atingidos fazem com que a ideia de parassinonímia passa a ser escolhida em detrimento da de sinonímia. Galisson (1979) explica a parassinonímia:

Os parassinônimos são termos que podem ser considerados como tendo o mesmo sentido, mas cuja distribuição não é exatamente equivalente. O conceito de parassinonímia se distingue, assim, da de sinonímia, que recobre os termos tendo o mesmo sentido e a mesma distribuição, isto é, são comutáveis em todos os contextos e em todas as situações. (GALISSON, 1979, p. 187)

É preferível tratar do fenômeno como parassinônimo, pois não existem sinônimos perfeitos, ou seja, com as mesmas cargas semânticas. Assim, duas ULs podem ser consideradas sinônimos perfeitos somente quando possuem os mesmos referentes denotativos ou conotativos.

Na perspectiva teórica de Brekle (1974, p. 69), a sinonímia seria mais uma questão de parentesco semântico do que uma identidade de significação entre duas palavras.

Em Lyons (1997, p. 136), pode-se encontrar a seguinte afirmação: “as expressões com igual significado são sinônimas”, mas o autor continua seu texto, fazendo observações sobre o conceito, que, de início, parece banal. No entanto, aponta suas complexidades dizendo que era necessário fazer duas observações a essa definição. A primeira é que a relação de sinonímia não se limita aos lexemas, pois pode ocorrer que expressões lexicamente simples tenham o mesmo significado que expressões lexicamente complexas. A segunda supõe que a identidade, e não meramente a semelhança, seja o critério da sinonímia. Assim, neste último sentido, se diferencia da definição de sinonímia que se pode encontrar em diversos dicionários padrão e daquela com a que os mesmos lexicógrafos operam ordinariamente. Muitas das expressões recolhidas como sinônimas nos dicionários gerais ou especializados são o que poderia denominar-se quase sinônimos por expressões que são mais ou menos semelhantes no significado, porém não idênticas. A quase sinonímia não se há de confundir com diversos tipos que serão nomeados como sinonímia parcial, que satisfaz o critério de identidade de significado. No entanto, por diversas razões, não chega a cumprir as condições do que se pode designar como sinonímia absoluta.

Neste excerto, além de o autor lembrar o fato de que não existem apenas relações de sinonímia entre lexemas simples, ele introduz três outros conceitos relacionados ao tema: a quase sinonímia, a sinonímia parcial e a sinonímia absoluta.

A quase sinonímia, segundo o autor, é diferente dos demais conceitos, pois está relacionada à sinonímia entre lexemas cujos significados são apenas semelhantes, no entanto, não idênticos. Em relação às outras, o autor tenta distingui-las dizendo que o conceito de sinonímia absoluta, em contraste com a quase sinonímia e com o conceito mais amplo de sinonímia, que se acabou de definir e que cobre a sinonímia absoluta e parcial, isto é, a não absoluta. A sinonímia absoluta é muito rara. Duas (ou mais) expressões são absolutamente sinônimas se satisfazem as seguintes condições: (i) todos os seus significados são idênticos; (ii) são sinônimos em todos os contextos; (iii) são

semanticamente equivalentes, ou seja, seu significado ou significados são idênticos em todas as dimensões do significado descritivo e não descritivo.

A partir dessas constatações, o autor demonstra critérios bastante utilizados. Além disso, no texto do autor, a intercambialidade em todos os contextos é um dos princípios para se considerar dois ou mais lexemas como sinônimos absolutos, sem contar que o significado não descritivo desses lexemas tem de ser idêntico. Dessa forma, é difícil considerar dois lexemas como sinônimos absolutos e de que forma nasce a indagação referente à existência ou não existência de sinonímia absoluta.

Lyons (1997, p. 87) ainda não exclui a possibilidade de uma sinonímia absoluta, mas recorda que esta é raríssima. Já outros estudiosos da Semântica posicionam-se de maneira um pouco diferenciada. Por exemplo, Ullmann (1965, p. 159) cita dois estudiosos que negam a existência da sinonímia absoluta, como Macaulay, que afirma (s/d *apud* ULLMANN, 1965, p. 159): "Muda a estrutura da oração, substituir um sinônimo por outro, e o efeito total estará destruído." O autor também cita Bloomfield (s/d *apud* ULLMANN, 1965, p. 159) AO afirmar que "cada forma linguística tem um significado constante e específico. Se as formas são foneticamente diferentes, supomos que seus significados também são diferentes".

Ullmann (1965, p. 159) defende, portanto, a existência de sinônimos absolutos, sobretudo quando se trata das áreas de especialidade. Segundo o autor, o principal teste a ser aplicado para se fazer essa verificação é a intercambialidade, quer dizer que se em uma determinada substituição a diferença é predominantemente objetiva, a miúdo se achará uma certa superposição parcial no significado: as lexias em questão podem ser intercambiadas em uns contextos, porém não em outros.

Diante dessa afirmação, torna-se perceptível que Ullmann apresenta a possibilidade de existência da sinonímia absoluta, que é provada pelo teste de intercambialidade. No entanto, o autor enfatiza que não haverá sinonímia se as palavras ou termos em questão pertencerem a níveis de registro diferentes.

Cruse (1986), já em sua definição do que são sinônimos, faz menção a diferentes traços semânticos existentes entre eles:

Sinônimos, então, são itens lexicais cujos sentidos são idênticos em relação aos traços semânticos 'centrais', mas diferem-se absolutamente, apenas em relação ao que podemos provisoriamente

descrever como traços 'menores' ou 'periféricos'[...]. (CRUSE, 1986, p. 267)

A partir desse trecho, o autor afirma a existência de diferentes traços semânticos entre os sinônimos. Cruse também discute a existência ou não existência da sinonímia absoluta afirmando que se os sinônimos absolutos existem realmente são extremamente incomuns. Não há uma motivação óbvia para a existência de sinônimos absolutos em uma língua, e esperar-se-ia que qualquer um desses itens se tornasse obsoleto, ou que uma diferença na função semântica se desenvolvesse. Assim, o autor não descarta totalmente a existência da sinonímia absoluta, todavia a admite praticamente como um conceito teórico, ou seja, esse conceito serve para ele como um constructo teórico, uma vez que é praticamente inobservável na realidade. Diante disso, uma novidade apresentada pelo autor é o fato de que existem diferentes graus de sinonímia. Dito de outra forma há termos que entre si são mais sinônimos que outros.

Na perspectiva teórica de Baldinger (1970, p. 109), este retoma, primeiramente, o trapézio de Heger, que distingue, no plano da substância do conteúdo, o significado (que reúne todos os sememas ligados a um monema), o semema (que se poderia chamar de significação na terminologia tradicional) e o sema (ou seja, o conceito). Diante da retomada desse trapézio e frente à sinonímia, Baldinger afirma que:

Se o significado não contém senão um semema, significado e semema são idênticos; se o significado contém, entretanto, vários sememas, constitui-se um campo semasiológico. Com relação à sinonímia, esta situação de base nos permite distinguir duas classes de sinonímia no plano da substância do conteúdo:

Uma sinonímia de dois significados (se os dois significados, ligados a dois monemas diferentes, só contêm, cada um, um semema) [...]

Uma sinonímia de dois sememas que estão ligados através de dois significados complexos (que contém mais de um semema), a dois monemas diferentes [...]

A sinonímia, neste segundo caso, se produz não no plano do significado, mas no plano do semema [...]. (BALDINGER, 1970, p. 109)

Para justificar a ausência de sinonímia absoluta, o autor lista uma série de elementos que intervêm na sinonímia. Dessa forma, ao lado da presença virtual do campo semasiológico, quando os monemas possuem mais de uma significação, cita, primeiramente, lembrando que estes não vivem isoladamente na língua, porém relacionam-se com outros. Os seguintes fatores diferenciam os sinônimos e favorecem a

escolha de um deles: a semelhança formal com outros monemas; a pertença a uma família de palavras; a motivação expressa, sobretudo nas palavras compostas ou derivadas, ao lado de outros monemas em que tal motivação não é percebida; a questão da fonoestilística; as probabilidades de distribuição das palavras em determinados contextos e sintagmas; a entonação e o ritmo; o estilo do texto; os princípios estilísticos de convenção, como o princípio da não repetição de uma mesma palavra.

Baldinger (1970, p. 223) também enumera outros fatores ligados ao falante que intervêm na escolha entre sinônimos: a localização geográfica; a posição social; a profissão; a religião; a pertença a um partido político; a idade; o sexo; a escolha entre modernismos ou arcaísmos; a escolha entre cultismos ou popularismos; a escolha entre estrangeirismos ou palavras autóctones; a possibilidade de intensificação; o humor; a ironia e a paródia; a afetividade laudativa; a afetividade pejorativa; o eufemismo. Nesse âmbito, levando em consideração todos esses fatores, o estudioso chega a uma conclusão mais incisiva.

O autor discute que no plano de análise do signo linguístico não há sinonímia absoluta. Ela existe apenas no plano conceitual ou do significado e se esse significado contiver somente um semema simbólico.

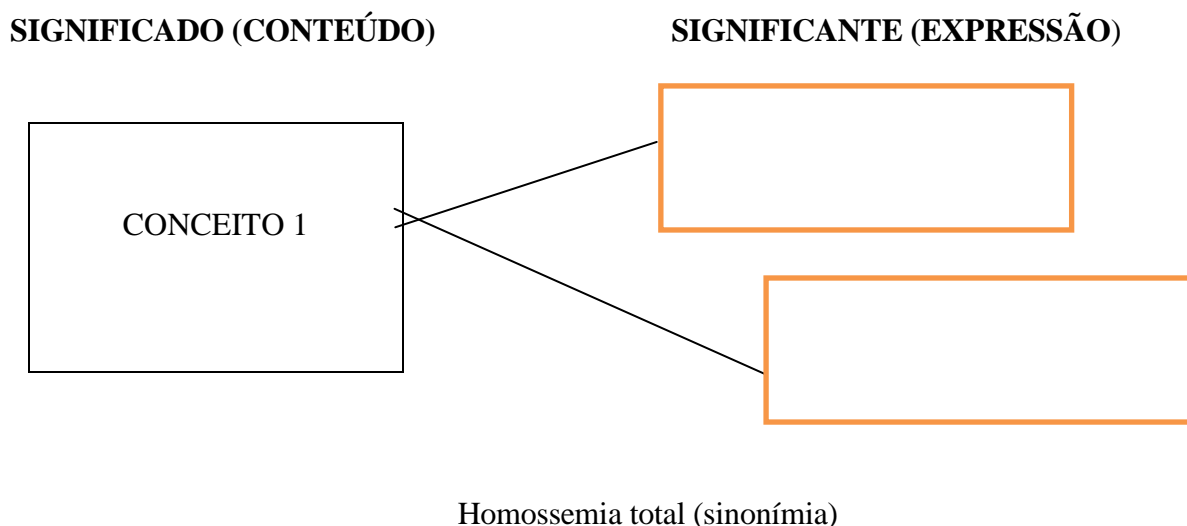
Sob a perspectiva de Baldinger, a sinonímia absoluta não existe sequer nas terminologias científicas, isto é, segundo o autor a partir do momento em que o conceito se atualiza em um discurso concreto, por meio de um signo linguístico, os fatores estilísticos passam a atuar na escolha entre sinônimos.

A princípio, o conceito atribuído ao termo sinonímia pelos diferentes estudiosos da Semântica parece não diferir da conceituação registrada pelos dicionários de língua e atribuída ao termo pelos falantes da língua em geral.

A identidade da sinonímia depende do contexto, no entanto, considerando que as palavras nunca ocorrem nos mesmos contextos, ou que “a significação da palavra é o conjunto de contextos em que pode ocorrer”, conforme Ilari e Geraldi, (1985, p. 46), não há sinônimos. Além disso, os sinônimos sempre sofrem algum tipo de especialização, podendo ser de sentido ou de uso. Trata-se de “sinonímia estrutural” quando se alega a identidade de significação entre frases (paráfrase). Os problemas de “sinonímia estrutural” são os mesmos da “sinonímia lexical”, pois o uso de uma ou de outra palavra ou construção gramatical varia, assim como a escolha que os locutores fazem.

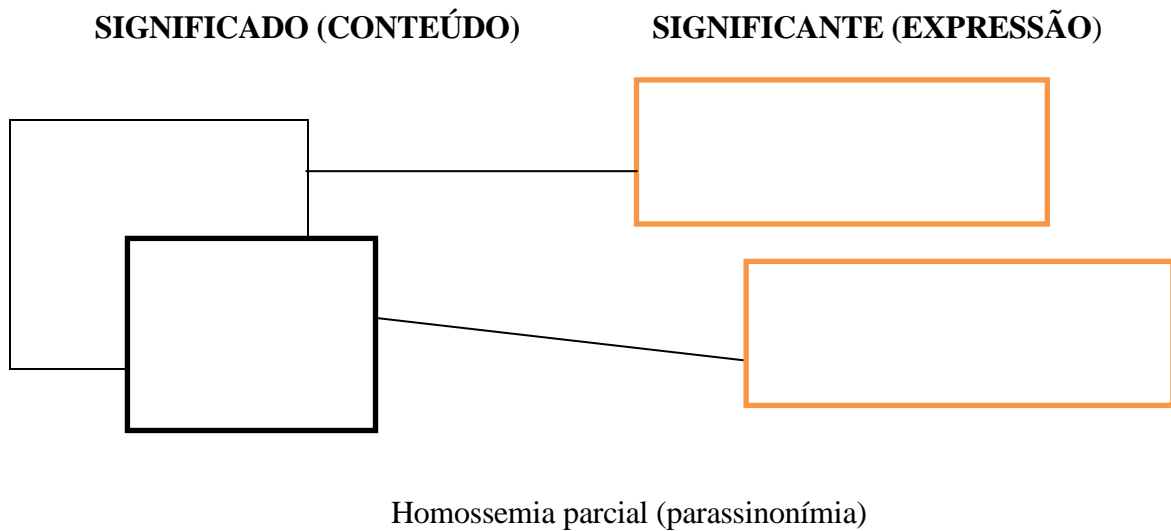
Por fim, Barbosa (1999) considera sinônimos somente os elementos de uma campo lexical que possuem a mesma referência cognitiva, conotativa e a mesma distribuição. Assim, os sinônimos devem ser comutáveis em todos os contextos. Por outro lado, os parassinônimos são unidades lexicais que têm a mesma referência cognitiva, porém as referências conotativas são distintas e possuem distribuição aproximada. Para a estudiosa, na homossemia total, há dois ou mais elementos do conjunto significante, que corresponde somente a um elemento do conjunto de significado. Já a homossemia parcial, quer dizer, parassinonímia, dois ou mais elementos do conjunto do significante, em relação à oposição disjuntiva, correspondem dois ou mais elementos do conjunto significativo. A autora propõe a seguinte sistematização para o fenômeno:

Figura 2: Representação da sinonímia segundo Barbosa (1999).



Fonte: elaborado pela autora, segundo Barbosa (1999).

Figura 3: Representação da parassinonímia segundo Barbosa (1999).



Fonte: elaborado pela autora, segundo Barbosa (1999).

De acordo com Barbosa (1999), a relação de significação de sinonímia e de parassinonímia é uma função, ou seja, uma relação de dependência. Nesse âmbito, as noções de sinonímia e parassinonímia não são estanques, mas sim sempre reformuladas devido à rede conceptual e lexical em que estão inseridas, dos universos do discurso, das situações comunicativas, do *hic et nunc* (aqui e agora) do ato de enunciação, relacionando-se ao tempo e espaço do ato de enunciação.

Na obra de Haensch *et al.* (1982), verifica-se que os autores, para definirem a sinonímia, utilizam-se de uma citação de Hausmann, em que o autor conceitua os sinônimos da seguinte forma:

Chamam-se sinônimas aquelas palavras que, pertencendo à mesma categoria gramatical, com significados parecidos e com forma diferente, podem intercambiar-se em determinados contextos com ou sem matizações do significado. (HAUSMANN, 1977 *apud* HAENSCH, 1982, p. 348)

Os autores não se prendem a essa definição e aprofundam a reflexão, de maneira bastante semelhante às ideias de Baldinger:

[...] à pergunta sobre se existem sinônimos se pode responder afirmativamente, já que, se partimos do conceito simbólico, que é um conceito dependente de uma língua dada [...], de fato se podem dar várias

denominações. Os vocábulos franceses *nonanteem* [...] da perspectiva onomasiológica, há sinônimos, variantes de denominação para o mesmo conceito simbólico. Se, por outro lado, se elegem as denominações de uma língua dada como ponto de partida, ou seja, se procede a análises semasiológicas, entram em jogo também as outras funções do signo linguístico [...]. Do ponto de vista semasiológico, se pode comprovar também que entre *nonantee quatre-vingt-dix* há uma identidade simbólica, e o mesmo entre *médecine toubib*; mas isto só é possível porque do catálogo de traços ou *semas* se excluem aqueles fatores que não têm nada que ver com o caráter de símbolo do signo, quer dizer, valores que diferenciam os sinônimos. [...]. (HAENSCH *et al.*, 1982, p. 350)

Percebe-se que do mesmo modo que Baldinger, os autores não creem na existência da sinonímia absoluta no plano semasiológico de análise. Entretanto, apenas no plano onomasiológico, em que ainda não há a atualização do signo linguístico em um discurso individual, que traz a escolha do falante por uma determinada denominação, dependendo de suas características individuais e sociais no âmbito de uma comunidade linguística e das intenções de seu discurso.

Niklas-Salminen (1997, p. 111), corroborando esse pensamento, ainda que não estabelecendo uma diferenciação entre os planos semasiológico e onomasiológico, porém comentando e problematizando os conceitos de sinonímia absoluta e parcial, além do princípio de intercambialidade em todos os contextos, discute que se pode prever que se duas palavras são utilizadas nos mesmos contextos, uma delas possui tendência a desaparecer ou a mudar de sentido. Se muitos significantes correspondem a um mesmo significado, é certamente por uma necessidade de língua.

O autor recorda-se do fato de que a possibilidade, levantada por Baldinger, já é bastante restrita, no caso, de haver monemas com um único semema, o que facilitaria a existência de sinonímia absoluta.

Conforme essas reflexões, pode-se perceber que, de acordo com a maior parte dos estudiosos, há sinonímia absoluta no plano onomasiológico, mas quando se faz referência à língua comum, é inexistente. Quanto às terminologias, no entanto, os pensamentos não são tão consensuais. Sendo assim, mais adiante, serão analisadas as ULNs com seus respectivos sinônimos no âmbito digital. Antes, porém, será dada uma atenção especial ao gênero que foi eleito para a presente pesquisa, no caso, o *blog*.

V. O AMBIENTE VIRTUAL

V.1. GÊNEROS TEXTUAIS DA INTERNET

As diversas modificações que a nossa linguagem vem sofrendo demonstram como ela é flexível e adaptável às transformações tecnológicas emergentes, quando os equipamentos informáticos e as novas tecnologias passaram a fazer parte de nossas vidas.

As pessoas passaram a usar com mais intensidade os meios, como *e-mails*, *blogs*, *Orkut*, *Facebook* para suprir uma necessidade de troca cada vez mais instantânea de informações que foi se ampliando e hoje a agilidade de escrever nesses campos é incomparável.

Segundo Marcuschi (2005), os gêneros emergentes no contexto da tecnologia digital são variados, porém a maioria possui características similares tanto na escrita como na fala. A versatilidade da chamada “e-comunicação” já tem provocado discussões acerca dos impactos que ela pode causar na linguagem e na vida social contemporânea. O autor ressalta que o impacto das tecnologias digitais na vida contemporânea está apenas se fazendo sentir, e já mostrou que tem poder tanto para construir quanto para devastar.

Os gêneros virtuais costumam agregar diversas informações de uma só vez, disputando a atenção de um leitor cada vez mais atarefado na frente do computador. Eles ainda integram mais semioses do que as usuais, tendo em vista a natureza do meio com participação mais intensa e menos pessoal.

Os gêneros baseados na Internet são fundamentados na oralidade. Há uma ideia de se tratar da existência de uma “fala por escrito”, mas o fato deve ser visto com cautela, porque o que existe é um hibridismo acentuado.

De acordo com Crystal (2001), o impacto da Internet é menor com a revolução tecnológica do que como revolução dos modos sociais de interagir linguisticamente. Para o autor, o discurso eletrônico ainda se encontra em estado meio selvagem e indomado sob o ponto de vista linguístico organizacional.

O ambiente virtual leva menos em consideração as regras da norma padrão culta e prioriza a agilidade na transmissão de informações de modo rápido. Dessa forma, os usuários criam novas palavras necessárias, com base nos recursos mais simples e que julgam serem mais eficazes.

V.1.1. O gênero *blog*

A UL *blog* vem da abreviação de *weblog*: *web* (tecido, teia, também usado para designar o ambiente da Internet) e *log* (diário de bordo). É uma ferramenta do mundo virtual que permite aos usuários colocar conteúdo na rede e interagir com outros internautas. O *software* foi concebido como uma alternativa popular para a publicação de textos *on-line*, uma vez que a ferramenta dispensava o conhecimento especializado em computação. A facilidade para a edição, atualização e manutenção dos textos em rede foram, e são, os principais atributos para o sucesso e a difusão dessa chamada ferramenta de autoexpressão. A ferramenta permite, ainda, a convivência de múltiplas semioses, ou seja, textos escritos, imagens e som.

Quando se fala de textos produzidos na Internet, há de se mencionar o hipertexto. Para Marcuschi *et al.* (2004, p. 171), “hipertexto é uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade”.

Na escala sócio-histórica, os textos são produtos da atividade de linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais em função de seus objetivos e interesses; essas informações elaboram diferentes espécies de textos, que apresentam características relativamente estáveis: os gêneros textuais. Segundo Marcuschi *et al.* (2004, p. 15), “fato incontestado é que a Internet e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita”.

O que mais chama a atenção nesse gênero *blog* é o abundante uso da escrita como espelho da fala, criando características específicas, uma identidade reconhecida hoje como *Internetês*. Conforme Camara Jr. (1980), a língua é, de maneira geral, coletiva, mas cada um de nós tem certas peculiaridades linguísticas, ou pelo menos preferências. Dessa forma, a equidade presente nos traços estilísticos deste gênero assume uma nova identidade e se projeta como um dialeto comumente utilizado por esta comunidade linguística, em que a escrita e a oralidade se tornam uma só, assinalada pela completa despreocupação com a formalidade gramatical. O *blog* ou *caderno digital* é uma página da *Web*, cuja estrutura permite a atualização rápida.

Apesar da nítida sensação de estarem em uma conversa, devido às diversas postagens sobre um determinado assunto que foi relatado para que as pessoas possam colocar suas opiniões, os enunciados que estão sendo produzidos são construídos em um

texto falado por escrito. Surge, dessa forma, uma espécie de acordo entre os componentes que utilizam este novo gênero, iniciando uma sociedade linguística possuidora do poder de criação e transformação do uso da língua que apresenta como característica:

- a) a utilização de vocábulos gírios e ULNs;
- b) o aparecimento de marcas de envolvimento entre os interlocutores, o tom de informalidade e descontração presentes no diálogo;
- c) as interrupções sintáticas, a perda da continuidade conversacional;
- d) a repetição de períodos curtos e simples, até mesmo com uso de palavras reduzidas e a incorporação de estrangeirismos;
- e) as hesitações, repetições, paráfrases e marcadores conversacionais.

Tudo isso aproxima a escrita da fala cotidiana, solicitando uma nova reconfiguração das formatações tradicionais da escrita e ainda um ritmo conversacional aproximado da esfera dialógica cotidiana. Conseqüentemente, essa atividade comunicacional apresenta também uma vinculação situacional, isto é, não pode a língua, nesta esfera específica da comunicação humana, ser separada do contexto em que se efetiva (MARCUSCHI, 1991, p. 5-16). Assim, existe uma infinita possibilidade e permissividade de recursos linguísticos que estão em constante movimento e que, de uma forma geral, são responsáveis por manterem vivo esse gênero.

Nos *blogs* analisados, foi possível constatar algumas das características típicas pontuadas nos *blogs* em geral, como o uso de ULNs: informalidade, descontração, repetição de períodos curtos e simples, uso de palavras reduzidas, incorporação de estrangeirismos e paráfrases. Já vocábulos gírios, interrupções sintáticas, perda de continuidade conversacional, hesitações, repetições e marcadores conversacionais não foram propriedades encontradas nos *blogs* analisados. Talvez porque os jornalistas tenham de cumprir certo padrão de escrita por ser um jornal e, dessa forma, não possam empregar uma construção que não esteja adequada ao jornal.

Bakhtin (1999, p. 13) oferece, por meio de seus pressupostos teóricos, um sólido suporte para a compreensão desta nova forma de interação virtual que se dá pela palavra, porque é a linguagem que para ele é produzida pelo contexto sociocultural.

Segundo Bakhtin (1999, p. 123), sendo a palavra o material privilegiado de interação entre as pessoas, não pode a linguagem ser compreendida separadamente do fluxo da comunicação verbal. O processo de interação verbal para Bakhtin versa em uma unidade básica, de natureza dialógica, que não funciona separadamente entre o discurso

oral ou escrito, o que ratifica o *blog* como produção de linguagem. O texto produzido no *blog*, apesar de ser escrito, também põe em uso a modalidade da fala, apresentando uma nova articulação da linguagem, que pode ser concebida como forma complementar de ver e compreender o mundo, propondo uma visão de interação dialógica atingida na comunicação entre os seres humanos. Bem mais que um simples programa, o *blog* se torna um instrumento capaz de aproximar usuários de uma língua, tornando a escrita uma nova ordem da fala:

Assim, para evitar mal-entendidos, faz-se necessária uma observação preliminar em relação ao que está em jogo nestas atividades. Em hipótese alguma se trata de propor a passagem de um texto supostamente “descontrolado e caótico” (o texto falado) para outro “controlado e bem-formado” (o texto escrito). Fique claro, desde já, que o texto oral está em ordem na sua formulação e no geral não apresenta problemas para sua compreensão. Sua passagem para a escrita vai receber interferências mais ou menos acentuadas a depender do que se tem em vista, mas não por ser a fala insuficientemente organizada. Portanto, a passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem: é a passagem de uma ordem para uma outra ordem. (MARCUSCHI, 2000, p. 47)

Conforme os preceitos de Marcuschi, presenciam-se duas dimensões não distantes, fala e escrita, que tangenciam a atividade comunicacional, criando uma nova concepção que põe abaixo a complexidade mítica entre fala e escrita. Assim, não existe, segundo Marcuschi (2000, p. 48), “supremacia cognitiva da escrita sobre a fala (...)”.

O *blog* se inscreve no quadro das atividades de uma formação social, ou seja, no quadro de uma interação comunicativa que implica o mundo social e o mundo subjetivo. Esse contexto sociossubjetivo também pode ser previsto em quatro parâmetros principais: i. o lugar social em que a interação e o texto são produzidos; ii. a posição social do emissor, que agora lhe dá o estatuto de enunciador; iii. a posição social do receptor que lhe dá seu estatuto de destinatário; iv. o objetivo da interação, ou seja, qual é, do ponto de vista do enunciador, o(s) efeito(s) pretendido(s) que o texto pode produzir no destinatário. No caso deste gênero, os efeitos variam conforme o assunto em questão.

Assim, pode-se descrever o plano textual do *blog* que, para Bronckart (1999), refere-se à organização de conjunto do conteúdo temático, mostrando-se visível no processo de leitura. Em relação ao gênero *blog*, o plano geral se apresenta desta forma:

- a) no cabeçalho, é apresentado o nome e um resumo do tema do diário;

- b) as laterais são utilizadas, em geral, para mostrar o perfil do dono do *blog* e seus contatos e, ainda, arquivos de textos e fotos já publicados, além de endereços e comentários recomendados pelo *blogueiro*;
- c) o texto que se apresenta vem acompanhado de assinatura, data e horário em que foi escrito. O dono do *blog* coloca também atalhos para que o leitor possa encontrar outros textos com o mesmo tema, ou aos quais o texto principal faz alusão;
- d) há um espaço para que o leitor do *blog* deixe seu comentário.

Para se ter uma ideia da forma como os *blogs* analisados se apresentavam, a seguir uma reprodução retirada diretamente da Internet de cada uma das páginas analisadas.

02-2014
8
02:03
SAB

Maconha no atacado e no varejo

Categorias: [Brasil](#), [Política](#)

Tamanho do texto: A A A

A proposta popular de projeto de lei para descriminalizar a maconha já ultrapassou a marca de 11 mil assinaturas no [site do Senado federal](#). Como deu hoje na coluna de Ancelmo Gois, se alcançar 20 mil "votos de apoio", a proposta será apreciada pela Comissão de Direitos Humanos da casa. A proposta ficará aberta até 30 de maio deste ano.

A proposta quer regular os usos recreativo, medicinal e industrial da maconha. Ainda de acordo com a proposta popular, cuja autoria não é informada no site, "a maconha deve ser regularizada como as bebidas alcoólicas e cigarros. A lei deve permitir o cultivo caseiro, o registro de clubes de auto cultivadores, licenciamento de estabelecimentos de cultivo e de venda de maconha no atacado e no varejo e regularizar o uso medicinal."

[Recomendar](#) 2
 [Tweetar](#) 2
 [G+](#) 0
 [Share](#) 3

Por: Edson Lima

[Comentários](#)

02-2014
7
13:39
SEX

Richa em Sarandi

Categorias: [Geral](#)

Tamanho do texto: A A A

O governador Beto Richa estará em Sarandi segunda-feira. Chega às 10h.

*Boa oportunidade para a imprensa maringaense questioná-lo sobre a insegurança em Maringá, porque até agora o que tivemos foram apenas palavras, conversas.

*Lamenta-se que para alguns órgãos de imprensa, a segurança está boa, que as policias Civil e Militar estão trabalhando bem. Não, não estão. E não por culpa dos policiais, mas da infraestrutura capenga, da falta de

Busca no Blog

OK

Perfil



Edson Lima

Jornalista, radialista e apresentador de programas de televisão. Foi editor-chefe de O Diário durante oito anos e há 20 anos escreve a coluna Dia-a-Dia.
 Contato:
edsonlima@odiaro.com

Acessos

29.909.504

Leitores Online

22

Classificados

odiaro.com Classificados
 Não Procure. Encontre.

[Leitores](#)
[Inovação](#)
[Emprego](#)

Página do *blog* do jornal "O Diário do Norte do Paraná", com sede em Maringá/PR.
 Página do *blog* do jornal "Zero hora", com sede em Porto Alegre/RS.

clik ABS Copa Todos Classificados hahah Busca: Em: Todo o clik OK

ZERO HORA



Início

Google Pays Me
\$173 An Hour



Google has blessed
me with a \$5000
a month at home job

Tarso: se renegociação da dívida não sair, o próximo governador vai apenas pagar salários 0
07 de fevereiro de 2014




ZERO HORA

Hoje, no evento de verão da Famurs, o governo Tarso Gerno fez um discurso duro e realista sobre o futuro do Estado na hipótese de não ocorrer a renegociação da dívida com a União.


- A partir do ano que vem, seja o governo que for, ele vai apenas pagar os salários. Não terá um centavo para qualquer tipo de política social ou qualquer investimento, ainda que parco - projetou.

Sobre o blog


O jornalista e advogado **Cleber Benvegnú** apresenta reflexões instigantes - e quase sempre incomuns - sobre política, comportamento, cultura, comunicação, direito e outros assuntos do cotidiano. O blog também tem notícias e sugestões.

Página do *blog* do jornal “O Diário Catarinense”, com sede em Florianópolis/SC.

DIÁRIO CATARINENSE




Santa Catarina Joinville Florianópolis Blumenau Criciúma



\$7,337.81
EM APENAS DUAS SEMANAS!

CLIQUE AQUI!




Academia agenda Sessão de Saudade de Ungaretti 0
08 de fevereiro de 2014

[Twitter](#) 0 [Plus](#) [Share](#)

A Academia Catarinense de Letras marcou para o dia 15 de maio a sessão de saudade do jurista e escritor Norberto Ungaretti, falecido no início do ano. A data foi sugerida pelos familiares do notável imortal. Naquela data, Ungaretti estaria completando 78 anos de idade. Como de praxe, ao final da sessão será declarada vaga a cadeira 40.

Comments

0 comments



Perfil

O jornalista **Moacir Pereira** informa, comenta e aborda aqui os fatos políticos, culturais, comunitários, sociais e econômicos de maior interesse da população de Santa Catarina.

A partir da visualização das páginas dos *blogs*¹⁰ analisados é perceptível que este gênero textual, geralmente, siga a mesma estrutura. Fato que ocorre nas três imagens.

Na comunicação por computador, há diversos recursos que são disponibilizados pela Internet. No entanto, para o objeto em estudo, pretende-se dar ênfase às mensagens transmitidas pelos *blogueiros*. Diversas empresas utilizam esse meio, por sua praticidade e velocidade na comunicação ou mesmo para anunciar os seus produtos, já que o utilizam como instrumento de trabalho. Ou mesmo diversos jornalistas se utilizam desse gênero para implantarem diversas informações de forma instantânea, e, logo, o leitor pode colocar a sua opinião sobre o ocorrido e até mesmo conversar com outras pessoas, por meio das postagens sobre determinado assunto. Também há *blogs* que são pessoais, exprimem ideias ou sentimentos do autor. Outros são resultados da colaboração de um grupo de pessoas que se reúne para atualizá-lo um mesmo *blog*. Alguns *blogs* são voltados para a diversão, pesquisas e há, até mesmo, os que misturam tudo.

As mensagens *on-line* são enunciados linguísticos enviados ao destinatário que está naquele mesmo momento ligado ao computador, através do *blog*, o qual recebe mensagens instantâneas estabelecendo um diálogo. Essa interação simultânea se dá entre duas pessoas ou também com um grupo de pessoas. Resumidamente, o *blog* é considerado uma agenda, com o intuito de arquivar informações, que podem ser atualizadas a qualquer momento e também propiciar o diálogo de diversas pessoas, por meio dos *posts*.

O *blog*, principalmente os de jornais, como os da presente pesquisa, tem caráter inovador e quer mostrar as informações de forma rápida e também criativa. Por isso, muitos jornalistas optam pela neologia estilística, pois eles tentam estampar a realidade de um modo diferente como uma forma de atrair o leitor diariamente a ler e postar no *blog*, como foi verificado nas análises das ULNs que virão a seguir, depois da apresentação da metodologia que foi utilizada.

Tal instrumento que permite a conversação *on-line* possui detalhes que desconstruem completamente os conceitos tradicionais de comunicação, pois permitem ainda que os envolvidos no processo possam ver imagens.

¹⁰ Por fazer algum tempo que o *corpus* foi constituído, não foi possível recolher uma das páginas analisadas, pois se trata de um gênero textual efêmero.

VI. METODOLOGIA

VI. 1. CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Para a constituição da base de dados para essa pesquisa, procurou-se buscar três *blogs* que representassem a Região Sul do Brasil. O Estado do PR foi representado com o *blog* do Jornal “O Diário do Norte do Paraná”, escrito por Edson Lima, jornalista, radialista e apresentador de programas de televisão. Foi editor-chefe do jornal “O Diário” durante oito anos e há vinte anos escreve a coluna “Dia a Dia” encontrado no seguinte site: www.maringa.odiario.com/blogs/edsonlima/, que trata de diversos assuntos, como política, esporte, educação, economia, entre outros. Também foi escolhido o *blog* do Jornal “Zero Hora” do RS podendo ser visualizado no site: www.wp.clicrbs.com.br/sensoincomum/. Ele pertence ao jornalista e advogado Cleber Benvegnú, que apresenta reflexões instigantes sobre política, comportamento, cultura, comunicação, direito e outros assuntos do cotidiano. O *blog* também tem notícias e sugestões. Por fim, selecionou-se o *blog* do Jornal “O Diário Catarinense” de SC, encontrado no site: www.wp.clicrbs.com.br/moacirpereira/, do jornalista Moacir Pereira que informa, comenta e aborda os fatos políticos, culturais, comunitários, sociais e econômicos de maior interesse da população de SC.

Cada site foi consultado uma vez por semana, ou seja, o primeiro *blog* foi analisado nas segundas-feiras, o segundo nas quartas-feiras e o terceiro nas sextas-feiras. Assim, obteve-se um processo de amostragem. O *corpus* para a coleta de dados foi constituído do dia 13/02/2012 até o dia 13/02/2013.

VI.1.1. Processo de análise

O armazenamento desse *corpus* ocorreu no programa *Microsoft Word*. Primeiramente, foram realizadas leituras separando o que seriam candidatas a ULNs nas mensagens dos *blogueiros*. Pesquisou-se no “*Dicionário Houaiss*” versão 2.0, considerado como *corpus* de exclusão, cada ULN para verificar se alguma estava dicionarizada. Se estivesse, logo era descartada. Após isso, foram analisadas essas ULNs conforme os itens que constam nas fichas neológicas: ULN, referências gramaticais, contexto, descrição da

ULN, assunto referência do contexto, observações linguísticas, sinônimos, número de ocorrências, autora, revisora e data, como será visto mais adiante de forma sistematizada.

Para decidir, enfim, se um dado vocábulo seria considerado como neologismo ou não, foi utilizado o critério lexicográfico, o qual se fundamentou em um *corpus* de exclusão formado pelo *Dicionário Houaiss* na versão eletrônica.

Para preencher o número de ocorrências daqueles ULNs que foram retiradas das mensagens dos *blogueiros*, utilizou-se a ferramenta *localizar* do programa *Microsoft Word*, assim, colocou-se o nome da ULN encontrada e verificado o número de vezes em aquele neologismo apareceu no *corpus*, ou seja, nos três *blogs* que foram utilizados para a coleta das ULNs. Então, para verificar o número de ocorrências, foram adicionados o número de vezes que determinada ULN aparecia nas mensagens dos *blogueiros*, como também nas mensagens dos *posts*.

Foi possível perceber os assuntos em que as ULNs estavam inseridas devido às análises das fichas neológicas, mais especificamente, por meio dos contextos. Além disso, foram constatadas as possíveis condições de produção de cada ULN.

Verificou-se qual neologia pertencia às ULNs analisadas utilizando como base teórica os critérios de Correia *et al.* (2012, p. 18). A autora destaca três tipos de neologia: denominativa, estilística e unidades que resultam da neologia da língua. O possível tipo de neologia foi demonstrado mediante uma tabela, na qual constavam as ULNs encontradas nos *blogs* e o tipo de neologia.

Por fim, a classe de palavras tornou-se evidente por meio do contexto em que as ULNs estão inseridas, como será visto na análise quantitativa com o auxílio de gráficos e quadros.

VI.1.2. Modelo da ficha de pesquisa neológica

Para a sistematização da análise quantitativa, foi utilizado o seguinte modelo de ficha neológica, que serviu como dossiê de cada uma das ULNs coletadas. Abaixo, encontra-se o modelo com as explicações de cada campo da ficha neológica. Após, uma ficha neológica preenchida.

FICHA DE PESQUISA NEOLÓGICA

ULN	ULN encontrada na mensagem dos <i>blogueiros</i> .
Referências gramaticais	Indicações morfológicas mínimas para identificação da ULN.
Contexto	Transcrição do contexto, preferencialmente de caráter definitório, colocado entre <>.
Referência do contexto	Indicações do site que remete ao <i>corpus</i> .
Descrição da ULN	Identificação de traços necessários para identificação do conceito, ou seja, um elemento genérico e suas características específicas que individualizam a ULN definida.
Assunto	Refere-se ao assunto em que a ULN está inserida.
Observações linguísticas	Indicações de particularidades gramaticais.
Sinônimo	Indicações de diferentes significantes para a ULN, que possuem o mesmo significado.
Número de ocorrências	As ocorrências da ULN analisada nas mensagens dos <i>blogueiros</i> e nos <i>posts</i> dos leitores do <i>blog</i> .
Autora da ficha de pesquisa neológica	Nome da pesquisadora que preencheu a ficha.
Revisora	Nome da pesquisadora que revisou a ficha.
Data	Quando foi identificada a ULN analisada pela primeira vez.

FICHA DE PERSQUISA NEOLÓGICA

<i>ULN</i>	Varrido
<i>Referências gramaticais</i>	Mm
<i>Contexto</i>	<Neymar exhibe o penteado estilo “vassoura” no treino da seleção. Ideal para a seleção ser varrida nos jogos Olímpicos com estilo.>
<i>Referência do contexto</i>	(www.blogs.odiario.com/edsonlima/)
<i>Descrição da ULN</i>	A ULN <i>varrida</i> está no sentido de desclassificação, ou seja, agora está mais fácil da seleção brasileira perder os jogos.
<i>Assunto</i>	Futebol
<i>Observações linguísticas</i>	ULN derivada do v. varrer
<i>Sinônimo</i>	Perder; ser desclassificado
<i>Número de ocorrências</i>	2
<i>Autora da ficha de pesquisa neológica</i>	Fernanda Callefi
<i>Revisora</i>	Fernanda Callefi
<i>Data</i>	23/07/2012

Para a apresentação dos dados da pesquisa, foi necessário chegar a uma espécie de verbete. Neste sentido, foram eleitos como itens recorrentes: ULN, referências gramaticais, contexto, referências do contexto, data, descrição da ULN sob o ponto de vista semântico, procurando explicar o seu sentido, e, em outro parágrafo, a descrição de sua formação. Não foi proposto nenhum item não recorrente porque não houve necessidade diante dos objetivos da pesquisa. A descrição da análise das ULNs possui a seguinte ordem: ULN, classe de palavras, descrição da ULN, contexto em que a ULN foi empregada, referência

do contexto e data em que foi utilizada determinada ULN. As fichas de pesquisa neológica estarão disponíveis em um banco de dados, pois se estivessem no presente trabalho ocupariam um espaço relevante.

VI.2. CORPUS DE EXCLUSÃO

A partir do *corpus* coletado em três *blogs* diferentes, foi montado um considerável *corpus*, em que foi possível analisar as ULNs, e em qual Estado é mais recorrente esse tipo de formação de palavra. Utilizou-se o programa *Microsoft Word* para armazenar e selecionar as palavras, como também o dicionário virtual de exclusão *Houaiss*, para que dessa forma fosse possível perceber qual é o sentido corrente das palavras nesses dicionários. Assim, foi possível caracterizar se determinada palavra se tratava de um neologismo ou não.

Dentre 109.233 palavras foram selecionadas 37 ULNs das mensagens dos *blogueiros*. No PR, ocorreram 29 ULNs e 30.396 palavras; no RS, uma ULN e 7.562 palavras; em SC, sete ULNs e 71.275 palavras. Essas ULNs selecionadas foram analisadas nas fichas de pesquisa neológica. Para identificar o número geral de ocorrência desses neologismos selecionados, utilizaram-se a recorrência desses neologismos nas mensagens dos *blogueiros* e no *post* dos leitores, registrando-se 92 ULNs no PR, 26 ULNs em SC e 2 ULNs no RS, totalizando 120 ULNs em relação a 496.681 palavras-ocorrências.

Justifica-se o uso do *Dicionário Houaiss* versão 2.0 como *corpus* de exclusão pelo fato de ser um dicionário de renome, por conta dos critérios estabelecidos na produção do dicionário, por ser utilizado na versão eletrônica e porque foi o que mais se aproximou daquilo que a presente pesquisa propunha, no caso, verificar as diferentes acepções dadas a uma palavra. Além disso, a versão do dicionário que foi utilizada permitiu a visualização de subentradas e de homônimos. Fato que auxiliou com mais precisão afirmar se determinada UL era um neologismo ou não. O dicionário eleito não é uma enciclopédia nem mesmo um dicionário dedicado às novas regras ortográficas, mas simplesmente um dicionário de língua geral.

VII. ANÁLISE DO *CORPUS*

VII.1. ANÁLISE QUALITATIVA

Seguem as análises das ULNs que foram coletadas nos *blogs* dos três Estados da Região Sul do Brasil.

Azul / Vermelho sm

Amanhã tem <azul x vermelho> nos Estados Unidos.
(www.blogs.odiario.com/edsonlima/) - 19/11/2012

A ULN *Azul X Vermelho* designa a disputa entre Obama x Romney.

Sintagma nominal formado por dois substantivos. Há uma formação pelo processo de metonímia. (Neologismo semântico).

Bruxólico adj

Aqui às avessas, não simplesmente hostilizamos o diferente para nos sentirmos parte de algo, mas nos humilhamos zombeteiros em praça pública para sermos uma unidade. E com orgulho, diga-se! Há inequívoca influência <bruxólica> nesta equação. (www.wp.clicrbs.com.br/moacirpereira) - 23/03/2012

A ULN *bruxólica* designa algo com bruxarias, remetendo uma ideia a algo ruim. No caso, refere-se aos descasos governamentais. Quando Marcelo Peregrino Ferreira cita: “A ilha talvez seja o único lugar do mundo em que a diversidade e a riqueza de vocabulário sejam sinônimos de pobreza, do simplório “manezinho”. Aqui às avessas, não simplesmente hostilizamos o diferente para nos sentirmos parte de algo, mas nos humilhamos zombeteiros em praça pública para sermos uma unidade. E com orgulho, diga-se! Há inequívoca influência *bruxólica* nesta equação”. Muitas vezes àqueles que têm cultura não são tão valorizados como àqueles que são considerados elite por conta do seu poder aquisitivo, mas que, na verdade, às vezes, desconhece a diversidade como também a riqueza de vocabulário e quem reconhece esses atributos acaba, muitas vezes, não sendo reconhecido. Por isso o autor diz que há inequívocos nesta equação.

Substantivo composto. Formado por bruxa mais cólica com ideia de receio, medo e aflição, ocorre uma composição por aglutinação. (Neologismo lexical).

Cabidão de emprego sm

Mais um <cabidão> de emprego. (www.blogs.odiario.com/edsonlima/) - 10/09/2012

A ULN *cabidão* refere-se ao aumento de opção de emprego. No caso, o governo enviou ao Congresso proposta para abrir o Instituto Nacional de Supervisão e Avaliação da Educação Superior propiciando mais 550 cargos na estrutura.

Sintagma nominal formado por substantivo mais uma locução adjetiva. Em “cabidão” ocorre derivação sufixal –ão com sentido aumentativo. (Neologismo lexical).

Cabidaço da Infraero sm

Pois bem. Administrado pelo <cabidaço> da Infraero, o aeroporto internacional de Navegantes tem 20 voos diários, sendo dois diretos para o Santos Dumont, e dois para o Galeão, ambos no Rio, e vários para SP. (www.wp.clicrbs.com.br/moacirpereira) - 23/03/2012

A ULN *cabidaço*, neste contexto, refere-se às pessoas que administram a Infraero, representando os mais diversos cargos. Há certa inflação de cargos inúteis e burocráticos.

Sintagma nominal formado por substantivo mais uma locução adjetiva. Em “cabidaço” ocorre derivação sufixal –aço com sentido aumentativo pejorativo. (Neologismo lexical).

Choque de gestão sm

Prefeito eleito de Blumenau, Napoleão Bernardes (PSDB) foi convidado pelo senador Aécio Neves para compor um colegiado com os oito prefeitos mais votados e mais jovens. Napoleão foi o mais votado do PSDB no segundo turno em todo o Brasil. Vai a Belo Horizonte na segunda-feira para participar de um seminário sobre “<choque de gestão>”. (www.wp.clicrbs.com.br/moacirpereira) - 07/12/2012

A ULN *choque*, neste contexto, designa que Napoleão vai participar de um seminário sobre “choque de gestão”, ou seja, choque de interesses.

Sintagma nominal formado pela junção de um substantivo mais uma locução adjetiva. Há uma formação pelo processo de metáfora. (Neologismo semântico).

Cornificação sm

É o que podemos chamar de “indústria da <cornificação>”. (www.blogs.odiario.com/edsonlima/) - 22/10/2012

A ULN *cornificação* está se referindo à traição. Um site incentiva homens e mulheres casados a traírem, defende a infidelidade, mas não foi aceito propagandas de tal site na Rede Globo de madrugada, porém a Rede Band e a Record (da Igreja Universal) aceitaram. O site já arrecadou 60 milhões de dólares ano passado. Já, neste ano, espera-se 90 milhões. Substantivo simples.

Formado por composição por derivação sufixal de corno mais –ficação com ideia de algo recorrente. (Neologismo lexical).

Cracolândia sf

Os policiais militares Marcelo Frank, o “Rambo” e Norberto, que começaram a trabalhar no Centro de Maringá, foram sábado à noite na Praça Raposo e fizeram uma limpeza. Expulsaram os drogados de lá e avisaram que não vão mais permitir a <cracolândia> no local. (www.blogs.odiario.com/edsonlima/) - 12/03/2012

A ULN *crocolândia* já é bastante produtiva na língua, pois está aparecendo em vários meios de comunicação, como jornais, revistas, *blogs*, etc. No caso, “*cracolândia*” foi a forma que as pessoas nomearam a ação de certos indivíduos usuários de crack que frequentam um determinado local para utilizar, trocar e comercializar a droga.

Substantivo composto. Há uma formação de composição por aglutinação craque mais –lândia (*land* adaptação de estrangeirismo – inglês) elemento de composição com ideia de local. (Neologismo lexical).

Dança das cadeiras (sf)

A escolha do jornalista Nelson Santiago (PSD), atual presidente do Badesc, para ocupar a Secretaria de Comunicação está sendo até agora a principal novidade na <“dança das cadeiras”>, que o governador Raimundo Colombo (PSD) promove agora em seu governo. (www.wp.clicrbs.com.br/moacirpereira) 04/01/2013

A ULN *dança das cadeiras* refere-se à nova equipe para os cargos oferecidos. A escolha do jornalista Nelson Santiago (PSD), atual presidente do Badesc, para ocupar a Secretaria de Comunicação está sendo até agora a principal novidade com a mudança de cargos.

Sintagma nominal formado pela junção de substantivo mais uma locução adjetiva. Há uma formação pelo processo de metonímia. (Neologismo semântico).

Dar um pau sm

Em seu programa eleitoral de TV, agora há pouco, EnioVerri <deu um pau> na insegurança de Maringá. (www.blogs.odiario.com/edsonlima/) - 15/10/2012

A ULN *dar um pau* também é bastante utilizada e pode ser substituída por outras expressões, por exemplo, “colocou a boca no trombone”, “meteu a boca”. No caso, EnioVerri colocou em pauta a insegurança que assola a cidade de Maringá de forma um pouco mais rígida.

Sintagma formado pela junção de verbo mais um artigo mais um substantivo. Há uma formação pelo processo de metonímia. (Neologismo semântico).

Desafogar v

<Desafogando> Palmeiras venceu duas seguidas e está conseguindo desafogar. Tomara que não morra na praia. Nós, corintianos, torcemos muito por ele. (www.blogs.odiario.com/edsonlima/) - 24/09/2012

A ULN *desafogando* está no sentido de amenizar os prejuízos, no caso, quer dizer que por conta das duas vitórias do time do Palmeiras foi possível que eles reduzissem as perdas.

Há uma formação pelo processo de metáfora. (Neologismo semântico).

Emprego no telhado sm

<Emprego no telhado>. Pelo jeito, o emprego do secretário estadual de Segurança, Reinaldo de Almeida César, subiu no telhado. (www.blogs.odiario.com/edsonlima/) - 19/03/2012

A ULN *emprego no telhado* está se referindo à perda do emprego. No caso, Reinaldo de Almeida criticou a falta de investimentos de seu próprio governo, por isso, seu emprego “*subiu no telhado*”, quer dizer, provavelmente Reinaldo perderá

o cargo, pois telhado neste contexto não está funcionando como parte exterior e superior que cobre uma construção, mas sim, que ele já não faz parte daquele grupo.

Sintagma nominal formado pela junção de um substantivo mais uma preposição mais um substantivo. Há uma formação pelo processo de metonímia. (Neologismo semântico).

Encher os picuás v

Os anti-corintianos (a maior torcida do Brasil) vão nos <encher os picuás>.
(www.blogs.odiario.com/edsonlima/) - 14/05/2012

A ULN encher os picuás está no sentido de “*encher o saco*”, perturbar. Picuás de acordo com o dicionário Houaiss apresenta a seguinte acepção saco para conduzir roupa, comida etc.

Sintagma formado pela junção de um verbo mais um artigo mais um substantivo. Há uma formação pelo processo de metáfora. (Neologismo semântico).

Enterro sm

Amanhã, o velório. O <enterro>, dizem, será dia 7 de outubro — nas urnas.
(www.blogs.odiario.com/edsonlima/) - 14/05/2012

A ULN *enterro* poderá ocorrer no dia das eleições quando alguns vereadores desocuparem seus cargos.

Substantivo simples. Há uma formação pelo processo de metáfora. (Neologismo semântico).

Especula de rodinha sf

<Especula de rodinha> O negócio agora dos cabos eleitorais do Enio Verri é especular, dia e noite, que o TSE vai cassar a eleição do Pupin, que haverá mais uma eleição, ou que o Enio vai ganhar a cadeira de prefeito da Justiça, etc., etc.
(www.blogs.odiario.com/edsonlima/) – 29/10/2012

A ULN *especula de rodinha* está no sentido de saber o que está acontecendo ao redor. Assim, cabos eleitorais de Enio Verri vão especular, dia e noite, que o TSE vai cassar a eleição do Pupin, para que, assim, haja outra eleição.

Sintagma nominal formado pela junção de um substantivo mais uma preposição mais um substantivo. Há uma formação pelo processo de metonímia. (Neologismo semântico).

Estrela sf

Almoço das <Estrelas> na Brava. (www.wp.clicrbs.com.br/moacirpereira) – 24/02/2012

A ULN *estrela* designa a reunião com um almoço que reúne várias pessoas famosas e empresários considerados importantes, principalmente, pela mídia, que são concebidos como *estrelas*. Logo, esta ULN utilizada apenas para pessoas famosas saiu do âmbito artístico e passou a ser utilizada também no campo empresarial.

Substantivo simples. Há uma formação pelo processo de metáfora. (Neologismo semântico).

Forféu sm

Sábado foi um forféu nas revendedoras de veículos de Maringá. (www.blogs.odiario.com/edsonlima/) – 06/08/2012

A ULN *forféu* está no sentido de bagunça, muita movimentação. Quer dizer que sábado houve uma considerável movimentação nas revendedoras de veículos em Maringá, pois era o último mês da redução do IPI. Palavra provavelmente de origem francesa, ainda não dicionarizada, pode ser entendida como uma tradução de *forfait*, do francês, que significa o valor pago pelo proprietário quando o cavalo deixa de participar do páreo em que estava inscrito. No contexto, traz a ideia de baderna.

Substantivo simples. (Neologismo semântico).

Furo sm

Gley Sagaz: “Lei da Ficha Limpa tem <furo>”. (www.wp.clicrbs.com.br/moacirpereira) – 17/02/2012

A ULN *furo* quer demonstrar que tem brechas presentes na “Lei da ficha limpa”, por isso algumas pessoas acabam ficando impunes quando fazem algo ilícito.

Substantivo simples. Há uma formação pelo processo de metáfora. (Neologismo semântico).

Goela abaixo sf

O pior de tudo: despejaram o livro "<goela abaixo>" dizendo que fomos nós, os professores, quem escolheu esses compêndios ridículos! (www.wp.clicrbs.com.br/moacirpereira) - 31/08/2012

A ULN *goela abaixo* designa algo que deve ser consumido de qualquer jeito, sem opção. No caso, nas escolas públicas de Roraima, foi adotado um livro didático com diversos erros grosseiros e agora os professores devem trabalhar este material sem qualquer possibilidade de mudar de livro didático, pois foi alegado que os próprios professores escolheram o material. Logo, tanto os alunos como os professores deverão “engolir” os livros didáticos.

Sintagma nominal formado pela junção de um substantivo mais um advérbio. Há uma formação pelo processo de metonímia. (Neologismo semântico).

Ir para o pau sm

Janeiro já tá <indo pro pau>. Passou rápido. (www.blogs.odiarario.com/edsonlima/) - 28/01/2012

A ULN *ir para o pau*, neste contexto, designa tempo, ou seja, o mês de janeiro que é um mês de férias para grande parte dos brasileiros acabou passando muito rápido. Sintagma nominal formado pela junção de um verbo mais uma preposição mais um artigo mais um substantivo. Há uma formação pelo processo de metonímia. (Neologismo semântico).

Linha do tiro sm

Estarão na <linha do tiro>: Zé Dirceu, ex-ministro chefe da Casa Civil, o ex-tesoureiro Delúbio Soares e o então presidente do PT, José Genoíno – que é integrante do governo Dilma. (www.blogs.odiarario.com/edsonlima/) - 24/09/2012

A ULN *linha do tiro* remete a alguém que está na reta de algo ou de alguém, quem poderá ser prejudicado será: José Dirceu, Delúbio Soares e José Genoíno, neste contexto.

Sintagma nominal formado pela junção de substantivo mais uma preposição mais um substantivo. Há uma formação pelo processo de metonímia. (Neologismo semântico).

Meter o pé v

Em tempo: o Corinthians <meteu o pé> nos grandes fundilhos do jogador Adriano hoje à tarde. Mandou embora pelo conjunto da obra — ou seja, indisciplinado, não faz regime, se mete em confusão e não joga nada.
(www.blogs.odiarario.com/edsonlima/) - 12/03/2012

A ULN *meteu o pé*, neste contexto, designa que o jogador Adriano do Corinthians foi eliminado do time por conta de sua indisciplina, não faz regime e corriqueiramente está envolvido em alguns escândalos.

Sintagma formado pela junção de um verbo mais um artigo mais um substantivo. Há uma formação pelo processo de metonímia. (Neologismo semântico).

Pau sm

<Pau> nos ingratos!(www.blogs.odiarario.com/edsonlima/) - 04/01/2013

A ULN *pau*, neste contexto, demonstra que houve uma diminuição no preço da luz brasileira, em contrapartida, ocorreu um largo aumento na gasolina o que implicou no aumento de diversos produtos acarretando um prejuízo excedente daquele que estava quando a luz encontrava-se com o preço anterior. Por isso, os brasileiros acabaram ficando descontentes, pois por um lado diminui uma despesa, mas por outro aumentou o valor de outros produtos. Dessa forma, neste contexto *pau* está com o sentido de prejudicar ou mesmo de agredir.

Substantivo simples. Há uma formação pelo processo de metonímia. (Neologismo semântico).

Pau federal sm

Em seu blog, que fica no guarda-chuva de blogs de O Diário, o jornalista Alan Maschio escreve “Universo Sertanejo – pior é quem compra”. Ele dá um <pau federal>. (www.blogs.odiarario.com/edsonlima/) - 02/07/2012

A ULN *pau federal* pode ser considerada como uma discussão pesada ou forte quando o jornalista Alan Maschio escreveu sobre o “Universo Sertanejo”.

Sintagma nominal formado pela junção de um substantivo mais um adjetivo. Há uma formação pelo processo de metonímia. (Neologismo semântico).

Pancadaria sf

<Pancadaria> Como esperado (retão final) o horário eleitoral no rádio e televisão começou a esquentar, principalmente nas inserções que os partidos têm o dia todo. (www.blogs.odiario.com/edsonlima/) - 24/09/2012

A ULN *pancadaria* refere-se a atritos políticos, ou seja, um partido que começou a acusar o outro para conseguir obter os resultados satisfatórios nas eleições. Se tivesse alguém indeciso em quem votar ou mesmo se houvesse uma forma do eleitor desistir do outro candidato, todos os subterfúgios eram utilizados para que houvesse sucesso nas eleições. No “Dicionário Houaiss” versão 2.0 encontra-se as seguintes acepções: quantidade de pancadas; tumulto em que ocorrem muitas pancadas; totalidade dos instrumentos de percussão que compõem a seção rítmica de um conjunto.

Substantivo simples com ideia de baixaria. Há uma formação pelo processo de metáfora. (Neologismo semântico).

Pedinheiro sm

<Pedinheiro>As aulas na UEM começaram hoje e os calouros estão pelas ruas pedindo dinheiro para motoristas. (www.blogs.odiario.com/edsonlima/) - 04/01/2013

A ULN *pedinheiro* designa que os alunos da Universidade Estadual de Maringá (UEM) utilizam como uma forma de trote pedir aos calouros que adquiram dinheiro nos sinaleiros para que deste modo possam conseguir recurso para fazerem alguma festa e, assim, é possível que calouros e veteranos acabem se conhecendo. Por meio deste contexto, fica evidente que essas pessoas que pedem dinheiro no sinal são chamadas de pedinheiro.

Substantivo composto. Formado por truncamento, ou seja, pedir mais dinheiro. (Neologismo lexical).

Playback sm

*<Playback> *Num certo local aí da cidade, no domingo, um dos fofoqueiros de plantão ficou criticando um empresário maringaense por este ter ido à festa de aniversário do Ricardo Barros. (www.blogs.odiario.com/edsonlima/) - 10/12/2012*

A ULN *playback* não está no sentido de acompanhamento musical previamente gravado que se usa como base para a interpretação de um solista, segundo o

Dicionário Houaiss, mas, neste contexto, está com sentido de um acontecimento que já ocorreu em Maringá está tendo um “playback” em Curitiba, ou seja, no sentido de cópia ou mesmo repetição de um fato.

Substantivo composto. Formado por metáfora. (Estrangeirismo).

Preço de ouro sm

<Preços de ouro> Várias vezes debatemos aqui no blog o fato de que aeroporto não é somente local para ricos, como antigamente, mas as lanchonetes dos aeroportos continuam proibitivas para os pobres. (www.blogs.odiario.com/edsonlima/) - 29/10/2012

A ULN *preços de ouro* está no sentido de preço alto. A partir do contexto fica evidente que o aeroporto não é somente local para ricos, como antigamente, entretanto as lanchonetes dos aeroportos continuam proibitivas para os pobres, devido aos preços abusivos.

Sintagma nominal formado pela junção de substantivo mais uma preposição mais um substantivo. Há uma formação por metáfora. (Neologismo semântico).

Ralo sm

São erros grosseiros como fórmulas matemáticas e mapas apresentados em textos do livro, exemplos descabidos! Tudo dinheiro público jogado no <ralo>! (www.wp.clicrbs.com.br/moacirpereira) - 31/08/2012

AULN *raloquer* dizer que o dinheiro público não foi bem aplicado. Logo, o dinheiro está indo para o esgoto.

Substantivo simples. Há uma formação por metonímia. (Neologismo semântico).

Rave sf

A pauta é longa, mas entre as definições estão: onde poderão acontecer festas <raves> em Maringá, locais onde poderão ser construídos prédios e quais ruas e avenidas poderão ter comércio. (www.blogs.odiario.com/edsonlima/) - 15/02/2012

A ULN *raves* designa festa ao ar livre, porém atualmente festas que não regram todos esses atributos são nomeadas de *raves*, apenas por acontecerem em lugares livres. Na verdade, é um evento de longa duração, normalmente acima de 12 horas, onde DJs e artistas plásticos, visuais e performáticos apresentam seus trabalhos,

interagindo, dessa forma, com o público. O termo "rave" foi originalmente usado por caribenhos de Londres em 1960 para denominar sua festa local. Em meados da década de 80, o termo começou a ser usado para descrever uma cultura que cresceu do movimento "acidhouse" de Chicago e evoluiu no Reino Unido. Hoje em dia existe outra denominação que caracteriza *rave* de pequeno porte, conhecida como PVT, ou seja, "private" (festa privada), na qual a maioria das pessoas que comparecem são convidadas e convidadas dos convidados, sendo realizados também em sítios, chácaras ou outros lugares ao ar livre.

Substantivo simples. Há uma formação pelo processo de metonímia. (Neologismo semântico).

Santo adj

Adiante, prossegue: "A atenção midiática ao extraordinário, em nome da '<santa>' audiência, seja o caso do ex-namorado assassino, seja o do matador serial do parque paulista, provoca, do ponto de vista do assassino, a possibilidade de purgação, expiação e explicação da sua culpa.
(www.wp.clicrbs.com.br/sensoincomum) – 15/02/2012

A ULN *santa* também pode ser utilizada como gloriosa, "bendita". No presente contexto, está sendo utilizada como a atenção midiática ao extraordinário, em nome da 'bendita' audiência, seja o caso do ex-namorado assassino, seja o do matador serial do parque paulista, provoca, do ponto de vista do assassino, a possibilidade de purgação, expiação e explicação da sua culpa, ou seja, a justiça prorroga demais e, dessa forma, os culpados estão sempre procurando subterfúgios como uma forma de sanar a culpa pelo crime.

Adjetivo simples. Há uma formação por metáfora. (Neologismo semântico).

Semaforizado adj

Rotatória <semaforizada> Claro que, como sempre, haverá crítica, mas já deu pra ver que os semáforos colocados pela Secretaria de Transportes na Praça 7 de Setembro (Praça do Peladão) melhorou o trânsito no local.
(www.blogs.odiario.com/edsonlima/) - 26/02/2012

A ULN *semaforizada* é designada para um local com vários semáforos. No presente contexto, a ULN foi utilizada para caracterizar a rotatória de uma praça em Maringá.

Substantivo simples. Formado por derivação de semaforizar com ideia de colocar semáforos. (Neologismo lexical).

Timão sm

**Quando era o <Timão>, os palmeirenses escreviam aqui “campeonatinho de m..., que não vale nada”.* (www.blogs.odiariorio.com/edsonlima/) - 23/04/2012

A ULN *timão* está se referindo ao time de futebol Corinthians. Esta ULN no aumentativo proporciona a intensificação do sentimento dos corintianos pelo time.

Timão apresenta-se dicionarizado como volante de uma embarcação. Substantivo simples. (Neologismo semântico).

Trovão sm

<Trovão> Bom dia. Esta vai ser uma semana dura para nós, corintianos. (www.blogs.odiariorio.com/edsonlima/) - 14/05/2012

A ULN *trovão* remete à ideia de dia ruim, pois, no contexto, os anticorintianos ou mesmo aqueles times que não gostam do Corinthians falarão sobre o jogo com o time da Ponte Preta.

Substantivo simples. Há uma formação pelo processo de metáfora. (Neologismo semântico).

Vassoura adj

Neymar exibe o penteado estilo “<vassoura>” no treino da seleção. (www.blogs.odiariorio.com/edsonlima/) - 23/07/2012

A ULN *vassoura* está sendo relacionada ao cabelo do jogador de futebol Neymar, pois está com o cabelo loiro, liso e erguido. Logo, aproveitaram para humorizar, principalmente aqueles que não acham Neymar um jogador tão bom.

Adjetivo simples. Há uma formação pelo processo de metonímia. (Neologismo semântico).

Varrer v

Ideal para a seleção ser <varrida> nos jogos Olímpicos com estilo.

(www.blogs.odiario.com/edsonlima/) - 23/07/2012

A ULN *varrida* está no sentido de desclassificação, ou seja, agora está mais fácil de a seleção brasileira perder os jogos.

Há uma formação pelo processo de metáfora. (Neologismo semântico).

Velório sm

Amanhã, o <velório>. O enterro, dizem, será dia 7 de outubro — nas urnas.

(www.blogs.odiario.com/edsonlima/) - 14/05/2012

A ULN *velório* se refere à diminuição do salário dos vereadores, isto é, estão velando seus salários com a carreata, que podem passar a ser menores.

Substantivo simples. Há uma formação pelo processo de metáfora. (Neologismo semântico).

Verdinho sm

Curioso é que nenhum <verdinho> me cobrou não ter colocado, desde ontem, quem é o novo líder. (www.blogs.odiario.com/edsonlima/) - 23/04/2012

A ULN *verdinho* está se referindo ao time de futebol Palmeiras.

Substantivo simples no diminutivo. Há uma formação pelo processo de metonímia. (Neologismo semântico).

VII.2. ANÁLISE QUANTITATIVA

Conforme as análises apresentadas, constatou-se os seguintes resultados quantitativos. No *blog* que representa o Estado do PR, houve 29 ocorrências em Maringá. Já o *blog* destinado ao RS obteve uma ocorrência. Por fim, no *blog* que representa SC houve sete ocorrências, totalizando 37 ULNs, conforme foi possível observar com as fichas neológicas.

No quadro, a seguir, é possível visualizar o número de ocorrência das 37 ULNs analisadas. É importante salientar que foram destacadas as ULNs empregadas pelos

blogueiros como também as dos *posts* dos leitores, ou seja, estes números representam 120 ocorrências em relação às 37 ULNs. O intuito de averiguar esses números foi para observar se houve ocorrência desses neologismos analisados nos *blogs* pelos jornalistas no *post* dos leitores.

Quadro 1: Número de ocorrências das ULNs de acordo com os Estados.

ULNs	PR	RS	SC
Azul X vermelho	2	0	0
Bruxólica	0	0	1
Cabidão de emprego	1	0	0
Cabidaço da Infraero	0	0	1
Choque de gestão	3	0	5
Cornificação	1	0	0
Cracolândia	2	0	0
Danças das cadeiras	0	0	1
Desafogar	1	0	0
Dar um pau (falar mal)	6	0	2
Emprego no telhado	3	0	0
Encher os picuás	1	0	0
Enterro	4	0	1
Especula a rodinha	1	0	0
Estrelas	2	0	3
Forféu	1	0	0
Furo	0	0	3
Goela abaixo	0	0	1
Indo para o pau (tempo)	1	0	0
Linhas do tiro	1	0	0
Meteu o pé	1	0	0
Pau (prejudicar)	14	0	2
Pau federal	1	0	0
Pancadaria	2	0	1
Pedinheiro	1	0	0
Playback	1	0	0
Preços de ouro	1	0	0
Ralo	4	1	4
Raves	2	0	0
Santa	5	1	0
Semaforizado	1	0	0
Tarifaço	4	0	0
Timão	22	0	0
Trovão	1	0	0

Vassoura	2	0	0
Varrer	1	0	1
Velório	1	0	0
Verdinho	3	0	0

Nota: elaborada pela autora com base nas mensagens dos *blogueiros* e nos *posts*.

Conforme os dados registrados no Quadro1, fica evidente que, no *blog* que representa a cidade de Maringá, Estado do PR, o número de ocorrência de ULNs foi maior em relação aos demais *blogs* totalizando 92 ocorrências. Já no *blog* que representa SC houve 26 ocorrências. Por fim, o *blog* que representa o Estado do RS obteve apenas duas ocorrências.

Haveria alguma explicação para isso? Pode-se especular que, talvez, pelo fato de se localizar no interior do Estado do PR, com forte influência da imprensa paulista, pelo fato do jornalista responsável ter mais experiência que os outros blogueiros, pelo fato de que este jornalista já tenha sido o editor chefe do jornal e, daí, ter mais liberdade de expressão, explique este número tão alto de criação de ULNs do que os outros colegas do RS e SC. De qualquer maneira, salta aos olhos o fato de que há essa maior liberdade de criação de ULNs por parte do *blog* do PR.

No gráfico abaixo, pode-se observar as 120 ocorrências, cabendo 77% ao *blog* que representa Estado do PR, 22% ao *blog* que representa o Estado de SC e 1% ao *blog* que representa o Estado do RS, o que representou sempre ser o mais tradicional.

Gráfico1: Porcentagem de recorrência das ULNs nos três *blogs*.

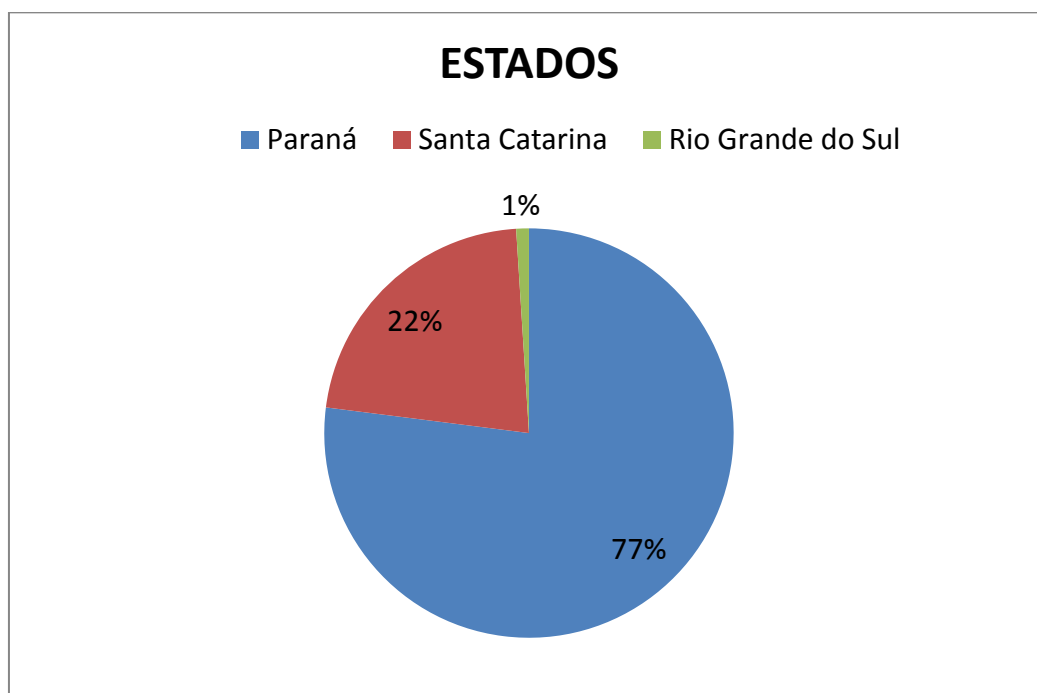


Gráfico 1: elaborado pela autora de acordo com a recorrência das ULNs analisadas nos três *blogs* analisados.

De modo geral, as ULNs que foram formadas nas mensagens dos *blogueiros* passaram a ser utilizadas por quem postava nos *blogs*, conforme os dados desta última análise.

A seguir, são demonstradas as ocorrências das ULNs conforme os assuntos tratados nos *blogs*.

Quadro 2: Número de ocorrência das ULNs de acordo com o assunto.

Assuntos	Número de ocorrências
Educação	10
Educação / sociedade	1
Futebol	36
Justiça	9
Mídia	1
Mídia / sertanejo	1
Polícia	2
Política	49
Política / sociedade	4
Profissão / aeroporto	1
Sociedade	1
Sociedade / economia	2

Sociedade / famosos	5
Tempo / período	1
Trânsito	1

Nota: elaborado pela autora conforme os assuntos em que as ULNs foram analisadas nas fichas neológicas.

Os assuntos que mais propiciaram o surgimento das ULNs foram a política com 49 ocorrências e o futebol com 36 ocorrências. Também é importante salientar que essas ULNs foram utilizadas na maior parte das vezes como uma forma de criticar, denunciar ou até mesmo satirizar algumas situações ocorridas por conta de alguns membros políticos, que, muitas vezes, utilizam de práticas ilícitas para, desta forma, obter aquilo que desejam, por exemplo, “a principal novidade na ‘*dança das cadeiras*’, que o governador Raimundo Colombo (PSD) promove agora em seu governo...” Em relação ao futebol, percebe-se que o emprego de certas ULNs é uma forma de satirizar algumas situações, por exemplo, “a seleção brasileira será *varrida* do campeonato...” ou mesmo “Neymar exhibe o penteado estilo ‘*vassoura*’ no treino da seleção”.

Por se tratar de *blogs* jornalísticos, os assuntos tratados diariamente eram imprevisíveis para os leitores. De modo geral, eles tratavam de assuntos semelhantes, mas em dias diferentes, conforme o gráfico a seguir, que contém a proporção das ocorrências de acordo com o assunto.

Gráfico 2: Porcentagem da recorrência das ULNs de acordo com os assuntos em que foram empregadas.

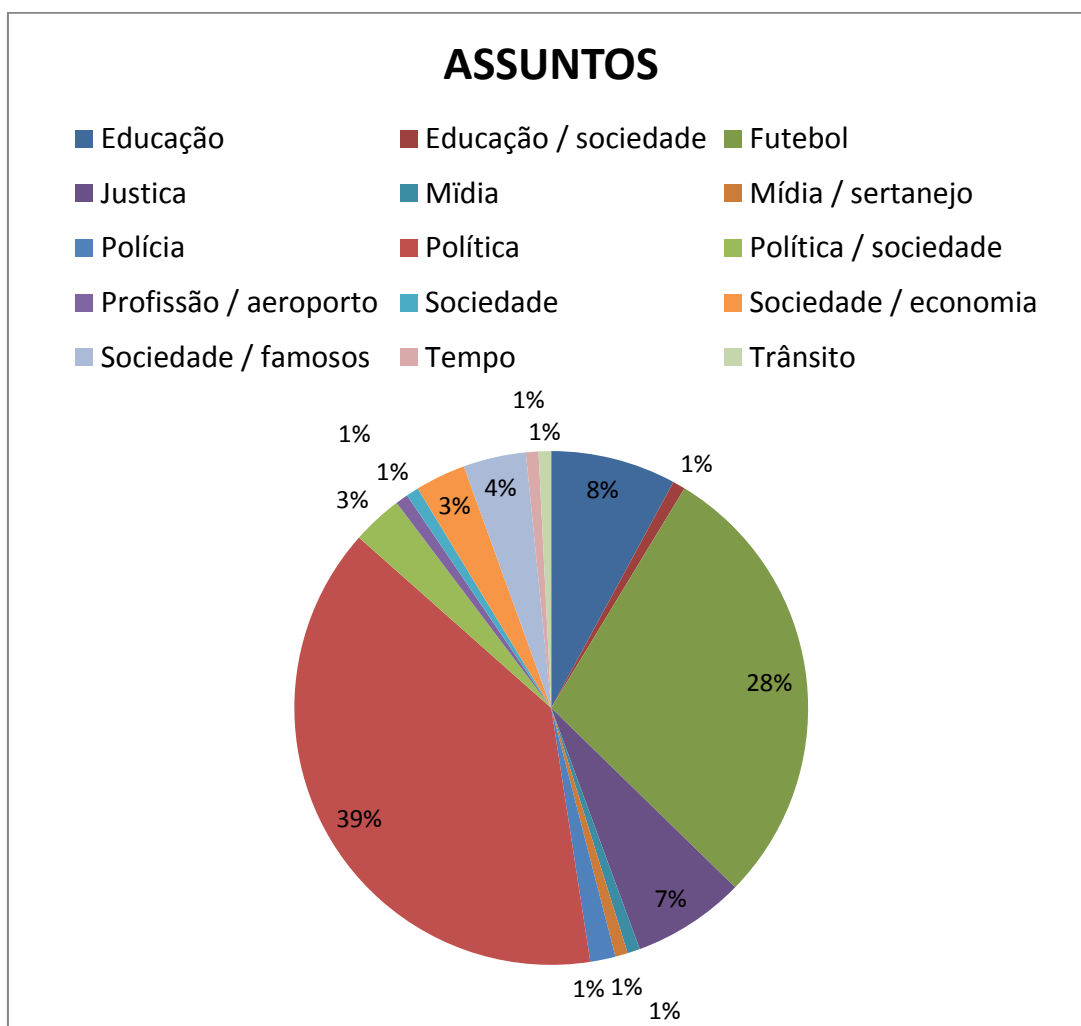


Gráfico: elaborado pela autora.

Pode-se observar no gráfico a seguir as ULNs analisadas com suas possíveis condições de uso, que foram transmitidas de acordo com os contextos que estão presentes nas fichas neológicas.

Quadro 3: As ULNs analisadas com suas possíveis condições de produção.

ULNs	Ideia a ser transmitida
Azul X vermelho	Afetividade
Bruxólica	Crítica
Cabidão de emprego	Crítica
Cabidaço da Infraero	Crítica
Choque de gestão	Sátira
Cornificação	Sátira
Cracolândia	Sátira
Danças das cadeiras	Sátira
Dar um pau (falar mal)	Crítica
Desafogar	Sátira
Emprego no telhado	Sátira
Encher os picuás	Crítica
Enterro	Sátira
Especula a rodinha	Crítica
Estrela	Sátira
Forféu	Crítica
Furo	Crítica
Goela a baixo	Crítica
Indo para o pau (tempo)	Crítica
Meteu o pé	Sátira
Pau (prejudicar)	Crítica
Pau federal	Crítica
Pancadaria	Crítica
Pedinheiro	Crítica
Playback	Crítica
Preços de ouro	Crítica

Nota: elaborado pela autora.

Dentre as análises realizadas nas fichas neológicas, foi possível observar que o grande número das ULNs, principalmente nos *blogs* que foram analisados, com assuntos destinados ao público adulto, estão sendo produzidos em larga escala para remeter à ideia de crítica, até porque essas ULNs têm como principal assunto a política. Logo, devido aos diversos descasos pelos quais a política brasileira tem passado por conta de ações ilícitas de governantes, de alguma forma os Estados que formam a Região Sul do País também acabam sendo afetados. Isto fica evidente com a ocorrência de 23 ULNs com ideia de crítica. Em segundo lugar, com 10 ocorrências com ideia de sátira, que de algum modo alguns dessas ULNs tem a política como assunto.

Os critérios para apresentar as condições de produção de cada ULN foram: primeiramente, foi observado o contexto em que esta palavra estava inserida; posteriormente, por meio dos sentidos identificados nos contextos, foi possível destacar possíveis condições de produção de cada ULN. Por exemplo, no contexto *Neymar exhibe o penteado estilo “<vassoura>” no treino da seleção* houve uma crítica do blogueiro quanto ao estilo do cabelo do jogador Neymar. Logo abaixo da mensagem, há um *post* de um leitor que diz “*Oscar é diferenciado, não só pelo futebol. Ele é HUMILDE! Ele não precisa ter cabelo de vassoura e nem brinco na orelha pra se aparecer...*”. Novamente, o jogador acaba recebendo uma crítica. Já no caso da ULN *cracolândia*, tem-se o seguinte contexto do *blogueiro*: “*Os policiais militares... Expulsaram os drogados de lá e avisaram que não vão mais permitir a <cracolândia> no loca*”. No *post* abaixo da mensagem, lê-se: “*tanto vagabundo que tinha nas redondezas, uma cracolândia terrível, os caras estão usando drogas como se fosse nas favelas do RIO DE JANEIRO*”. É perceptível que em ambas as ocorrências *cracolândia* receba um tom de sátira, pois as pessoas, por estarem indignadas com a situação, começam a tratá-la de uma forma mais “descontraída”. Diante das descrições das análises apresentadas, foi possível perceber que os usuários da língua produzem novas ULs ou mesmo agregam novos sentidos a ULs já existentes porque nem sempre encontraram uma UL disponível na língua para que consigam tentar expressar seus sentimentos, emoções e intenções. Com a análise dos assuntos, foi possível detectar que determinados assuntos influenciam o uso de neologismos mais que outros.

É relevante ressaltar que o *corpus* colhido foi de *blogs* jornalísticos e que desde o princípio, já havia uma presunção de que não haveria tanta recorrência de neologismos como em um *blog* de moda, por exemplo. Mas, em geral, houve um número relevante de

ocorrências de neologismos lexical e semântico. Houve a ocorrência de 29 neologismos semânticos, sete lexicais e um estrangeirismo.

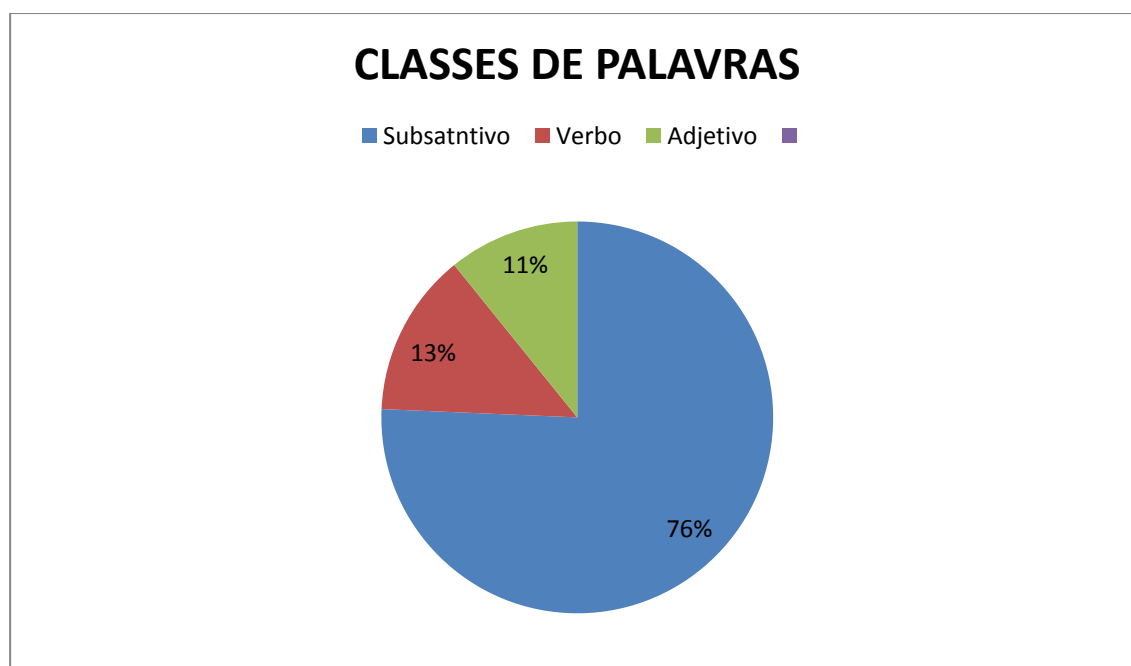
Outro fator identificável que influencia o uso de neologismos é o gênero textual como também o suporte *on line*, pois embora seja um texto jornalístico, que é diferente do jornal impresso, o *blog* permite que o usuário, no caso o *blogueiro*/jornalista, tenha uma escrita mais descontraída.

O *blog* que representa o Estado do PR obteve 15 ULNs utilizadas para criticar e sete ULNs usadas para satirizar. Já o *blog* que representa SC obteve cinco ULNs como crítica e apenas três neologismos como sátira. Por fim, no *blog* que representa o RS houve apenas uma ULN como crítica e nenhuma como sátira. Foi possível verificar que nos três *blogs* as ULNs que estão sendo utilizadas com a ideia de crítica foram as mais recorrentes.

A partir das análises, foi possível perceber que as figuras de linguagem metáfora e metonímia foram bastante produtivas no gênero textual *blog* com cunho jornalístico, ou seja, essas figuras de linguagem se revezam em quase todas as ocorrências de neologismo semântico.

Dentre as 37 ULNs analisadas nas fichas neológicas, foi possível obter os seguintes resultados:

Gráfico 3: Porcentagem das classes de palavras encontradas na análise.



Nota: elaborado pela autora.

A classe de palavras que predominou na análise foi a dos substantivos, por ser a classe de referências, obtendo 28 ocorrências, sendo 21 substantivos masculinos e sete substantivos femininos. Os verbos ficaram em segundo lugar com cinco ocorrências. Já os adjetivos tiveram quatro ocorrências. É o que se pode observar no seguinte quadro:

Quadro 4: Classe de palavras e observações linguísticas.

ULNs	Classes de palavra
Azul X vermelho	sm
Bruxólica	adj
Cabidão	sm
Cabidaço	sm
Choque de gestão	sm
Cornificação	sm
Cracolândia	sf
Danças das cadeiras	sf
Dar um pau (falar mau)	v
Desafogar	v
Emprego no telhado	sm
Encher os picuás	v
Enterro	sm
Especula a rodinha	sf
Estrela	sf
Forféu	sm
Furo	sm
Goela a baixo	sf
Indo para o pau (tempo)	v
Linhas do tiro	sf
Meteu o pé	v
Pau (prejudicar)	sm
Pau federal	sm
Pancadaria	sf
Pedinheiro	sm
Playback	sm
Preços de ouro	sm
Ralo	sm
Raves	sm
Santa	adj
Semaforizada	adj
Tarifaço	sm
Timão	sm
Trovão	sm
Vassoura	adj
Varrida	v
Velório	sm

Verdinho	sm
----------	----

Nota: elaborado pela autora de acordo com os contextos das ULNs.

No Quadro 5, a seguir, serão demonstrados possíveis os tipos de neologias encontradas nas ULNs analisadas nas fichas neológicas, de acordo com o critério estabelecido por Correia *et al.* (2012, p. 18), ou seja, se é denominativo, estilístico ou aquelas que não despertam sentimento de novidade no falante, que geralmente são representados pelas ULNs lexicais.

Quadro 5: Tipo de neologia das ULNs analisadas nas fichas neológicas.

ULNs	Tipo de neologia
Azul X vermelho	Estilística
Bruxólica	Estilística
Cabidão de emprego	Estilística
Cabidaço de emprego	Estilística
Choque de gestão	Estilística
Cornificação	Estilística
Cracolândia	Denominativa
Danças das cadeiras	Estilística
Desafogar	Estilística
Dar um pau (prejudicar)	Estilística
Emprego no telhado	Estilística
Encher os picuás	Estilística
Enterro	Estilística
Especula a rodinha	Estilística
Estrela	Estilística
Forféu	Estilística
Furo	Estilística
Goela a baixo	Estilística
Indo para o pau (tempo)	Estilística
Linhas do tiro	Estilística
Meteu o pé	Estilística
Pau (falar mal)	Estilística
Pau federal	Estilística
Pancadaria	Estilística
Pedinheiro	Denominativa
Playback	Estilística
Preços de ouro	Estilística
Ralo	Estilística
Raves	Denominativa
Santa	Estilística
Semaforizada	Denominativa
Tarifaço	Denominativa
Timão	Estilística

Trovão	Estilística
Vassoura	Estilística
Varrida	Estilística
Velório	Estilística
Verdinho	Estilística

Nota: elaborado pela autora de acordo com os contextos das ULNs.

No Quadro 5, é possível observar que houve apenas quatro ocorrências de neologia denominativa e 33 ocorrências de neologia estilística. Este fato pode ter se dado porque o gênero *blog* propicia este uso de ULNs com caráter inovador, como uma forma de atrair o leitor. Além disso, os *blogueiros* são jornalistas, dessa forma, querem transmitir as informações diárias de um modo diferenciado, para assim, conseguirem manter ou ampliar o número de acessos e postagens em seus *blogs*.

No *blog* que representa o Estado do Paraná, houve quatro ocorrências de neologia denominativa e 25 estilísticas. Já no *blog* que representa o Estado de SC, não houve qualquer ocorrência de neologia denominativa, mas apresentou sete estilísticas. E no *blog* que representa o Estado do RS ocorreu o mesmo com relação à neologia denominativa, obtendo apenas uma neologia estilística.

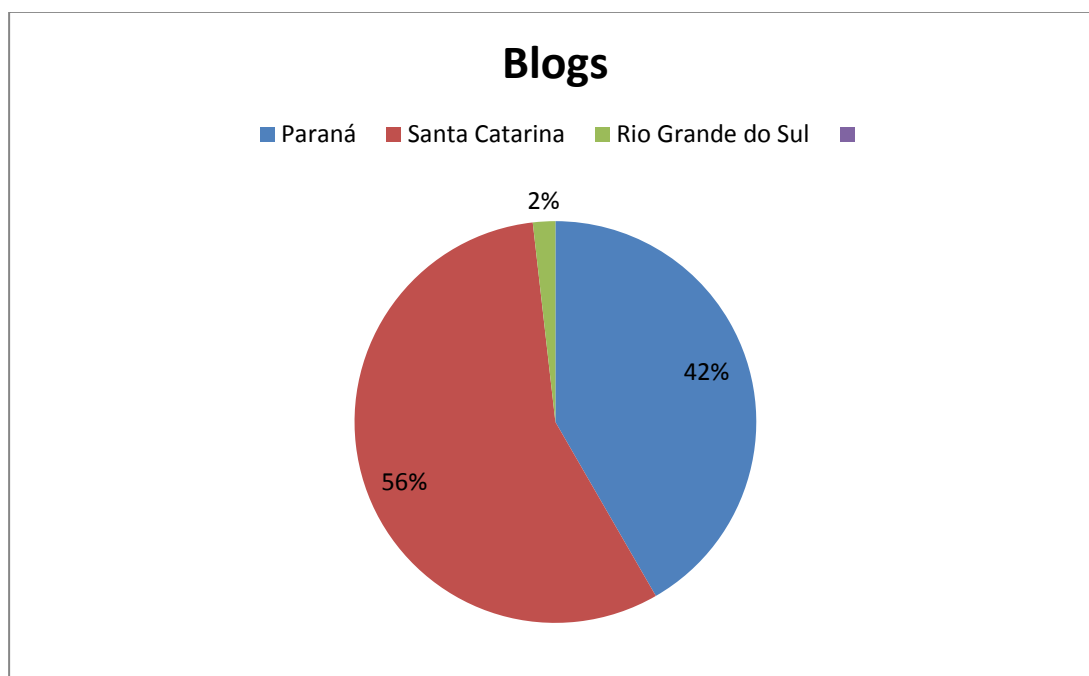
A reflexão sobre a expressividade das ULNs pode melhorar o conhecimento das novas possibilidades da língua. Abordando uma visão estilística do seu uso, essa questão traduz-se na procura de meios linguísticos que podem expressar ideias e emoções. A pesquisa sobre ULNs propicia sem dúvida entrever essas possibilidades.

Os falantes não devem se privar do uso de criações lexicais, por meras razões de ordem formal da própria língua que obrigam a um apego à ideia de ausência criativa, de incompreensão ou de falta de repertório linguístico. É perceptível que o uso de ULNs no gênero *blog* é uma impressão da criatividade redacional. A Estilística aprecia essas novas formas como resultados expressivos de uma informação formada conscientemente e não arbitrariamente, como ficou muito evidente com o *blog* que representa o Estado do PR. Mesmo que sua existência seja efêmera, tais constituintes, pela sua natureza bem acabada, marcante e diferenciada, enriquecem o arranjo entre imagem e texto. A multiplicidade de formas novas encanta qualquer leitor e o leva além do patrimônio dicionarizado do léxico português, ou seja, quando se depara com as novas palavras, ele reaprende sua própria língua podendo, até mesmo, utilizar essas novas palavras. Pode-se observar que o *blog* que representou o Estado do PR tem um relevante número de *posts* pelo fato da linguagem

utilizada ser de fácil acesso, as informações serem instantâneas e também a criatividade produzida, que pode ser evidenciada por meio das ULNs.

Também é importante ressaltar que o *blog* que representa o Estado do PR conseguiu obter dentre deste período de pesquisa 206.826 palavras-ocorrências, obtendo 41,64% do total. O *blog* que representa o Estado de SC conseguiu atingir 280.653 palavras-ocorrências com 56,50%. O *blog* que representa o RS obteve 9.202 palavras-ocorrências com apenas 1,85%. O total geral chega a 496.681 palavras-ocorrências, conforme demonstra o gráfico a seguir:

Gráfico 4: Porcentagem de palavras encontradas nos *blogs* no período de análise.



Nota: elaborado pela autora.

A partir desses dados, foi perceptível que, dentre 486.681 palavras-ocorrências, o *blog* que representa o Estado do PR foi o que mais produziu ULNs, pois por meio de 41,64% de palavras analisadas obteve 92 ocorrências entre a mensagem do *blogueiro* e os *posts* dos leitores. É importante salientar que grande parte dessas ULNs apareceram no título das mensagens do *blogueiro*, como uma forma de produzir títulos mais atrativos com o intuito de conseguir atrair o leitor para ler as informações ou até para que postassem no *blog*, porém também foi possível encontrar ULNs no corpo do texto. Com a análise, ficou

evidenciado que este *blog* não tem um público-alvo específico, ou seja, por meio dos *posts* dos leitores foi possível identificar que as pessoas que postam no *blog* possuem diferentes graus de instrução.

Algumas das ULNs que foram analisadas apresentaram apenas uma ocorrência, mas se pode dizer que elas procuram corresponder a uma maior expressividade do discurso, para traduzir ideias não originais de um modo novo, ou para produzir de uma forma inédita uma nova visão de mundo, conhecida como neologia estilística, segundo Correia *et al.* (2012).

No *blog* que representa o Estado de SC, foi possível perceber que o comentário do *blogueiro* era longo, havia uma resistência à norma padrão da língua, por conta disso, como também por causa dos *posts*, que não eram muitos, foi possível ressaltar que este *blog*, diferente do *blog* que representa o Estado do PR, possui um público-alvo específico.

Por fim, o *blog* que representa o Estado do RS apresentou as características semelhantes daquelas encontradas no *blog* que representa o Estado de SC, no caso, mensagens longas, predomínio da norma padrão da língua, baixo número de *posts*. O número de mensagens postadas pelo *blogueiro* foi bem menor em relação ao *blog* que representa o Estado do PR e de SC, pois ficou visível que este *blog* tem um público específico, sem contar que o *blogueiro* não postava todos os dias, às vezes, deixava semanas sem atualizar o *blog*, o que pode ser evidenciado com o baixo número de palavras encontradas.

A partir dos *blogs* que representam o RS e SC, foi possível detectar que, embora se tenha um gênero virtual, que não exigiria, talvez, um vocabulário que prezasse pelo predomínio da norma padrão culta da língua, ainda há certa resistência de que a língua escrita deve ser apenas a formal, logo as variedades linguísticas desses Estados não estavam presentes nesses *blogs*, e a linguagem formal foi bastante predominante, fato que não foi evidenciado no *blog* que representa o Estado do PR.

Diversas ULNs que foram analisadas já são recorrentes na fala da população brasileira, como *cracolândia*, *timão*, *pau* com os diferentes sentidos, *pancadaria*, *bruxólica*, etc. E foram considerados neologismos, pois ainda não estão dicionarizados no *corpus* de exclusão, ou seja, no *Dicionário Houaiss* versão 2.0. Muitas dessas ULNs estariam em uso por necessidade do falante, por exemplo, *cracolândia* não tinha uma ULN específica para explicar esta situação. Logo o usuário da língua sentiu a necessidade de criar uma nova para expressar aquela situação. Ou mesmo a ULN *timão*, se referindo ao

time do Corinthians. Geralmente, quem se refere ao time desta forma é porque acha que o time é muito bom, ou seja, este neologismo é uma forma de o falante expressar seus sentimentos. Até mesmo utilizam-se as ULNs para criticar quando algo está com o valor elevado, dizendo que este produto está com *preço de ouro*. Assim, é perceptível que as ULNs não são criadas por acaso, mas sim, têm um intuito na criação daquela nova ULN, ora para chamar a atenção, ora para dar um nome a algo que ainda não tem um nome definido.

É importante salientar que todas as ULNs que foram analisadas possuem um provável sinônimo, como pode ser verificado nas fichas de pesquisa neológica. Assim é possível concluir que grande parte dos neologismos tem um sinônimo ou mesmo, conforme muitos estudiosos ressaltam, parassinônimos, pois a partir do momento que uma palavra foi criada para nomear algo existente na língua, provavelmente, quando o falante utilizar a ULN, terá uma intenção diferenciada. Então, as ULNs poderão não ter sinônimos perfeitos, ou seja, há ULNs que os sentidos dos termos não são totalmente equivalentes. No caso das ULNs analisadas, são prováveis sinônimos *cabidão de emprego* e *cabidaço de emprego*.

Apesar de as ULNs serem utilizadas na fala de muitas pessoas, ainda existe certo preconceito ou receio por parte de outras, pois esses indivíduos têm a ideia de que falar ou escrever palavras que não estão dicionarizadas pode diminuir a sua capacidade de se comunicar bem, ou seja, têm uma concepção arraigada de falar a todo o momento a língua no padrão culto.

Tal como se deseja transmitir aos filhos os valores e a cultura do passado intacto, assim também se espera transmitir-lhes a herança da língua. Mas, de um modo insuportável para o purista, são as gerações jovens que, apropriando-se da língua, a mudam. A língua se encontra, assim, perpetuamente rejuvenescida e não envelhecida, ao passo que seus falantes, inexoravelmente, envelhecem. Aceitar a mudança é se sentir de certo modo despossuído, é perder um poder sobre e pela língua, conforme comenta Bagno (2001, p. 68).

A língua, espelho da cultura, reflete essa busca irrequieta da novidade, evoluindo rapidamente, introduzindo novos termos, que de modo geral são aceitos. Assim, o neologismo passa a ser tão ligado à sociedade atual, algo tão ao gosto do homem moderno, sequioso de mudanças e novidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação buscou apresentar uma análise de novas ULNs identificadas em três *blogs*, cujos blogueiros eram jornalistas de três jornais da Região Sul do Brasil (correspondendo aos Estados do PR, RS e SC), por meio das fichas neológicas transformadas em uma espécie de verbete, como demonstrar as ocorrências dessas ULNs que foram analisadas nos *blogs*, e também mostrar dentre os assuntos que estavam presentes nos *blogs* os que mais propiciaram a criação de ULNs e assim propor uma discussão a respeito das definições de ULNs por meio do embasamento teórico já citado.

Conforme as análises quantitativas apresentadas, foi possível obter os seguintes resultados: no *blog* que representou o Estado do PR, houve 29 ocorrências; já no *blog* destinado a SC, foram obtidas sete ocorrências; por fim, no *blog* que representou o RS houve uma ocorrência. O total foi de 37 ULNs identificadas em um período de um ano, conforme foi possível observar com as fichas neológicas.

Na análise geral, mensagens do *blogueiro* e *posts* dos leitores, o *blog* que representou o Estado do PR apresentou um número de ocorrências de ULNs maior em relação aos demais *blogs*, totalizando 92 ocorrências. Já o *blog* que representou SC apresentou 26 ocorrências. Por fim, o *blog* que representou o Estado do RS apresentou apenas duas ocorrências. Com base em 496.681 palavras-ocorrências, foram constatadas 120 ocorrências de ULNs.

Os assuntos que mais propiciaram o surgimento das ULNs foram a política e o futebol. Também é importante salientar que essas ULNs foram utilizadas na maior parte das vezes como uma forma de denunciar, criticar ou até mesmo satirizar algumas situações ocorridas por conta de alguns membros políticos.

Dentre as análises realizadas nas fichas neológicas, foi possível verificar que grande número das ULNs, principalmente nos *blogs* analisados, estão sendo produzidas em larga escala para remeter à ideia de crítica, até porque essas ULNs têm como principal assunto a política. Logo, devido aos diversos descasos que a política brasileira tem passado, de alguma forma os Estados que formam a Região Sul do País também acabam sendo afetados.

É importante ressaltar que o tipo de neologia mais encontrado nas ULNs analisadas foi o estilístico devido ao gênero que foi analisado, que exige cada vez mais criatividade dos *blogueiros*, como também por serem jornalistas que tentam transmitir as informações

diárias de uma forma mais atraente, o que propicia mais acesso e postagem dos leitores. Dessa forma, pode-se concluir que os fatores que favorecem a produção de neologismos estão relacionados ao assunto e ao gênero textual em que estão sendo empregados.

A classe de palavras que predominou na análise foi a dos substantivos, por ser a classe de referência, obtendo 28 ocorrências. Os verbos ficaram em segundo lugar com cinco ocorrências. Já os adjetivos tiveram quatro ocorrências apenas.

Nos três *blogs* analisados, foi possível perceber que o *blog* que representou o Estado do PR, mais exclusivamente a cidade de Maringá, cidade do interior do PR, foi a que mais produziu neologismos. Fato que não ocorreu nos *blogs* que representaram o Estado do RS e SC, que são de capitais, ou seja, representam Porto Alegre e Florianópolis. Tal fato desencadeou a realização de novos estudos e, dessa forma, levou a entender as nuances de tais acontecimentos, isto é, tentar descobrir o porquê do *blog* que representou o interior do PR produzir maior quantidade de ULNs em relação às capitais dos *blogs* analisados, mas os objetivos que foram propostos, nesta dissertação, foram contemplados.

Por meio desta pesquisa, ficou claro que as ULNs criadas na Região Sul do Brasil não se diferem daquelas empregadas em outras Regiões brasileiras, ou seja, todos têm acesso a tudo e já não há diferença regional quanto a este quesito.

Apesar das ULNs não serem dicionarizadas, o seu forjamento baseado nos fundamentos da própria língua de partida determina sua posição existencial no universo linguístico da obra, e posteriormente, da língua. Pode-se concluir que não se deve ignorá-las ou silenciá-las devido aos imperativos discursivos de exacerbação purista ou mesmo por razões de ordem formal que se obriga a um apego à ideia de ausência criativa ou de falta de repertório linguístico.

Vale lembrar que as ULs que tiveram maior número de recorrência são as que têm maior probabilidade de serem abonadas pela comunidade linguística e passarem, dessa forma, a serem dicionarizadas. No caso, as ULs que possuem a neologia denominativa, provavelmente, terão maiores chances de serem dicionarizadas, pois não possuem sinônimos ou parassinônimos específico. É possível, apenas, denominar uma situação, como é o caso de *cracolândia*, que se refere ao local em que estão presentes diversos usuários de *crack*.

Em geral, as 37 ULNs analisadas possuem um sinônimo ou parassinônimo, como evidenciado nas fichas neológicas, mas, às vezes, este sinônimo não consegue ser representado por uma palavra específica, mas sim, por uma situação ou por várias ULs.

Cria-se a ULN para facilitar a comunicação, por exemplo, *cabidão*, em vez de dizer aumento de opção, ou seja, as ULNs também propiciam que os pensamentos, emoções, ideias sejam ditas com menor número de palavras, fator que também caracteriza a economia da língua.

A temática deste trabalho está longe de ser esgotada, até porque se está lidando com um objeto instável, no caso, a língua, pois como já foi visto ela está sempre se renovando. O maior intuito deste estudo foi demonstrar que essas ULNs não devem ser ignoradas, pois mesmo que sejam sinônimas de outras ULs acabam tendo um sentido diferenciado da UL original, mesmo que este sentido seja tênue, por exemplo, a UL desclassificação e a ULN *varrido*, que normalmente são utilizadas em situações comunicativas diferentes: a ULN *varrido*, geralmente, é usada por pessoas que querem satirizar determinada situação, como foi evidenciado na análise, o que, talvez, não tivesse tanto resultado se fosse expresso com a outra UL já dicionarizada, porém a UL desclassificação é utilizada em situações mais formais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTENHOFEN, Cléo V. *Hunsruckisch in Rio Grande do Sul*. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutsch-brasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen. Stuttgart: Steiner, 1996.
- ALVES, I. M. *Neologismo. Criação lexical*. São Paulo: Ática, p. 5-98, 1990.
- AULETE, Francisco Júlio Caldas. *Dicionário contemporâneo de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, p. 2491, 1970.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*. São Paulo: Layola, 2001.
- BAKHTIN, M. V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, p. 13-123, 1999.
- BALDINGER, Kurt. *Teoria semântica: hacia una semântica moderna*. Madrid: Ediciones Alcalá, p. 109-223, 1970.
- BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. São Paulo: Global, 1981.
- _____. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: identidade científica. objeto, métodos, campos de atuação. In: *Simpósio latino americano de terminologia*, 2; 1990, Brasília. Anais: União Latina/CNPq, p. 153-154, 1990.
- _____. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. In: *Reunião da comissão de estudo especial temporário de terminologia*, 1993, SP. Publicações... São Paulo: Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), p. 7-11, 1993.
- _____. Parassinonímia, funções e relatividade. In: *Revista do GELNE/ Universidade Estadual do Ceará*, Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, v. 1. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1999.
- BARROS, Lídia Almeida. *Curso básico de terminologia*. São Paulo: Edusp, p. 221, 2004.
- BASÍLIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, p. 9, 2004.
- BEJOINT, H. *Modern lexicography: an introduction*. Oxford: University, 2004.
- BENVENISTE, Emile. *Problemas de linguística geral*. Campinas: Pontes, 1989.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística. Teoria lexical e Linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BORBA, Francisco da Silva. *Organização de Dicionários: uma introdução à Lexicografia*. São Paulo: Editora Unesp, p. 15, 2003.

- BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York/ Chicago/ San Francisco/Toronto: Holt, Rinehart & Winston, p. 274, 1933.
- BREKLE, H. E. *Sémantique*. Paris: Colin, p. 69, 1974.
- BRONCKART, Jean-Paul. *Atividades de Linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: Editora da PUC-SP, Educ, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o falar quer dizer*. Prefácio e Tradução de Sergio Miceli. São Paulo: Edusp, 1998.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Princípios de linguística geral*. 6 ed. Rio de Janeiro: Padrão Livraria, 1980.
- _____. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, p. 198-201, 1975.
- CASTILHO, A. T. Diacronia dos adjuntos adnominais preposicionados no português brasileiro. In: CAGLIARI, G. (org.) *Descrição do português: estudos da linguística histórica*. Araraquara: Editora da Unesp, 2002.
- CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. *Neologia em português*. São Paulo: Parábola Editorial, p. 17-12, 2012.
- CRYSTAL, D. *Language and the internet*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- CRUSE, D. A. *Lexical Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 267, 1986.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 547, 1982.
- DEROY, Louis. *La néologie*. La Banque des Mots, p. 5, 1971.
- DÍAZ, Norma. “...und in welcherspracheträumst du?” “Da kurik ma português”. In: RADTKE & HUN (Herausgeber). *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie* (Heidelberg/ Mainz, 21. – 24/10/1991). Kiel: Westensee-Vert, 1996.
- DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de Linguística*. Trad. Frederico Pessoa de Barros [*et al.*]. São Paulo: Cultrix, 1999.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, p. 1.189, 1986.
- _____. *Novo Aurélio Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 1.862, 1999.
- FIORIN, José Luiz. *Política Linguística no Brasil*. Revista Gragoatá, n° 9, Niterói: Eduff, p. 21, 2000.

- FREIRE, Laudelino de Oliveira. *Grande e novíssimo dicionário de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, p. 3.592, 1957.
- GALISSON, Robert. *Lexicologie et enseignement des langues (essais méthodologiques)*. Paris: Hachette, p. 171-216, 1979.
- GIRAUD, Jean. *Petite Histoire du néologisme*, Via et Langage, p. 200, 1974.
- HAENSCH, G. et al. *La lexicografia. De la Linguística teórica a la Lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, p. 348-350, 1982.
- HENRIQUES, Claudio Cezar. *Morfologia: estudos lexicais em perspectiva sincrônica*. Rio de Janeiro: Campus-Elsevier, p. 138, 2007.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- ILARI, R., GERALDI, W. *Semântica*. São Paulo: Ática, p. 46, 1985.
- LYONS, J. *Linguistique générale: introduction à la linguistique théorique*. Paris: Larousse, p. 87-348, 1970.
- _____. *Semântica Linguística: una introducción*. Trad. de S. Alcoba. Barcelona: Paidós, 1997.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico de língua portuguesa com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos vocábulos e estudos*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 207, 1989.
- _____. *Os estrangeirismos na língua portuguesa*. Lisboa: Diário de Notícias, Col. Linguístic, p. 9, 1994.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1991.
- _____. *Gêneros textuais: o que são e como se escrevem*. Recife: UFPE, p. 47, 2000. Mimeo.
- _____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCHUSCHI, L. A. & XAVIER, A. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Editora Lulrna, p. 5-171, 2004.
- MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Libraire Honoré Champion, 1912.
- MENDONÇA, Renato. A influência africana no português do Brasil / Renato Mendonça, apresentação de Alberto da Costa e Silva, prefácio de Yeda Pessoa de Castro. — Brasília : FUNAG, 2012.
- NIKLAS-SALMINEM, Aime. *La Lexicologie*. Paris: Armand Colin/ Masson, p. 111, 1997.

- OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 1998.
- OLIVEIRA, Sheila Elias. Um espaço de enunciação para dizer os brasileirismos. *In*: NUNES, J. H.; PETTER, M. (orgs.) *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Editora Pontes, p. 109-112, 2002.
- POTTIER, B. *et al. Presentación de la lingüística*. Madrid: Románia, 1968.
- RIBEIRO, Julio. *Grammatica portugueza*. 10. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, p. 353, 1911.
- ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969. 2 v.
- ROSA, Maria Carlota. *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto, 2005.
- SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geografia nacional*. São Paulo: Editora Nacional, p. 69, 1987.
- SILVA, Antonio de Moraes. *Grande dicionário de língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Confluência, p. 246, 1949.
- SILVA, M. B. N. *Dicionário da História da Colonização Portuguesa no Brasil*. Lisboa: Verbo, p. 547, 1994.
- SILVA, Manoel M. A. da. *Dicionário terminológico da gestão pela qualidade total em serviços*. 2003. 2 v. 695 f. Tese (Doutorado em Letras: Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- SILVA NETO, Serafim. *Introdução do estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença/MEC, p. 50-59, 1976.
- TURAZZA, Jeni Silva. *Léxico e criatividade*. São Paulo: Annablume, 2005.
- ULLMANN, S. *Semântica: introducción a la ciência del significado*. Madrid: Aguiar, p. 159, 1965.
- VILELA, Mário. *Filologia e Linguística Portuguesa*. n. 1, p. 31-33, 1997.

REFERÊNCIAS ON-LINE

Blog PR

Disponível em: <<http://blogs.odiario.com/edsonlima/>>. Acesso de 13 fev 2012 a 13 fev 2013.

Blog SC

Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/moacirpereira>>. Acesso de 13 fev 2012 a 13 fev 2013.

Blog RS

Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/sensoincomum>>. Acesso de 13 fev 2012 a 13 fev 2013.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss 2.0*. Editora Objetiva Ltda., 2007. (CD-ROOM)

LUERSEN, Rosane Werkhausen. O vestfaliano em contato com o português no Sul do Brasil. *Anais do I Fórum Internacional da Diversidade Linguística: por uma política para a Diversidade Linguística no ensino de línguas*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. (CD-ROOM)